



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

A HERANÇA DA FALA:
IDENTIDADE ÉTNICA E MEMÓRIA DOCUMENTAL DA LÍNGUA XETÁ (TUPÍ-
GUARANÍ)

Brasília
2013

TISCIANNE CAVALCANTE DE ALENCAR

**A HERANÇA DA FALA:
IDENTIDADE ÉTNICA E MEMÓRIA DOCUMENTAL DA LÍNGUA XETÁ (TUPÍ-
GUARANÍ)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues

**Brasília
2013**

TISCIANNE CAVALCANTE DE ALENCAR

**A HERANÇA DA FALA:
IDENTIDADE ÉTNICA E MEMÓRIA DOCUMENTAL DA LÍNGUA XETÁ (TUPÍ-
GUARANÍ)**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Linguística da Universidade de Brasília.

Brasília, 30 de agosto de 2013.

Profa. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Dra. – Presidente
Universidade de Brasília

Profa. Carmen Lucia da Silva, Dra. – Membro Externo
Universidade Federal do Mato Grosso

Profa. Enilde L. J. Faulstich, Dra. – Membro Interno
Universidade de Brasília

Profa. Rozana Reigota Naves, Dra. – Suplente
Universidade de Brasília

À minha pedra angular, **Mãe de Todos Nós.**

Aos **Xetá** de ontem, de hoje, de amanhã.

Ao eterno mestre, Prof. Dr. **Aryon Rodrigues.**

AGRADECIMENTOS

Sempre me pareceu extremamente peculiar que a contraparte pessoal do trabalho acadêmico – agradecimentos e dedicatórias – precedesse justamente o corpo do texto, aquele que se respalda no rigor científico, nas assertivas assépticas de emoção e nas referidas notas para cotejamentos. Assim, isto me faz pensar em Mario de Andrade com o seu “Prefácio Interessantíssimo”: duas formas de beleza, antagônicas... que não se complementam, que não se suplantam ou refratam, mas se embaralham e assim prosseguem.

Para muitos, útil; para tantos, necessário: agradecer, aqui para o texto acadêmico, tem a dor e a delícia do ser. Trabalho concretizado, reelaborado, costurado, difícil de esquecer e de elencar quem dele fez parte nas entrelinhas da autora ou da ciência que se lida em teorias e dados.

Assim, agradeço imensamente ao meu orientador, Prof. Dr. Aryon D. Rodrigues, pelas valiosíssimas lições de ciência e de ética das quais jamais prescindirei. Pela sua extrema generosidade em formar novas gerações e com elas compartilhar suas décadas de estudos, certamente não terá seu nome apagado nem em minha memória fugaz, nem na história da ciência lingüística.

De forma especial, agradeço à Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral por aceitar a presidência da banca dessa dissertação em momento tão ímpar de realização. À “nossa professora” devo agradecer por inúmeros pontos, dentre os quais destaco a confiança em mim depositada e o cuidado com o rigor acadêmico do texto. Agradeço também a ela pela dedicação, pelo enriquecedor convívio e pelos debates mais do que profícuos.

Meus sinceros agradecimentos aos membros da banca pela criteriosa avaliação e pelos comentários, Profa. Dra. Enilde Faulstich, Profa. Dra. Carmen Lucia da Silva e Profa. Rozana Reigota Naves.

Mais do que sincera e especial, minha gratidão para Francine Nunes é pela confiança que ela teve na realização deste estudo, mesmo quando eu não conseguia vê-lo realizado. Quando me faltavam as palavras e os meios, a sua interlocução possibilitou-me avançar cada vez mais. Desafiamos, mais uma vez e sempre, os limites do possível.

Especialmente também agradeço a Juvan e Neusa (*in memoriam*) porque sei que deles fui a depositária da melhor herança: a busca incessante pelo conhecimento. À minha

família, meu eterno reconhecimento pelo apoio. Se a cada um de vocês dedilhasse meus agradecimentos, essas páginas introdutórias certamente não seriam suficientes.

Agradeço de igual maneira, especialmente:

Aos pesquisadores do LALI – Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, dos quais não citarei nomes por medo de incorrer no silêncio de alguns: pelos momentos de crescimento na pesquisa e pelo trabalho conjunto com as línguas indígenas.

Aos professores Rosangela Célia Faustino, Lúcio Tadeu Mota e Simone Jacomini Novak, bem como aos demais pesquisadores e funcionários do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história da Universidade Estadual de Maringá pela formação inicial e decisiva em minha trajetória. Pelas calorosas discussões teóricas e pelos frutíferos trabalhos de campo, meus agradecimentos certamente não se esgotam nessas palavras.

À família Raiol Lopes por ter me acolhido na nostalgia paraense sob o céu e os desafios brasileiros. Vocês certamente estão nas entrelinhas desse trabalho.

Aos meus amigos, que aqui vão nominados sem que a ordem traduza a importância em minha vida pessoal e profissional: Camila Andrea, Keros Gustavo, Kleverton Sanches, Glauco Constantino, Alúzio Carsten, Vanessa Lança, Flavia Molina, Ronaldo Ferreira, Camila Rubia, Eduardo Bueno, Rodrigo Cazangi e Alessandro da Rocha.

Aos Xetá pelas oficinas e pela participação nos trabalhos de campo. À CAPES e ao CNPq pelo aporte financeiro que decisivamente possibilitou essa pesquisa, especialmente por meio do projeto *Jané Rekó Paranhá* – O Contar de Nossa Existência. Aqui, também não me esqueço da participação da equipe da Coordenação de Educação Escolar Indígena da SEED/Paraná liderada por Cristina Cremonuzzi, a equipe da Escola Indígena da T.I. São Jerônimo e os pesquisadores do Museu Paranaense, notadamente a Dra. Cláudia Parellada.

Aos professores de minha licenciatura em Letras pela Universidade Estadual de Maringá, especialmente a Maria Regina Pante, Juliano Antonio, Ana Cristina J. Hintze, Renilson Menegassi, Celia Santos, Thomas Bonnici e Marisa Silva pela sólida formação e pelo incentivo cotidiano ao trabalho científico.

Para concluir, como diria o já citado Mario de Andrade, o convite a novos autores e pesquisadores para as fontes e o trabalho aqui apresentados: “Aliás versos não se escrevem para leitura de olhos mudos.”

“Porque, mesmo quando a gente já fala a língua de outro povo, não significa que entendamos as coisas que eles fazem. É isto que é difícil.” (Tucanambá José Paraná, “Tuca”, indígena Xetá. In: SILVA, 1998, p. 197).

RESUMO

Essa dissertação põe em relevo a história da identificação da língua do povo indígena Xetá, a partir de uma discussão dos dados contidos nas listas e nas hipóteses dos diferentes estudiosos que as coletaram ou que as usaram para os seus respectivos diagnósticos lingüísticos. A idéia de reunir tal material e considerar os demais dados existentes sobre a língua, quais sejam dissertações, artigos, gravações em áudio e em vídeo, materiais didáticos, assim como o conhecimento que os descendentes Xetá guardam em sua memória da língua falada por seus ancestrais, partiu da necessidade de desenvolver um programa de revitalização da língua Xetá reivindicado pelos próprios indígenas nos últimos 15 anos. O estudo consistiu em um inventário dos dados publicados desde 1878 até o presente e de uma avaliação da possibilidade de seu uso em projetos de revitalização da língua Xetá. Além da discussão sobre a qualidade e a serventia desses dados, fundamentamo-nos na literatura especializada sobre as condições e os métodos de revitalização lingüística de línguas em estado crítico, seja pelo número reduzido de falantes, seja pela situação de contato opressora das línguas nativas vivenciadas por vários grupos indígenas (HINTON, 2001; ASH, FERMINO & HALE, 2001). Considerou-se fundamentalmente as contribuições dos próprios Xetá para o conceito de revitalização que eles pretendem aplicar para o seu fortalecimento lingüístico e cultural.

Palavras-chave: Língua Xetá. Documentação Lingüística. Revitalização Lingüística. Identidade lingüística e cultural.

ABSTRACT

This M.A. thesis gathers the studies produced on the Xetá language and discuss the data published on lists since 1878, as well as some hypothesis developed by different scholars on the origin of the Xetá language as being genetically related to Tupí-Guarani or not. As the study aimed to provide an evaluation of the possibility of using this material in linguistic revitalization projects favoring the Xetá people, we grounded our study on the theoretical foundations and methods of linguistic revitalization to endangered languages as exposed on HINTON, 2001; ASH, FERMINO & HALE, 2001. The idea of collecting these materials and further types of data on the Xetá language (such as thesis, papers, audio and video recordings, instructional materials and the Xetá's descendant knowledge about their ancestral language) emerged from the need of a revitalization program claimed by Xetá Indians in the last 15 years.

Keywords: Xetá language. Language documentation. Language revitalization. Cultural and linguistic identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Albert Frič com prováveis ancestrais Xetá	32
Figura 2 — Excerto de Elliot (1847)	36

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 — Bacia do rio Ivaí no Estado do Paraná.....	21
Mapa 2 — Presença Indígena (recorte de Ihering, 1907).....	26
Mapa 3 — Hipótese da migração histórica dos grupos Tupí por Loukotka (1929).....	41

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Línguas Ameaçadas – Panorama Mundial	69
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Vocabulário dos Arés por Borba (1904)	38
Tabela 2 — Palavras da língua “Notobotocudo” por Ihering (1907).....	39
Tabela 3 — Convenção utilizada por Loukotka (1929) para transcrição dos dados de Frič ..	42
Tabela 4 — Comparação das listas de Borba e de Frič segundo Loukotka (1929).....	43
Tabela 5 — Comparações estatísticas de Loukotka (1929) para o Xetá.....	45
Tabela 6 — As Vogais da língua da Serra dos Dourados cf. Loukotka (1960).....	51
Tabela 7 — As Consoantes da língua da Serra dos Dourados cf. Loukotka (1960).....	52
Tabela 8 — Alguns exemplos da língua da Serra dos Dourados em Loukotka (1960).....	52
Tabela 9 — A glosa ‘olho’ em três diferentes listas da língua Xetá.....	53
Tabela 10 — Palavras Xetá elencadas por Santanché (1964).....	54
Tabela 11 — Exemplos do Xetá citados em Rodrigues (2011[1978]).....	57
Tabela 12 — Indicativo I no Xetá por Cabral, Rodrigues & Vasconcelos.....	59
Tabela 13 — Línguas Ameaçadas – Graus de Severidade (cf. Hinton 2001).....	71
Tabela 14 — Vitalidade das línguas quanto à Transmissão Intergeracional.....	72
Tabela 15 — Questões norteadoras para a discussão de programas de revitalização de línguas	73
Tabela 16 — Roteiro de passos para a revitalização lingüística.....	75

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CELEPAR - Companhia de Tecnologia da Informação e Comunicação do Paraná.
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
ISA – Instituto Socioambiental
ITCG – Instituto de Terras, Cartografia e Geociências
LALI – Laboratório de Línguas Indígenas
RLS – *Reverse Language Shift*
SEED/PR – Secretaria de Estado da Educação do Paraná
SEMA/PR – Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Paraná
T.I. – Terra Indígena
UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	9
LISTA DE MAPAS	10
LISTA DE GRÁFICOS	11
LISTA DE TABELAS	12
LISTA DE ABREVIATURAS	13
SUMÁRIO	14
INTRODUÇÃO	16
1. METODOLOGIA	18
2. ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	18
CAPÍTULO I	
OS XETÁ: PERFIL BIBLIOGRÁFICO	20
1. VISÃO GERAL: A ETNIA XETÁ E O SEU TERRITÓRIO TRADICIONAL	20
1.2. DENOMINAÇÕES ATRIBUÍDAS AOS XETÁ	24
2. RELATOS HISTÓRICOS	27
3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS	34
CAPÍTULO II	
O CONHECIMENTO LINGÜÍSTICO SOBRE A LÍNGUA XETÁ	35
2.1. PRIMEIROS REGISTROS DO SÉCULO XIX: IMPRESSÕES ACERCA DA LÍNGUA FALADA PELOS “BOTOCUDOS” DO IVAÍ	35
2.2. T.P. BIGG-WITHER (1878 [1974])	36
2.3. T.M. BORBA (1904)	37
2.4. H. VON IHERING (1907)	39
2.5. A. V. FRIČ & Č. LOUKOTKA (1929)	39
2.6. R.F.MANSUR GUÉRIOS (1959)	45
2.7. J.L. FERNANDES (1958)	48
2.8. GUDSCHINSKY & BRIDGEMAN, 1959 (SIL)	49
2.9. Č. LOUKOTKA (1960)	50
2.10. SANTANCHÉ (1964)	53
2.11. RODRIGUES (1978)	54
2.12. CABRAL, RODRIGUES & VASCONCELOS (2005)	59
2.13. VASCONCELOS (2008)	62
2.14. VOCABULÁRIO ILUSTRADO XETÁ - <i>ÑANÉ PARANUHÁ</i> (2013)	63

2.15. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	63
CAPÍTULO III	
A SUBSTITUIÇÃO DA LÍNGUA NATIVA DE UM GRUPO ÉTNICO E POSSIBILIDADES DE RETOMADA DA LÍNGUA TRADICIONAL.....	67
3.1. METODOLOGIAS UTILIZADAS NA RETOMADA DAS LÍNGUAS TRADICIONAIS.....	76
3.1.1. PROGRAMAS BASEADOS NA ESCOLA	77
3.1.2. DESENVOLVIMENTO E DOCUMENTAÇÃO DE MATERIAIS	80
3.2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	81
CAPÍTULO IV	
A IDENTIDADE ÉTNICA XETÁ PERMANECE: AS INICIATIVAS PARA REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA XETÁ.....	83
4.1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	96
ANEXO I — CARTA PÚBLICA XETÁ	97
ANEXO II — TERRAS INDÍGENAS DO ESTADO DO PARANÁ.....	98
ANEXO III — LISTA DE PALAVRAS XETÁ APRESENTADA POR LOUKOTKA (1929).....	99
ANEXO IV — LISTA DE PALAVRAS XETÁ APRESENTADA POR GUÉRIOS (1959).....	106
ANEXO V — LISTA DE PALAVRAS XETÁ APRESENTADA POR FERNANDES (1959).....	114

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como foco a documentação da língua Xetá e os seus contextos de produção, assim como as iniciativas empreendidas para a revitalização lingüística reivindicada pelo povo Xetá. Apesar da expropriação dos territórios tradicionais, a identidade étnica do grupo tem se mantido diferenciada da sociedade majoritária e das demais sociedades indígenas, sendo tais marcadores étnicos fundamentados, muitas vezes, nas referências trazidas pela língua Xetá.

É importante salientar que nas últimas décadas os Xetá migraram para várias localidades nos estados do Paraná, Santa Catarina e São Paulo, já que não têm uma terra demarcada e garantida por lei. Assim, tal movimento involuntário e forçado por diversos fatores que serão oportunamente citados, contribuiu fundamentalmente para a não manutenção da língua Xetá como principal língua de comunicação do grupo.

Os Xetá foram localizados pela primeira vez na região que compreende a bacia do rio Ivaí (atual Estado do Paraná) e nela viveram desconhecidos por grande parte da população não-indígena do entorno até o final da década de 1940, quando as frentes de colonização tornaram o contato inevitável. As ações das companhias colonizadoras dizimaram inúmeros indivíduos em menos de duas décadas.

Ainda que várias iniciativas – públicas e até mesmo acadêmicas – tenham declarado que o povo Xetá e as suas tradições não mais existiriam (ao considerarem apenas a existência de oito pessoas), a estimativa hoje é de que haja cerca de 100 indivíduos em 25 famílias, habitantes de diferentes regiões dos estados do Paraná, Santa Catarina e São Paulo (cf. SILVA, 2003; MOTA, 2013).

Após quase quatro décadas de silêncio no âmbito acadêmico, os Xetá voltaram ao debate científico com as pesquisas de Carmen Lucia da Silva (1998; 2003; dentre outras). Por conta de tal iniciativa, em 1997 ocorreu o primeiro “Encontro Xetá: Sobreviventes do Extermínio”¹, no qual os remanescentes do massacre iniciado em 1950, bem como seus descendentes, puderam se encontrar e socializar seus conhecimentos e suas histórias de vida.

¹ Realizado de 30 a 31 de agosto de 1997 em Curitiba (PR), promovido pelo Instituto Socioambiental (ISA). Para mais informações, consultar SILVA (1998).

Em 2000, a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, em cooperação com a CELEPAR, lançou a compilação “Quem são os Xetá?”, material audiovisual que delinea um panorama histórico dos Xetá, da pré-história à década de 1950. Esse material reuniu, também, parte do acervo Xetá constante no Museu Paranaense, produzido principalmente pelo técnico cinematográfico Vladimir Kozák.

Um capítulo expositivo da situação do povo Xetá foi incluído em material instrucional aos professores da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), denominado “Cadernos Temáticos – Educação Escolar Indígena”, também sob a autoria de Silva (2006).

Dez anos após o primeiro encontro entre sobreviventes e descendentes, o povo Xetá reorganiza-se e volta decisivamente ao debate político, redigindo, de forma coletiva, uma carta pública de intenções². Dentre outras importantes reivindicações (como a demarcação de terras) a missiva pública clamava pela revitalização da língua indígena, documentada e estudada pelo lingüista Aryon Dall’Igna Rodrigues desde a década de 1960.

Houve, em seguida, uma dissertação de mestrado defendida por Vasconcelos (2008), no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília, uma iniciativa do Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) da Universidade de Brasília. Os resultados parciais dessa pesquisa foram expostos em Cabral, Rodrigues & Vasconcelos (2005) e em Vasconcelos & Rodrigues (2008).

Assim, visando dar continuidade às iniciativas anteriores, o presente trabalho está inserido no projeto interinstitucional e multidisciplinar “*Jané Rekó Paranhá* (O contar de nossa Existência)”, que reuniu pesquisadores de três diferentes instituições de ensino superior – Universidade Estadual de Maringá (proponente), Universidade de Brasília e Universidade Federal do Mato Grosso – além de parceiros como a Coordenação da Educação Escolar Indígena da SEED/PR e o Museu Paranaense. Dentre seus objetivos, destaca-se o incentivo à produção de materiais didáticos e acadêmicos, bem como a socialização destes conhecimentos à população Xetá.

Com financiamentos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da própria Secretaria de Estado de Educação do Paraná, as ações desenvolveram-se com a participação dos Xetá, a partir de oficinas de socialização dos

² Para fins de contextualização, a carta de intenções aqui mencionada consta no Anexo I.

conhecimentos lingüísticos, antropológicos e etno-históricos, bem como construindo novas perspectivas e momentos de debate entre pesquisadores e indígenas.

A presente dissertação relaciona-se também a um trabalho anterior, desenvolvido no âmbito da iniciação científica, durante minha graduação em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (Paraná), denominado “Língua da Memória, Língua na Escola: Estudos dirigidos em Língua e Escolarização entre os Xetá”, sob orientação da professora Doutora Rosângela Célia Faustino, também integrante do projeto interinstitucional supracitado.

1. Metodologia

O presente estudo caracteriza-se metodologicamente como um apanhado histórico de informações documentais publicadas e informações orais, estendendo-se dos primeiros documentos que fazem referência aos Xetá até os depoimentos dos atuais Xetá colhidos durante as oficinas realizadas no âmbito do projeto *Jané Rekó Paranhá* (O Contar de Nossa Existência).

Trata-se, por um lado, de uma pesquisa documental e, por outro, de uma pesquisa etnográfica. Esta última fundou-se em uma abordagem que privilegia a construção de conceitos de língua e identidade e de revitalização lingüística a partir da visão dos próprios indígenas acerca de sua realidade e do que é definido, para tal grupo, como a herança da fala e da cultura Xetá legada pelos seus ancestrais. Tal definição está coadunada com a assertiva do lingüista Daniel Everett, quando declara “O que eu denomino como “cultura” é uma noção abstrata que se aplica ao compartilhamento de valores e de idéias (...). Quanto mais valores e idéias temos em comum, mais perto vivemos um do outro culturalmente.”³ (EVERETT, 2012, p. 47-49)

Para a discussão de revitalização lingüística, foram tomados como basilares os trabalhos de Hinton (2001) e o estudo de Ash, Fermino & Hale (2001).

2. Organização da Dissertação

³ "What I am saying is that 'culture' is an abstract notion that applies to shared sets of values and ideas (...). The more values and ideas we share, the closer to each other we live culturally." (EVERETT, 2012, pp. 47-49)

Após a breve apresentação já registrada, perfazemos um panorama da etnia Xetá no capítulo I, trazendo à discussão os documentos históricos e os trabalhos de Silva (1998; 2003), para que entendamos os locais tradicionais, os elementos culturais e, assim, mais aspectos subjacentes à língua Xetá.

Em seguida, no capítulo II, incluímos a memória documental da língua Xetá. Elaboramos um registro crítico dos documentos que contém a língua Xetá, desde meados do século XIX até o presente. Organizamos assim a documentação da língua Xetá em fontes escritas, o que culminou na sistematização das fontes publicadas em textos esparsos.

No capítulo III trazemos a fundamentação teórica acerca da vitalidade das línguas, as classificações propostas para o uso lingüístico em comunidades e as estratégias para retomada das línguas tradicionais.

Expusemos, no capítulo IV, as tentativas empreendidas para a revitalização da língua Xetá, desde os trabalhos de Silva (1998; 2003) até o presente, e como a língua dos ancestrais afigura-se como referência para a identidade Xetá. Assim, pudemos entender as possibilidades a partir da documentação disponível, bem como as restrições que se apresentam para revitalizar uma língua que atualmente já não é mais falada como língua materna e como língua principal de comunicação.

É preciso salientar que o presente trabalho tem cunho acadêmico, com metodologias e estruturas vinculadas à esfera científica, mas não prescindiu da preocupação de tornar-se acessível à leitura pelos próprios Xetá, que lutam cotidianamente pela retomada de seu território e que anseiam ter domínio, cada vez, das fontes bibliográficas que relataram o conhecimento de seus ancestrais.

Considerando os desafios impostos à escolarização das comunidades indígenas e conscientes de que, infelizmente, nenhum dos Xetá ainda teve acesso à educação superior (cf. Rodrigues & Cabral, 2010), sempre que nos parecia necessário, incluímos explicações adicionais acerca dos temas tratados, sem que nos distanciássemos do rigor exigido por um estudo vinculado à pós-graduação.

De igual maneira, as citações em língua estrangeira são indicadas no corpo do texto em sua tradução para a língua portuguesa, com a respectiva nota de rodapé no idioma original para cotejamento (desde que viável à clareza da organização textual).

Esperamos, assim, que o texto torne-se duplamente acessível a todos os fins aos quais tem suas raízes, seja na esfera dos especialistas nos estudos das línguas, seja na esfera das comunidades indígenas.

CAPÍTULO I

OS XETÁ: PERFIL BIBLIOGRÁFICO

Ao contrário do que os registros dos órgãos oficiais apresentam, a população Xetá não se restringe a apenas cinco pessoas, como era apresentado no Censo da FUNAI, até o ano de 1996, e tampouco estão restritos a sete pessoas, conforme registros atuais divulgados pela mídia, que insiste em restringir a população Xetá apenas aos adultos mais velhos. **Por essas fontes, os remanescentes Xetá estão congelados no tempo, crianças e jovens, eternos fadados ao desaparecimento enquanto etnia. (...) Pensar a descendência entre os povos indígenas a partir do viés biológico é algo superado na antropologia desde a década de 1930.** (SILVA, 2006, p. 52, grifo nosso)

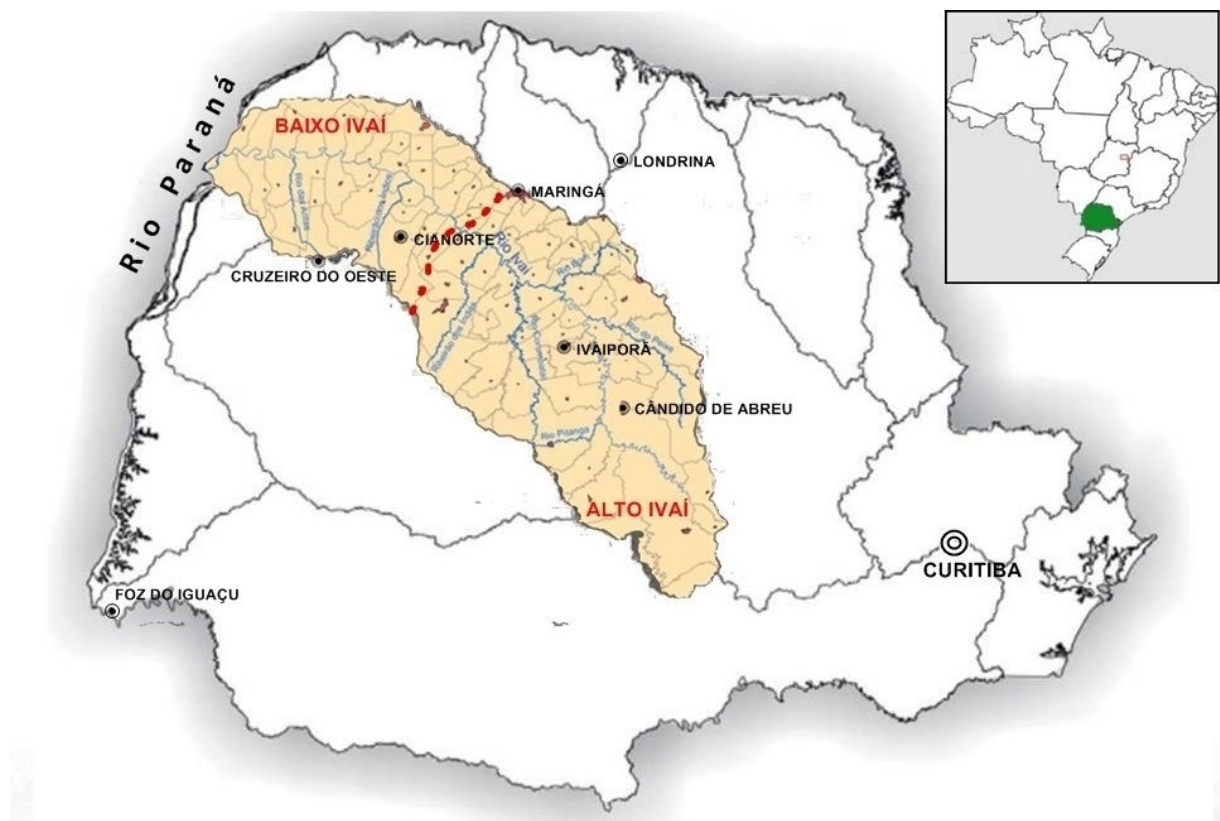
1. Visão Geral: A etnia Xetá e o seu Território Tradicional

Os Xetá constituíam uma população com grande mobilidade na bacia do rio Ivaí (especialmente em seus afluentes da margem esquerda e em seu baixo curso) por conta de suas fontes de subsistência. Até a época da intensificação das ações das frentes de colonização (1950), o povo Xetá tinha características dos caçadores-coletores, ou seja, não praticava a agricultura. A notícia da única espécie vegetal manejada pelos Xetá no período citado vem com as pesquisas de Silva (1998, p. 82; 2003, p.149), e com a publicação das notas de campo de Rodrigues (2013, p.16) junto aos Xetá da Serra de Dourados na década de 1960.

Nesses, há o relato do cultivo do purungo (cabaça ou calabauça, *Crescentia cujete* L.) e até mesmo o deslocamento intencional de suas sementes para os diferentes locais de habitação, com vistas à utilização de seu fruto como vasilhame e de suas sementes como alimento. A pesca também fazia parte dos hábitos alimentares, porém com menor importância enquanto fonte de subsistência.

Até então região de mata, a Serra dos Dourados⁴ – território indicado pelos sobreviventes como local tradicional da etnia (cf. SILVA 1998; 2003) – hoje deu lugar à Mesorregião do Noroeste Paranaense e à Mesorregião Centro-Occidental Paranaense, contando várias cidades como Cianorte, Paranavaí, Umuarama, Douradina, Ivaté, Campo Mourão, Cruzeiro do Oeste, dentre outras.

De acordo com dados da SEMA (2010, p. 107), na atualidade há pouquíssimos remanescentes de cobertura florestal no local e grande parte do uso do solo da região dá-se pela pastagem artificial e pela agricultura intensiva, sendo a última ligada estritamente às novas tecnologias agrícolas e a alguma disponibilidade de nutrientes nas margens do rio Ivaí. Explica o IPARDES (2004, p. 11), “A formação arenito Caiuá, associada ao clima da região, deu origem a solos com sérias restrições ao uso agrícola, pela suscetibilidade à erosão hídrica e eólica e à baixa fertilidade”. O mapa a seguir ilustra esses territórios.



Mapa 01 – Bacias Hidrográficas do Paraná, com destaque à Bacia Hidrográfica do rio Ivaí, território tradicional Xetá. Imagem baseada em SEMA (2010), com alterações.

⁴ Pesquisadores como José Loureiro Fernandes (1961, p. 195-196) apontaram a imprecisão da designação ‘serra’ para a área em questão, já que o encontrado ali se assemelha a um divisor de águas (espigão ou linha de cumeada), ou seja, há a presença de elevações, que naturalmente servem ao escoamento de águas pluviais aos leitos de rios.

Atualmente, os Xetá vivem uma separação forçada, já que não possuem uma área indígena oficialmente demarcada onde possam viver juntos. O maior grupo familiar Xetá da atualidade reside na Terra Indígena São Jerônimo, localizada na cidade de São Jerônimo da Serra (PR), cerca de 90 km a oeste de Londrina. Essa T.I. é moradia oficial de indígenas Kaingang e Guarani e foi criada em 1859, reduzida em 1945 e redemarcada em 1991. (Uma melhor visualização das Terras Indígenas do Paraná está disponível no Anexo II, com destaque às localidades aqui citadas e à região reivindicada pelos Xetá para demarcação.)

Há também uma família Xetá residente na Terra Indígena Rio da Areia, habitada prioritariamente pelos Guarani Mbyá, no município de Inácio Martins, PR, região centro-sul paranaense, distante cerca de 180 km da capital. Muitos também se concentram na “aldeia urbana” *Kakané Porã*, em Curitiba, capital do Estado. Há também famílias dispersas em Santa Catarina e no Estado de São Paulo.

É importante salientar que essa partilha de locais tradicionais a outras etnias não se dá em meio a um clima ameno, pois, historicamente, os Kaingáng eram inimigos dos Xetá, tornando-os cativos em suas lutas territoriais. De igual maneira, não há uma escolarização específica para os Xetá em meio às outras duas etnias que compõem a população da Terra Indígena São Jerônimo (ARAÚJO, 2012, p.137), apesar dos esforços da equipe pedagógica da Escola Estadual Indígena Cacique Kofej em planejar o trabalho em sala de aula.

Mesmo no século XX, em tempos anteriores à dura investida das companhias colonizadoras na região, a situação “inóspita” e “devoluta” da região noroeste do Estado preocupava o governo federal, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido foi criado, entre outros, o efêmero Território Federal do Iguazu, visando à proteção das divisas nacionais com o Paraguai e a Argentina, que vigorou de 1943 a 1946, fortalecendo assim a “Marcha para o Oeste”, ou seja, o deslocamento de cidadãos brasileiros à região noroeste do Paraná. O extremo norte do referido território era demarcado pelo curso do rio Ivaí, o que incluía a Serra dos Dourados na pauta das “novas bandeiras”, ou seja, dos deslocamentos populacionais para promover o “desenvolvimento” também no interior do país. (LOPES, 2004)

Assim, as companhias colonizadoras⁵ eram impelidas a devastar a mata nativa, visando à expansão da cafeicultura ao julgarem fértil o solo da região – fato que os próprios Xetá antigos já refutavam em seus ensinamentos tradicionais (cf. SILVA, 2003, p. 96).

⁵ Notadamente da Cobrinco – Companhia Brasileira de Imigração e Colonização, ligada ao Grupo Bradesco (Banco Brasileiro de Descontos, que foi fundado em 1943 e já em 1946 estruturara um “Departamento de

Cabe aqui lembrar um infeliz jogo semântico que o cenário histórico instaurou: pós-Segunda Guerra Mundial, os “anos dourados” avançavam sem qualquer escrúpulo na Serra dos Dourados (topônimo desde o século XIX), visando lotear e vender a investidores (estrangeiros em sua maioria) as supostas terras fecundas, tornando-as assépticas à presença “não-civilizada”, expulsando e dizimando os índios e os pequenos colonos que ofereciam um entrave aos “avanços” previstos. Como já pudemos relatar, a fertilidade do solo atualmente é baixa, já que a destruição da vegetação nativa carregou a fina camada superficial de solo basáltico, deixando apenas o arenito, impróprio às culturas de grande e médio portes.

O ocorrido na década de 1950 e 1960 pode ser considerado um massacre, já que as ações conduzidas na Serra dos Dourados praticamente dizimaram uma população inteira – estimada em aproximadamente 250 indivíduos pelas fontes oficiais. Tal número pode ter sido distorcido para menos, já que a mobilidade da população Xetá em seu território originário dificultava a localização de famílias que se esquivavam do contato direto com as populações não-índigenas. Conforme observa Silva (2003, p. 114), “Muitos locais considerados nas fontes documentais como pontos de moradia, na verdade eram apenas locais de caça com sua própria organização física e social”.

Além desse fato, temos que John Elliot em 1845 (Elliot, 1930 *apud* MOTA 2013, p.35) também calculava cerca de 250 indivíduos, pois apenas as “casas grandes”, locais de rituais tradicionais e de encontros sazonais, foram analisadas em suas prováveis capacidades de lotação. Para que possamos ter uma idéia da distorção desse número, durante os trabalhos de Silva (2003, p.20) os sobreviventes estimaram uma população flutuante entre 400 a 800 indivíduos à época do contato na Serra dos Dourados.

Poucos indivíduos foram poupados; em geral crianças que foram criadas sem vínculos entre si por famílias não-índigenas que os declaravam como órfãos ou perdidos. Nas palavras de Tikuein, um dos sobreviventes, “Era comum acontecer isso lá. Os brancos viviam roubando nossas crianças e pegando as mulheres” (SILVA 1998, p. 77). Acerca da situação vivida na região e as ações governamentais desenvolvidas na época, observa BALDUS (1972, p.225)

A despeito dos esforços do Serviço de Proteção aos Índios e das missões religiosas no sentido de proteger o índio contra os espoliadores e chacinadores, há, ainda, no Brasil, bastantes tribos isoladas, indefesas e

Estrangeiros e Câmbio”). Para uma melhor compreensão da ação da Cobrinco na região da Serra dos Dourados, ver Silva (1998).

ameaçadas de extermínio. Penso, por exemplo, nos indígenas da Serra dos Dourados, cujo recente descobrimento chamou a atenção do Mundo científico para o fato de haver, num Estado tão desenvolvido como o Paraná, ainda parcelas de terra incógnita. Estão eles, agora, encurralados numa selva na qual avançam, de todos os lados, os colonos, sem que o Serviço de Proteção aos Índios entre em ação.

Alguns remanescentes, inclusive, nunca foram localizados com precisão, e há grandes indícios de terem sido utilizados como trabalhadores braçais em fazendas ou mesmo em prostíbulos. (SILVA 1998, p. 106).

Quanto à certa interação dos Xetá com as demais populações indígenas da região, Nimuendaju indica que um mito coletado por Borba apresenta uma grande dependência de elementos Kaingang.

No entanto, a lenda dos Yvaporé (que ele chama Aré) documentada por Telêmaco Borba está de tal forma mesclada de elementos da mitologia Kaingýgn, que só pode ter sido narrada por um índio influenciado por longos anos de escravidão naquela tribo. (NIMUENDAJU, 1987 [1914], p. 115)

1.2. DENOMINAÇÕES ATRIBUÍDAS AOS XETÁ

A literatura indica que os não-indígenas destacaram o uso do adorno labial (no caso, o tembetá, pino labial), por meio da genérica denominação “botocudos” (aplicada a diferentes etnias que utilizavam algum tipo de botoque). Tal designação é encontrada especialmente em documentos do século XIX, dos quais trataremos no tópico 2 do capítulo corrente.

(...) são conhecidos simplesmente como Botocudos pelos brasileiros. É óbvio que, como autêntica tribo Guarani, eles nada têm em comum, seja com os Botocudos-Aimoré do Espírito Santo, seja com os Botocudos de Santa Catarina, que falam um dialeto Kaingýgn bastante diferenciado (...). (NIMUENDAJU, 1987 [1914], p. 103)

Telêmaco Morocines Borba (1840-1918), sertanista e político paranaense, após entrevistar um Xetá cativo dos Kaingang, relatou que o etnônimo do grupo seria “Aré”. De acordo com esse autor,

Os Arés são conhecidos no Oeste deste Estado (margens do Ivahy) pela denominação de Botucudos; - São selvagens de índole pacífica, completamente agregados ao convívio de outras tribos; não tem agricultura; vivem exclusivamente da caça, pesca e frutas silvestres; ainda hoje seus instrumentos cortantes são de pedra e de osso. (...) Coroados é que eles não são, nem nos costumes nem na língua. (BORBA, 1904, p. 55-56)

É importante ressaltar aqui que os estudos publicados em Cabral, Rodrigues & Vasconcelos (2005, p. 59) indicam haver uma forma pronominal na língua Xetá, “*ore*”, que pode ter acarretado a corruptela “Aré”. Trataremos de mais dados da língua Xetá no capítulo II.

Em consonância com Borba, Hermann von Ihering (1850-1930)⁶ pontua os Aré em seu mapa da presença indígena (1907), localizando-os na região do baixo Ivaí, conforme observa-se no recorte que inserimos a seguir.

Em contrapartida, ao colher o vocabulário de um cativo dos Kaingang, esse autor designa a língua falada pelo escravo como Notobotocudo, ou seja, relativa aos Botocudos do Sul, cuja localização remete-nos aos atuais Xokleng (ou Laklãnõ) estabelecidos em Santa Catarina. Assim, o autor utiliza-se do elemento noto- para diferenciá-los dos Botocudos do rio Doce, denominados atualmente Krenak ou Krén. Comparações lingüísticas evidenciam, no entanto, que a língua tratada por Ihering (1907, p.232) como de um indivíduo Notobotocudo, trata-se de uma língua Tupí-Guaraní, provavelmente Xetá. Para tal discussão, consulte o capítulo já citado, de número II.

⁶ Seu filho, Rodolpho von Ihering (1883-1939) também foi professor e biólogo.

Conforme apresenta Tommasino em seu estudo acerca da sociedade Kaingang, os *Kuruton* seriam não apenas os Xetá, mas também os Guaraní (1995, p.62). De igual maneira, dentro da organização dos clãs Kaingang, haveria inclusive uma seção dos “remanescentes do Kuruton”, os “Wonhétky”, relacionados à metade exogâmica Kamé. (TOMMASINO, 1995, p. 58).⁸

Esta designação, “*Yvaparé*”, seria um nome dado pelos Guaraní aos Xetá, cuja glossa apresentada pelo autor é “os que queriam ir para o céu” (*op.cit.*). Não concordamos com tal significado, já que ele nos parece, na língua Guaraní, como “os da flecha torta” (claramente aceitável, considerando as flechas serrilhadas produzidas pelos Xetá).

Há, ainda, a indicação de “*Tapîjá*”, indicada também por Nimuendaju (*op.cit.*) esta sem a provável tradução sugerida pelo autor. Nas línguas Tupí-Guaraní, um significado bastante condizente para tal vocábulo é “inimigo, contrário”.

Por fim, a designação ora corrente – Xetá – originou-se nos trabalhos de Albert Vojtěch Frič (1882-1944), inicialmente publicados em 1907 em Praga. Frič foi botânico, etnógrafo e escritor, tendo realizado aproximadamente 10 viagens ao continente americano. Em suas incursões, além de participar de uma “caçada” aos “*Kuruton*” ao lado de um renomado cacique Kaingang, deparou-se com outros prisioneiros dos Kaingang que, segundo o autor, denominavam-se Šetá.

Assim, José Loureiro Fernandes, em 1958, também ouviu de um informante que “Xetá e (sic) o ‘nome de todo índio daqui’” (FERNANDES, 1958, p.45). Tal designação parece consolidada nas últimas décadas pela literatura brasileira especializada e foi aceita pelo grupo atual, apesar do termo que Silva (2007, p.111) e Rodrigues (comunicação pessoal) registraram com os sobreviventes: *ñanderetá*, ‘nós muitos’.

2. Relatos Históricos

Nesta seção não nos afigura sermos exaustivos no tema da documentação histórica dos Xetá, já que tal assunto foge ao escopo da Lingüística. Ressaltamos, porém, a importância

⁸ Seria uma explicação para a preferência nos casamentos interétnicos Xetá, observados em sua maioria com os Kaingang? Em trabalhos de campo junto aos Xetá da Terra Indígena São Jerônimo em 2010, estes relataram a mim que “se dão melhor” com os Kaingang do que com os Guaraní, apesar das semelhanças lingüísticas. Tuca, Tikuein e Kuein, sobreviventes Xetá que habitavam a Serra dos Dourados, explicaram a Silva (comunicação pessoal) que seu povo fugia dos Guaraní assim que os avistavam nas proximidades do território Xetá.

de demarcar historicamente a presença da etnia no território paranaense, pois conforme observaremos adiante, no capítulo II, algumas das investidas empreendidas contra o reconhecimento dos Xetá como sociedade indígena diferenciada fundamentou-se no posicionamento adotado pelas análises dos registros da língua Xetá constantes nos documentos históricos.

Procuramos perfilar, assim, os relatos de cunho histórico, já anteriormente apresentados por especialistas (Kozák *et.al.*, 1979; Rodrigues, 1978; Silva 1998, 2003; Mota, 2013) com vistas à melhor visualização da formação do acervo etnolingüístico Xetá constante nos documentos oficiais e nos estudos científicos.

De acordo com Mota (2013), o primeiro registro escrito que sinaliza um possível grupo Xetá deu-se em 1843, em uma comunicação do Barão de Antonina (agropetecuarista e político idealizador da separação dos territórios dos atuais Estados do Paraná e de São Paulo) ao Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro.

O grupo relatado no documento em questão caracterizava-se pela utilização de adorno labial, praticava a agricultura com roças de coivara e produzia canoas. É importante observar que, apesar de não praticarem a agricultura à época do contato de 1950 (muito provavelmente pela condição de fuga, adotada pelos Xetá como estratégia frente às investidas de expropriação territorial), a prática agrícola foi relatada por Frič (1907) no início do século pelos indivíduos Xetá em condição de dominação pelos Kaingang.

Por sua vez, o adorno labial de resina também é característico dos Guarani Kaiowá da época, que iniciaram o abandono do uso do tembetá somente na segunda metade do século XIX em algumas famílias, conforme o relato de Keller em 1866 (*in* LOVATO 1974, p. 13).

A localização do grupo relatado no documento em questão é próxima à foz do rio Ligeiro em seu ponto de deságüe no rio Ivaí, portanto território tradicional Xetá. Cabe ressaltar que em 1842, época dessa incursão realizada por Antonio Pereira Borges e Francisco Ferreira da Rocha Loures, já eram conhecidas as presenças dos Kaingang, Xokleng (Jê Meridional) e Guarani (Tupí-Guaraní) na região do Estado do Paraná.

Em contrapartida, em alguns parágrafos adiante, Mota (2013, p. 20) alerta o cuidado que se deve tomar ao admitir tal relato como uma descrição dos Xetá: “também podem ser grupos de Kaiowá que estavam espalhando-se na região a partir da margem esquerda do rio Paraná (...) temos que aprofundar as pesquisas para maior certeza sobre os grupos que ocupavam o baixo Ivaí nessa época”.

O mesmo historiador, em publicação anterior, ressalta que os Xetá já sofriam nesse período, de forma indireta, as investidas dos colonizadores. Os atritos entre os não-indígenas e outras etnias faziam com que os Kaingang avançassem nas até então preservadas áreas da Serra dos Dourados. De igual maneira, já em 1866, Keller relata (*in* LOVATO, 1974, p.11) que a reorganização espacial dos Kaingang frente às investidas dos colonizadores expulsara os Xokleng do rio Iguaçu e do rio Negro.

(...) com certeza, que premidos como estavam pelos brancos, que ocupavam seus territórios nas várias áreas de campos, os Kaingang passaram a ocupar os tradicionais territórios Xetá nas espessas matas das margens do Ivaí. Isso deve ter resultado no acirramento das guerras tribais existentes entre eles e os Xetá no século XIX. Como resultante, muitos Xetá acabaram prisioneiros dos Kaingang, e por eles foram levados para os aldeamentos do vale do Tibagi ou para seus *emã*⁹ que estavam sendo estabelecidos nos novos territórios conquistados dos Xetá no vale do rio Ivaí. (MOTA, 2003, p. 31)

Em 1847 é publicado na Revista Trimensal de História e Geografia (ou Jornal do IHGB), tomo IX, outro manuscrito ofertado pelo Barão de Antonina. Dessa vez, uma exploração comandada por John Henrique Elliot e Joaquim Francisco Lopes para o reconhecimento dos territórios dos principais rios do Estado, bem como das ruínas das antigas Reduções Jesuíticas da antiga Província do Guairá (1600-1620).

Essas expedições de reconhecimento do território interior do Estado do Paraná foram encomendadas pelo próprio Barão de Antonina e empreendidas por Elliot e Lopes de 1844 a 1848, pois era de interesse político e econômico interligar a baía de Paranaguá e a província de Curitiba ao Estado de Mato Grosso via bacia do rio Paraná (LOVATO, 1974, p.6). Assim, o território tradicional Xetá já está inserido no contexto econômico da época, especialmente o curso do rio Ivaí.

Breve descrição do Ivaí. Suas margens são habitadas por *Bugres, Botocudos, Coroados, ou Dorins, &c.*, que pela extraordinária abundância de caça e peixe e fructas (havendo até no inverno jaboticabas maduras) aproximam-se do rio durante este tempo, e voltam a seus alojamentos na entrada do calor (...) (Elliot, 1847, p.42, grifo nosso)

⁹ De acordo com Tommasino (2001, p.11), *emã* é o local escolhido pelos Kaingang para sua moradia fixa. Para essa etnia, também existiriam as moradias temporárias, *wãre* (TOMMASINO, *op.cit.*).

Os engenheiros alemães Joseph Keller (?-1877) e Franz Keller (1835-1890)¹⁰ – respectivamente pai e filho – também noticiaram a presença dos Xetá em 1866, por conta de uma expedição de cunho oficial para estudos da navegabilidade dos rios paranaenses, especialmente do Ivaí. O relato dos dois anos de exploração do interior do Paraná empreendidos pelos Keller somente foi disponibilizado quase um século após a sua elaboração, com a publicação por LOVATO, 1974 em boletim do Museu do Índio do Rio de Janeiro.

Acerca dos prováveis ancestrais Xetá, Keller relata o uso do adorno labial, porém com a precaução de notar a semelhança do tembetá também usado à época pelos Kaiowá. Apesar da designação que lhes atribui, indica a necessária diferenciação que deveria haver entre eles e os atuais Krenák (geograficamente distantes), ambos designados como Botocudos.

Em contrapartida à rigorosidade na descrição, os Keller confundiram os Xetá com os Xokleng (Jê Meridional), pois tratam ambos como os habitantes “da margem do Ivahy, perto da Col.ia [Colônia] Thereza, do Rio Negro e do Iguassú”. (*op.cit.*) Tal confusão conceitual pode ser atribuída, talvez, ao uso do adorno labial, apesar da grande diferença morfológica entre os ornamentos utilizados pelas duas etnias.

Os índios Botocudos são impropriamente assim chamados, pois que o ornamento que elles trazem no labio inferior perfurado, aguçado de nó de pinho, de perto de palmo de comprimento, também o encontramos nos Cayoás (...) [d]este ornamento em forma de punhal com um batoque é um tanto forçado, o que não acontece com os índios do rio Doce, Mucury e Jequitinhonha. (Keller, 1866 *in* LOVATO, 1974, p.11)

Thomas Plantagenet Bigg-Wither (1845-1890), engenheiro inglês, esteve em território brasileiro de junho de 1871 a abril de 1875 também por ocasião dos estudos de viabilidade de uma ferrovia que atravessaria o território paranaense, comandada pela “Paraná and Mato Grosso Survey Expedition” (cf. Millarch, 1974).

Bigg-Wither participou da expedição oficial sueco Palm, que conseguira conquistar o governo brasileiro e o Visconde de Mauá para o seu projeto de transportes. Dezesseis homens divididos em quatro grupos deveriam pesquisar o melhor traçado para uma linha de trem atravessando o continente do Atlântico ao Pacífico. A empresa teve que encerrar suas atividades, após dois anos por falta de resultados práticos. (KOPPE, 1992, p. 392)

¹⁰ Conhecido também na literatura como Franz Keller-Leuzinger, por conta da adoção do sobrenome de sua esposa.

O grupo iniciou sua incursão ao interior paranaense pela província de Curitiba, e seguiu em direção aos Campos Gerais (atual região de Ponta Grossa), até alcançar o rio Ivaí. Depois de muitos dias de caminhada, encontrou perto da “Corredeira do Ferro” um indígena que não pertencia a nenhuma das etnias já contatadas no Estado, pois a expedição contava com um Guaraní linguará¹¹ de nome Luco, que falava Kaingang e Guaraní, e conhecia bem ambas as etnias. “Luco dirigiu-se ao Botocudo tanto na língua Caioá quanto na língua Coroadó, mas ele não pareceu compreender qualquer uma delas.”¹² (Bigg Wither, 1968 [1878], p. 116)

A expedição levou um grupo de aproximadamente 20 desses indígenas para o acampamento da companhia, porém todos morreram por conta de viroses e de problemas intestinais poucos dias depois.

No início do século XX, a afirmação de que haveria uma etnia com características de pigmeus foi publicada por A. V. Frič em artigo no jornal *The New York Times* em 1911¹³. É bastante provável que sejam Xetá, pois os próprios Kaingang denominaram os cativos capturados na expedição como “*Kuruton*”. Aliado a esse fato, em Silva (2003, p.155) temos a informação de que os sobreviventes reconheciam haver uma parcela da população Xetá que “eram pequenos, baixinhos, como besourinhos, parecia anãozinho”, denominados no grupo como “*Totokãpama*” e que viviam na várzea (proximidade) do rio Ivaí.

¹¹ Intérprete proficiente em Português e em línguas indígenas.

¹² “*Luco addressed the Botocudo in both the Caioá and Coroadó languages, but he did not appear to comprehend either.*” (BIGG WITHER, 1968 [1878], p. 116)

¹³ Disponível para leitura no *website* do jornal *The New York Times*.



Figura 01 – Albert Frič (centro) com prováveis ancestrais Xetá capturados no início do século XX (Frič, 1911). Note que o tembetá do homem à esquerda da imagem está discretamente visível. À direita, uma mulher.

Curt Unckel Nimuendaju (1883-1945), americanista e etnólogo alemão, trouxe um mito dos Apapocúva-Guaraní (Guaraní Ñandeva) acerca dos Yvaporé, provavelmente relacionados aos ancestrais Xetá.

Conta-se que, há muito tempo, um grupo Guarani partiu da região de Cerro Ypehú, na fronteira paraguaia, para atingir o *Yvy marãey*¹⁴. Transpôs o Paraná graças ao poder mágico de seu pajé, sem disto dar-se conta. Então, sem ser molestado, atravessou o território dos hostis Kaingýgn¹⁵. No decorrer da viagem, entretanto, perdeu a fé no seu líder e decidiu retornar. Com terror, o grupo percebeu que as matas fervilhavam de inimigos. E, quando finalmente já se julgava próximo de sua pátria, deparou-se com as águas do Paraná, que [l]he cortavam a retirada. Desesperado, fugiu novamente para leste, mas deu com os Kaingýgn, que mataram seus homens e reduziram à escravidão suas mulheres e crianças. Os descendentes daqueles que haviam escapado desta sina perambulam ainda hoje, perseguidos pelos Kaingýgn, sem casa e sem roça, como caçadores arredios e assustadiços, no território do baixo Ivahy. As outras hordas os denominavam de *Yvaporé*, que significa algo como “os que queriam ir para o céu”. Telêmaco Borba os chama de *Aré*, o que parece ser apenas uma mutilação de *Yvaporé*; pelos brasileiros são chamados de “Botocudos”, devido aos seus grandes batoques de madeira e às suas orelhas furadas. Eles

¹⁴ A “Terra Sem Males” para os grupos Guarani.

¹⁵ Grafia adotada por Nimuendaju (1987 [1914]) para os Kaingang (Jê Meridional).

nada têm em comum, além desde apelido, com as hordas aguerridas que habitam o sul do Paraná. Sua língua é um autêntico dialeto Guaraní, que lembra um pouco o Cheiru paraguaio pela pronúncia do ç como *ch* (cf. p. 18). Curiosamente, designam tanto o sol como a lua pela palavra *pái*. (NIMUENDAJU 1987 [1914], p.102-103, grifo no original)

José Loureiro Fernandes, médico e antropólogo, em 1958 atestava que os índios da Serra dos Dourados eram Xetá e assim se identificavam, diferentes assim das demais etnias do Estado do Paraná: “Os Xetá, ora descobertos na Serra dos Dourados, têm consciência étnica de serem uma população indígena à parte” e concordava que os dados publicados por Borba (1904) e por Frič (1906) eram dos ancestrais da população que a ele se afigurava (FERNANDES, 1958, p.45-46), porém com grandes diferenças culturais, especialmente no tocante ao cultivo agrícola.

O antropólogo, no entanto, indica que eram esperados os resultados das comparações de Čestmír Loukotka, lingüista, entre os dados lingüísticos dos habitantes da Serra dos Dourados e a lista elaborada por Frič, para que fossem esclarecidas e fundamentadas as semelhanças culturais entre os dois povos distanciados temporalmente.

Gioacchino Santanché, professor do Centro de Pesquisa de Sociologia Empírica da Universidade de Roma, participou de uma expedição em 1956 às imediações da Fazenda Santa Rosa e relata que levou flechas usadas pelos Xetá para análises laboratoriais em sua universidade (SANTANCHÉ, 1964, p. 22).

Em Kozák *et.al.* (1979) temos a declaração de que a etnia Xetá não mais existiria, pois seriam pouquíssimos os sobreviventes que, além do mais, eram crianças quando saíram do convívio de sua sociedade. Nesse sentido, tomado pelo pessimismo de ver espoliado o território Xetá e prevendo a morte completa dos remanescentes, o título da obra é emblemático: “Os Índios Hetá: Peixe em Lagoa Seca”.

Após décadas de desarticulação entre os indivíduos poupados no massacre físico, os Xetá voltam a ter visibilidade, agora em uma perspectiva positiva, com as pesquisas até então inéditas de Silva (1998; 2003), que trazem as memórias e as lembranças daqueles que não pereceram (como esperado por Kozák), mas sim constituído famílias, repassando assim conceitos e valores específicos aos seus descendentes.

A obliteração da presença Xetá persiste na mídia. Já quando se defendem os mesmos interesses que causaram o massacre da década de 1950, a distorção das pesquisas – por aqueles que não são especialistas na área – é notória. A serviço de um periódico de ampla

circulação nacional, Struck (2013, *online*) põe os Xetá como agentes do resultado do “contato” com as frentes de colonização (observe no nosso grifo abaixo).

(...) Gleisi pediu a suspensão das demarcações no estado. A iniciativa ajudou a frear, entre outras, a demarcação da Reserva Xetá, que pretende entregar 120 km² de uma área na região de Umuarama, também no oeste do estado, para apenas cerca de cem índios da etnia xetá. Nesse pequeno grupo, apenas sete são considerados membros puros do povo, de acordo com estudos antropológicos. **A maior parte do grupo original**, de pouco mais de 200 pessoas, **foi dizimada nos anos 50 quando entrou em contato com os brancos**. Desses cem autointitulados xetás, mais de 90 membros têm apenas ascendência parcial, contanto (*sic*) também com ancestrais brancos ou de índios de outras tribos.

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS

Conforme as fontes utilizadas, a presença Xetá no território paranaense é marcada desde meados do século XIX, sempre com a indicação de que seriam falantes de uma língua de semelhança ao Guaraní. É importante assinalar que há um hiato de documentação relativa aos Xetá, que compreende a produção intelectual das Missões Jesuíticas e o final da primeira metade do século XVIII.

Tal parentesco entre a língua Xetá e o Guaraní foi definitivamente estabelecido somente após muitas discussões no âmbito da ciência lingüística, enfoque do próximo capítulo dessa dissertação.

A partir do apanhado histórico aqui apresentado, buscamos nessas fontes os registros que contivessem indicações acerca da língua falada por essa etnia. Nossa preocupação também centrou-se nas listas de palavras Xetá, coletadas e divulgadas no âmbito científico, mesmo que em tempo recuado ou sem o rigor da ciência lingüística.

De igual maneira, ao procurarmos um panorama da etnia Xetá para a discussão da revitalização da língua Xetá e de seus dados já publicados, tomamos por base o pensamento de que “O entendimento da linguagem e da comunicação humana pressupõe o entendimento da cultura (...). Cultura é algo que cada um e todos os humanos possuem, não somente os ‘Mozarts’ ou os ‘Miles Davises’.”¹⁶ (EVERETT, 2012, p. 47)

¹⁶ "An understanding of human language and communication presupposes an understanding of culture. (...) Culture is something that each and every human possesses, not merely the Mozarts or the Miles Davises." (EVERETT, 2012, p. 47)

CAPÍTULO II

O CONHECIMENTO LINGÜÍSTICO SOBRE A LÍNGUA XETÁ

É óbvio que as classificações de fundo racial tinham de ser superadas com a progressão dos estudos lingüísticos, os quais evidenciaram na língua uma instituição puramente cultural, sem nenhuma dependência do tipo físico dos homens que as falam. (Mattoso Câmara, 1972, p. 68)

Esse índio é Guarani (...), o outro que tá aí do lado é Kaingang (...) então nós não combina nossa língua, então cada um deles tem uma língua (...). Mas como é que eu vou falar com ele, cada um tem uma língua (...) então ele fala assim, então você não é índio. Fala que eu não sou índio. Mas sou índio. Vou falar, mas não vão entender o que eu falo. (Tikuein Xetá In: MOTA, 2000, p.17)

Neste capítulo apresentamos e comentamos, por ordem cronológica de publicação, os trabalhos lingüísticos realizados sobre a língua Xetá. O nosso objetivo é historiar essa documentação e reuni-la em um banco de dados, disponibilizando-os para uso nos projetos e nos programas de fortalecimento dos laços do povo Xetá com a história de seu povo e com o seu sentimento e compromisso de ser Xetá. É também nosso objetivo fazer uma avaliação dos dados e dos comentários feitos sobre os mesmos pelos estudiosos que os organizaram ou que tiveram acesso a eles.

2.1. PRIMEIROS REGISTROS DO SÉCULO XIX: IMPRESSÕES ACERCA DA LÍNGUA FALADA PELOS “BOTOCUDOS” DO IVAÍ

Conforme mencionamos no capítulo anterior, John Henrique Elliot teve contato com prováveis ancestrais Xetá em 1845, já que em sua viagem de “desbravamento” do

interior do Paraná percorreu o baixo curso do rio Ivaí e encontrou indígenas com semelhanças culturais ao povo em questão.

O excerto de Elliot (1847, p.36) está a seguir, com destaque nosso:

tô maior ; todos âltos e bêm feitos, as mulheres antes bonitas que feias, e uma até mui linda. Os homens trazem o labio inferior furado, e no orificio batoques de resina com apparencia de fino alambre ; tanto os homens como as mulheres, cobrem com tangas de fibras d'ortiga as partes que o pudôr manda esconder ; por isso e pelo velho querendo fumar dizer em máo hespanhol *cingarró amigo*, os julgámos *Botocudos*, descendentes das extinctas reduções de jesuitas hespanhoes.

Infelizmente nenhuma palavra nos entendiam, nem nós a elles ; e por acenos pouco ou nada perceptíveis, foi-nos impossível obter noções dos seus alojamentos e dos lugares das extinctas reduções dos jesuitas, principal fim de nossa derrota. Seus machados eram de pedra, bêm como os instrumentos de fazer seu armamento: de ferro só tinham um pedaço de folha de espada, de algumas pollegadas, encaestado em páo com servintia de machado. Com muitos abraços, osculos, e outros signaes de amizade nos separámos ás 3 horas da tarde, fazendo pouso pouco acima no lado opposto, com meia legua de marcha a rumo geral de S. O., onde dêmos quatorze tiros em uma anta.

Figura 02 – Excerto de Elliot (1847, p. 36)

Na publicação “As ‘Entradas’ de Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliot”, de 1930 (versão expandida do resumo publicado anteriormente), há outro pequeno trecho relativo às palavras em espanhol faladas por esses indígenas: “os Indios fallava algumas palavras em espanhol” (Elliot 1930, *apud* MOTA 2013: 45).

Dois elementos culturais citados –tembetá de resina e machados de pedra – considerados em seu conjunto, perfazem uma descrição dos utensílios específicos dos Xetá, observados também na década de 1950 na Serra dos Dourados.

Keller, na década de 1860, registrou que a língua falada pelos Botocudos da margem do Ivaí era correlata à língua dos Kaiowá, pois “O pouco porém que se conhece da lingua d’elles, leva-nos a crêr que elles se approximão mto. dos Cayoás”. (Keller, 1866 *in* LOVATO, 1974, p.11). Não há, no entanto, nenhuma palavra registrada.

2.2. T.P. BIGG-WITHER (1878 [1974])

A primeira documentação escrita da língua Xetá foi publicada em 1878 em Londres, pelo livro *“Pioneering in South Brazil: Three Years of Forest and Prairie Life in the Province of Paraná”*, por Thomas Plantagenet Bigg-Wither (BIGG-WITHER, p. 116). Conforme pudemos comentar no capítulo I, todas os indivíduos Xetá capturados pelo grupo de pesquisa morreram; apenas um menino e uma menina sobreviveram por mais alguns dias, e é delas que Bigg Wither coleta as três palavras proferidas.

Da menina, “Seu choro constante era por “*uch*” (água) e “*Oita*”, que supomos ser o nome de seu irmão” (BIGG WITHER, 1968 [1878], p. 146). Do menino: “(...) era lamentável ver ele constantemente indo ao rancho (...) procurando pela sua irmã, e não a encontrando, perambular pelo acampamento repetindo a palavra *Oitãna* para todos que ele encontrava.” (*op. cit.*)¹⁷

Assim, as três palavras Xetá documentadas são *uch* ‘água’, *oita* ‘suposto nome do menino na fala de sua irmã’ e *oitãna* ‘suposto nome da menina na fala de seu irmão’.

Apenas a primeira pode ser identificada como sendo *ĩ* ‘água’, nas línguas Tupí-Guaraní. As documentações imagéticas e etnográficas presentes na obra confirmam os indivíduos como ancestrais Xetá pela descrição de seus adornos, instrumentos e traços culturais próprios da etnia, além da localização geográfica indicada.

A publicação da obra deu-se em Londres, e a disponibilização em língua Portuguesa ocorreu apenas em 1974, com a tradução de Temístocles Linhares. Percebe-se, portanto, que este importante relato escapou à percepção de alguns estudiosos que se debruçaram sobre a questão dos Xetá à época do contato nas décadas de 1940 e 1950.

Devemos considerar, desde o início, que Bigg Wither não tinha familiaridade com as línguas indígenas, bem como pode ter sido influenciado pela sua própria língua materna (o inglês) quando transcreveu os sons que ouviu.

2.3. T.M. BORBA (1904)

¹⁷ “Her constant cry was for “*uch*” (water), and “*Oita*”, which we supposed was her brother’s name.”; “it was pitiable to see him constantly coming to the rancho (...) to look for his sister, and, not finding her, wander about the camp repeating the word *Oitãna* to everyone he met.” (*op. cit.*)

A primeira referência sistemática à língua Xetá é baseada em uma pequena lista de dados lexicais. Telêmaco Morocines Borba contribui com um rol de 25 palavras, cujas escolhas lexicais foram feitas de forma aleatória, como podemos observar adiante.

“Vocabulário dos Arés” cf. BORBA, 1904, p.57			
Anta	Tapi	Lenha	Japeá
Amigo	Quiê	Lontra	Miraca
Água	Ii	Mãe	Ahi
Ares	Tapá	Macaco	Caiqui
Arsar (sic)	Ixá	Machado de pedra	Gèitá
Amarello	Ijú	Matar	Tinopá
Arara	Guacá	Morrer	Mano
Anus	Abicuá	Minha	Xeruy
Bom	Avixá	Milho	Abaxi
Braço	Giné	Porco do mato	Taiassú
Branco	Tiú	Pai	Ru
Bugio	Anané	Pedra	Ita
Cabeça	Acau	Pelle	Ipiré
Cobra	Boy	Peixe	Pirá
Cumprido, longo	Gaê	Preto	Hom
Conversar	Nhomonguetá	Pato	Iú
Correr	Moniá	Ruim	Irahi
Cunhado	Avâim	Sogra	Aicapú
Feijão	Camandá	Sogro	Arajá
Fogo	Tatá	Tigre	Jaguá
Fumo, tabaco, cigarro	Abijú	Tateto (Dyc. torquatus)	Xêtétú
Grande	Avixá	Terra	Eny
Jacutinga	Jacutin	Veado	Guaxú
Jocúcaca	Jacucá	Venha	Ejô
		Vermelho	Morápiram

Tabela 01 – Vocabulário dos Arés, por Borba (1904)

Dessa lista, algumas palavras são reconhecidamente de uma língua Tupí-guaraní do ramo Guaraní (subconjunto/sub-ramo I, cf. RODRIGUES, 1985, p. 37-38), a exemplo da palavra *ejô* ‘venha’, em que o verbo vir não apresenta a consoante final *r*, encontrada em línguas dos outros dois ramos meridionais.

Algumas delas apresentam características lexicais e sonoras especificamente encontradas na língua Xetá. Do ponto de vista lexical, ressaltamos o vocábulo para ‘mãe’, que em Xetá da segunda metade do século XX é *háj* (traduzida por Rodrigues como ‘mãe’ e

‘vovó’). Há também as palavras para as quais o deslocamento de acento típico do Xetá para a penúltima sílaba é exponencial, como ‘lontra’, *miráka* e ‘conversar’, *mongkéta*.

É fato extremamente interessante que Borba, ao perguntar sobre a palavra para ‘matar’, foi-lhe respondido *tinopa*, ou seja, ‘me matam’ ou mesmo ‘me batem’. Tal vocábulo traduz sinteticamente a peculiar contexto vivido pelos Xetá, ameaçados por seus contrários, tanto indígenas quanto não indígenas.

2.4. H. VON IHERING (1907)

A segunda lista de palavras da língua Xetá foi coletada por Hermann von Ihering junto a um suposto homem Xetá que teria ido a São Paulo com um grupo Kaingang. Como já pudemos discutir anteriormente nesta dissertação, houve uma confusão no registro da língua como “Notobotocudo”, pois mesmo uma breve observação no léxico apresentado não nos permite relacioná-lo a uma língua Jê.

PORTUGUÊS	NOTOBOTOCUDO
Mão	ndepá
Pé	chépãch
Unha	nepuapê
Nariz	nejaputá
Cabelo	neaçá
Cabeça	nderabá
Barba	nendebá
Dente	nereng
Perna	necupõ
Braço	nendjuvá
Fogo	tatá

Tabela 02 – Palavras da língua “Notobotocudo” por Ihering (1907)

A transcrição dos dados claramente apresenta problemas, pois a palavra para ‘mão’ deveria ser po e não pa. Com exceção da palavra para ‘pé’, na qual o acento tônico do pronome pode corresponder a uma pronúncia Xetá (*chépãch*), as demais são nitidamente Tupí-Guaraní, mas não necessariamente Xetá.

2.5. A. V. FRIČ & Č. LOUKOTKA (1929)

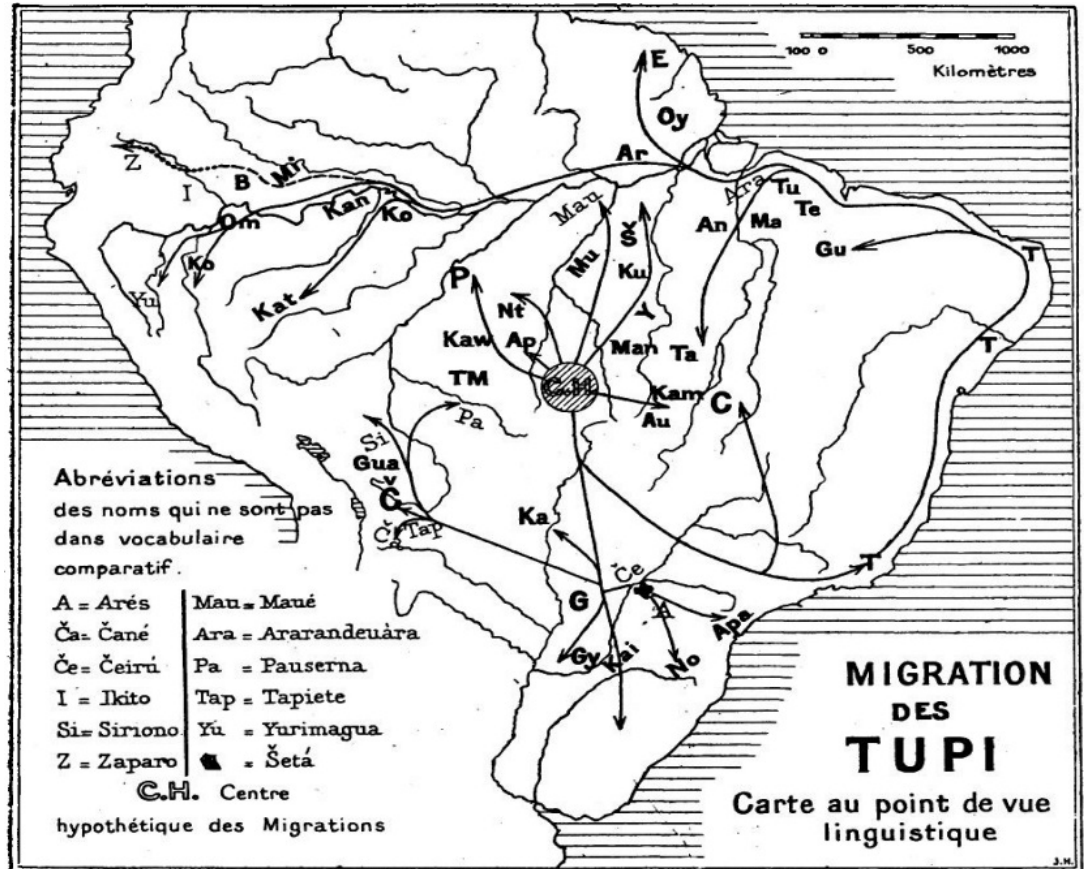
Optamos por agrupar o trabalho dos dois pesquisadores tchecos, pois seus trabalhos estão intrinsecamente relacionados. Čestmir Loukotka apenas em 1958 acompanhou a expedição comandada por José Loureiro Fernandes à Serra dos Dourados, publicando 31 anos depois (1960) as análises de seus próprios dados, dos quais trataremos no tópico 2.9 do presente capítulo.

Assim sendo, para a sua publicação de 1929, Loukotka baseou suas comparações no material coletado por Albert Vojtěch Frič, disponível à época apenas no Instituto de Etnografia e Folclore da Academia de Ciências da Tchecoslováquia¹⁸. Outras partes do material também não eram originais, mas sim coletados por Borba. Conforme consta em sua nota final ao livro “Actualidade Indígena”, “Quando aqui estive no Paraná, em 1906, o Dr. Alberto Fric, autorizado pelo auctor, sérvio-se dessa obra, em manuscrito, aproveitando apontamentos.” (BORBA, 1908, p. 171)

É necessário observar o material de Frič com cautela, pois há alguns problemas conceituais que podem recair tanto na observação fonética adotada pelo falante de uma língua eslava ou mesmo no ponto de vista étnico adotado pelo botânico que conviveu de perto com muitos indígenas. Mota (2013, p. 155), observa “cachoeira da Ranranha”, como uma anotação errônea de Frič para um topônimo largamente utilizado desde outras épocas – “cachoeira da Ariranha” – (ou “Ranharanha”, na citação de Loukotka, 1929, p. 373, baseado no trabalho de seu colega tcheco), há uma indicação em Loukotka (*op.cit.*) de que tal disparidade teria sido assim explicada por Frič: *rañraña* significaria ‘areia’ para os Kaingang, que assim chamavam o local. Na mesma nota de rodapé, Loukotka indica ainda que Frič informou a existência de outro vocábulo para a região, este em língua Portuguesa: ‘ariraña’, com a tradução de “lobo de água”.

Loukotka já em 1929 havia proposto um mapa de distribuição lingüística da América do Sul, no qual desvincula os Aré de Telêmaco Borba dos Xetá da Serra dos Dourados. Note que no mapa a seguir o autor propõe uma migração para grupos falantes de línguas Tupi, e nelas inclui os “Notobotocudos” na atual região dos Xokleng, como se tivessem passado pelo território Xetá (Aré) para o deslocamento.

¹⁸ Há uma reprografia da lista de Frič em MOTA, 2013, p.172, publicada originalmente no volume “*Indiáni Jižní Ameriky*” (1943). Considerando a dificuldade em transcrever com acurácia os diacríticos, e prezando pela fidedignidade das glossas (que estão em língua Tcheca), optamos por não utilizar a versão em questão.



Mapa 03 – Hipótese da migração histórica dos grupos Tupi por LOUKOTKA (1929, p. 397), na qual os Xetá e os Aré, apesar da proximidade geográfica, não seriam o mesmo grupo.

Assim, foi Čestmir Loukotka que transformou o vocabulário coletado por Frič em material de cunho lingüístico, pois não houve outro cientista à época que traduzisse o material escrito em tcheco e somente publicado em Praga.

O trabalho de Loukotka, então, partiu para a organização de uma lista, na qual os dados “Šetá” e Aré foram comparados com dados de outras várias línguas, dentre as quais várias da família lingüística Tupí-Guaraní, quais sejam o Emérillon, o Tembé, o Kaiowá, o Guayaki, o Ñandeva e o Guaraní. Na mesma comparação, no entanto, foram incluídas línguas como o Jurúna, o Kuruáya, o Awetí, dentre outras, que são do tronco Tupí, mas não da família lingüística Tupí-Guaraní.

Apesar de Loukotka explicar a correspondência das letras e dos diacríticos usados para os sons do “Šetá”, o lingüista não teceu nenhum comentário a respeito das correspondências sonoras ou mesmo semânticas entre as palavras de cada etimologia.

Sistematizamos, em seguida, a explicação dada por Loukotka sobre a escolha da grafia e a sua correspondência com os sons do Xetá, em uma tradução elaborada a partir do

original, publicado em Francês. Loukotka observa, ao final da apresentação dos sons utilizados, que a maior parte das palavras Xetá termina por vogal e que elas possuem somente uma consoante final.

Transcrição adotada por Loukotka (1929, p.375) para grafia dos dados Xetá (“Šetá”) coletados por Frič	
Vogais	
á, é, í, ó, ú	vogais acentuadas
a, e, o	vogais abertas com acento nasal.
ã, õ	vogais nasais.
ü	som gutural característico de todas as línguas Tupi. É o ‘y’ do Tcheco e o ‘ü’ Alemão pronunciado no fundo da garganta.
Consoantes	
b, d, f, g, l, m, n, p, r, s, t, v	se pronunciam como em Francês.
č	‘ch’ Espanhol (“muchacha”) e ‘č’ Tcheco.
ć	consoante intermediária entre č e š, pronuncia-se como o ć Sérvio.
ḍ	consoante palatal Tcheca e Sérvia.
h	h Tcheco e Alemão.
x	ch Tcheco e Alemão em “ <i>machen</i> ”.
x̣	ch Alemão de “ <i>durch</i> ”.
k	sem aspiração, é o k das línguas românicas e eslavas.
ñ	n Espanhol (“ <i>niño</i> ”) e Tcheco ñ.
š	ch Francês (“ <i>chercher</i> ”) e Tcheco š.
ṭ	consoante palatal Tcheca e Sérvia.
w	u consonantal, como no Inglês (“ <i>widow</i> ”).
y	i consonantal, correspondente ao Alemão e Tcheco.
ž	j, Francês (“ <i>jouer</i> ”) e ž Tcheco.
'	um som indefinido, um tipo de aspiração.
Grupos de Consoantes	
nb, nt, mk, mh, šth, pš, nš, rt, kf, šk, ké, lmr, gr, mn, nk, kx, ñp, ñh, ñt, gw, dw, pr, etc.	“Os grupos de consoantes são particularmente marcados em Xetá, vários entre eles têm pronúncia difícil.”
Ditongos	
ie, ua, eu, iu, ou, ui, ue, io	“Há relativamente poucos ditongos.”

Tabela 03 - Convenção utilizada por Loukotka (1929) para transcrição dos dados de Frič

Reproduzimos no anexo III apenas as palavras Xetá contidas na comparação, por julgarmos que apenas os vocábulos da língua em questão são relevantes para os objetivos a

que nos propomos no presente capítulo. É importante notar que as palavras foram organizadas de acordo com critérios semânticos.

Loukotka apresenta também a lista coletada por Borba (1904) contrastando-a com elementos da lista de Frič (1906), dispostos segundo ordem alfabética.

Comparação das listas de Borba e de Frič segundo LOUKOTKA (1929, p. 394.)		
Borba	Frič	Glossa
abížú	tataisü	Fume
aražá	hai'ci'ci	belle-mère
avišá	ipirè	Grand
aykapù	kanunú	beau-père
hom	huhun	Noir
iú	üpe	Canard
ižú	putangučue	Jaune
morápiram	puton	Rouge
pirá	phüxü	Poisson
ru	mai	Père
tin	marakü	Blanc
žaguá	unuŤue	Jaguar
žapeá	tatax	bois à brûler

Tabela 04 - Comparação das listas de Borba e de Frič segundo LOUKOTKA (1929, p. 394.)

Ao analisar a tabela acima, Loukotka tem a impressão de que apenas os dados de Frič pertencem ao Xetá. Ao nosso ver, tal conclusão deve-se à má interpretação das glossas e, conseqüentemente, das formas pelas quais a língua em questão interpreta e analisa a sua realidade interna e externa durante a criação de vocábulos e as situações discursivas.

Um caso ilustrativo desse paradoxo estabelecido por Loukotka, ao considerar duas supostas línguas distintas, é a formação dos vocábulos para as cores. No caso, *morápiram* (Borba) e *puton* (Frič) são discrepantes em forma, porém relacionadas em significado – ‘vermelho’, e apenas a última foi tomada pelo lingüista como autêntica para a língua Xetá.

Em nossa análise, *morápiram* corresponde ao morfema formador de cores nas línguas Tupí-Guaraní: o elemento *moro-* combina-se com *pirã(η)*, cujo resultado é, também, ‘vermelho’, assim como *puton*. Ambas as formas coexistem em várias línguas dessa família lingüística, pois como qualquer outro sistema lingüístico, há formas concorrentes e que no caso de coleta de dados por diferentes autores, podem afigurar nas listas comparadas sob a mesma glosa.

Outro exemplo é *abízü* (Borba) e *tataisü* (Frič), que não nos parece a mesma glosa, mas sim, respectivamente, ‘soprar’ e ‘fumaça’. A falta de correspondência entre os vocábulos deve-se, provável e supostamente, ao fato de que o nome foi coletado por Borba quando alguém fumava um cigarro; assim, o informante interpretou a situação pedida como o ato de soprar.

No campo semântico, outra perspectiva é para *ru* e *mai*, que são dois temas para pai. É possível que *ru* apresentava-se como forma alternativa para ‘pai’, pois conforme diversos relatos dos falantes nativos de Xetá contidos em Silva (1998; 2003, *en passant*) havia diversos cognatos e locuções descritivas na língua Xetá que somente poderiam ser claramente compreendidas dentro da situação discursiva ou mesmo do falante e do(s) ouvinte(s).

Loukotka, ao final deste seu trabalho, apresenta uma lista, indicando a escala numérica de cognatos do Xetá em relação às línguas arroladas. Reproduzimos tal estudo de freqüências abaixo, com transcrição fidedigna às línguas elencadas, mas destacamos o índice de cognatos entre o “Šetá”, o “Aré” e o “Notobotocudo”.

Língua	Ocorrência de Semelhanças	Língua	Ocorrência de Semelhanças
Guarani	95	Kokama	18
Kawahíb	66	Kuruaya	18
Tupi	48	Maué	18
Guažazára	46	Apapokúva	17
Kamayurá	45	Mundurukú	17
Kainguá	42	Kayowa	13
Guayakí	39	Čiriguáno	12
Apiaká	39	Canoeiros	10
Oyampi	33	Fā- āi	9
Parintintim	32	Šipaya	9
Omagua	31	Čané	8
Auetó	31	Manitsaná	7
Tapirape	31	Arakwayú	6
Tembe	31	Notobotocudo	6
Turiwára	30	Zaparo	6

Anambe	27	Guarayo	5
Manaže	26	Boro	4
Ñéengatu	23	Ntogapid	4
Miraña	22	[Kanamare]	4
Émerillon	22	Katukínarú	3
Tupi do Machado	22	Siriono	2
Arès	20	Čeirú	2
Yuruna	20	Ikito	1

Tabela 05 – Comparações estatísticas de Loukotka para o Xetá a partir dos dados de Frič

2.6. R.F.MANSUR GUÉRIOS (1959)

O primeiro trabalho lingüístico que trata da gramática Xetá foi elaborado por Rosário Farani Mansur Guérios, advogado e auto-didata em Lingüística. Seu artigo, intitulado “A Posição Lingüística do Xetá”, foi baseado nos dados coletados em 1956, com o falante nativo do Xetá Tucanambá. O mesmo falante trabalhou com Rodrigues em outras ocasiões posteriores. Guérios teve a oportunidade de rever esses dados com o próprio Tuca, e também com Iango, um índio de cerca de 50 anos à época.

O autor observa que Loukotka, ao coletar dados próprios do Xetá em 1958 (durante a expedição etnográfica do prof. Loureiro Fernandes), mudou o seu pensar sobre os dados de Frič, considerando-os não Xetá. Guérios não entende a nova posição de Loukotka, pois diante de seus próprios dados Xetá, chega à conclusão firme de que “é um idioma tupi-guarani, mais próximo da modalidade guarani, porém misturado de elementos de uma língua que me parece isolada quanto ao parentesco próximo.” (GUÉRIOS, 1959, p.93)

Guérios, a partir de seus mais de 200 itens lexicais do Xetá, aplica o método histórico comparativo e estabelece correspondências fonético-semânticas entre certos elementos do vocabulário, como possessivos, pronomes pessoais, retos ou oblíquos, pronomes pessoais preverbaais (afixados aos verbos), numerais, partículas, nomes das partes do corpo humano (somatônimos) e nomes referentes à natureza (fisiônimos). Perfaz, assim, uma pequena discussão sobre a importância da consideração de critérios gramaticais na comparação histórica, em conformidade com as discussões desses tópicos na época, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Guérios (1959, p. 93) observa a esse respeito, que:

Já os linguistas da velha guarda, como Rasmus Christian Rask e A. P. Pott, reconheceram o valor desses elementos. O primeiro sustentava que o

sistema gramatical é de suma importância, visto que as palavras são mui freqüentemente tomadas de uma a outra língua, mas rarissimamente as formas gramaticais, e falando de línguas mistas, para determinar-lhes a afinidade, declarava que os pronomes e os números são mais decisivos. E Pott afirmava que empréstimos se verificam quase só com substantivos...

Diante da questão de itens lexicais comparáveis, Guérios conclui que os pronomes são vistos como sendo raramente sujeitos a empréstimos. Antes de apresentar seu estudo comparativo, explica a representação gráfica que escolheu para registrar a língua Xetá. Incluímos tal sistematização a seguir.

- 1) Sílabas tônicas final assinalada pelo acento agudo napuá, "joelho".
- 2) Sílabas tônicas medial (vocábulo paroxítono) ora com acento agudo - akangáwe > "crânio", ora sem qualquer acento - **potyape**, "unha", i. é, **potyápe**.
- 3) Sílabas tônicas medial (vocábulo paroxítono) em ô, ê (com circunflexo) indicam também o, e, fechados e algum tanto longos - kônia, "mulher".
- 4) Vogais abertas ó, é; fechadas ô, ê.
- 5) Uma vogal entre parênteses assinala que a mesma é breve ou que se trata de palatalização da consoante precedente: **d(i)oro**, "bôca". É apenas breve, se consoante: **p(r)ohá**, "pé".
- 6) O ö = ö alemão.
- 7) O dígrafo th representa o th inglês de thin.
- 8) O apóstrofo representa supressão de vogal só com os possessivos: th'inko, em vez de thi inko "minha língua". Depois de consoante mostra que esta é palatalizada.
- 9) O n entre parênteses diz que a vogal anterior é nasal.
- 10) O n com til é o ñ espanhol ou nh português.
- 11) Ora se usou w, ora u para o elemento semivocálico - ka-áwd(i)o, "dedo polegar"; kãuá, "vespa".
- 12) O h é levemente "aspirado".
- 13) O til sobre vogal assinala que a mesma é pronunciada nasalmente fechada: tâma, "perna", como no port, do Brasil.
- 14) O r inicial ou medial é vibrante simples; como medial em port. ira.

15) O *X* é o correspondente ao *ch* port, ou francês (*chã*, *cheval*), e precedendo

t, isto é, *tx* equivale ao espanhol ou inglês *ch*.

16) O *g* é velar como no português *gás*, *guerra*.

17) O *j* entre parênteses é para dar valor palatal quase como o português ou francês *j*, e sem parênteses é o *j* português ou francês.

18) Há alternância de *p : f*, *de r : l*.

19) As consoantes surdas não são inteiramente surdas, nem as sonoras completamente sonoras, donde a representação dupla, p. ex., *oata* e *oada*, "andar"; etc. (GUÉRIOS, 1959, p.95-96)

Nesse estudo, Guérios quer provar que o Xetá faz parte do grupo Tupí-Guaraní, muito próximo especialmente com a língua Guarani, especialmente no que se relaciona a possessivos, nomes das partes do corpo humano, pronomes pessoais prefixados aos verbos, partículas, partículas verbais do imperativo e também quanto à expressão do modo do permissivo, dos nomes da natureza, de utensílios, de armas, nomes de parentela, de animais, dos numerais, e de alguns adjetivos.

Apresentamos no Anexo IV a lista comparativa que passamos a comentar a seguir, considerando as interpretações de Guérios de palavras e expressões Xetá.

Ao analisar a seqüência *-ká* ou *-kiiin* como sufixo de diminutivo, o autor não encontra correspondência para a mesma na família lingüística Tupí Guaraní. Buscando assim uma correspondência, o autor relaciona o elemento em questão a um morfema encontrado no Kaingang, *-xin*, derivado de *-kin*, mas sua rigorosidade acadêmica limita-se ao questionamento "Será o 2.º elemento empréstimo ao caingangue?" (GUÉRIOS, 1959, p.97).

Durante o decorrer do texto, a tendência de Mansur Guérios é interpretar elementos Xetá como oriundos de empréstimos de línguas Jê, como a exemplo da palavra para pé, que em Xetá é *purûha*, 'andador' (segundo Aryon Rodrigues, comunicação pessoal), e foi por ele registrada como *ti p(r)ohá*. A sugestão de Guérios, então, é a correspondência ao termo *prá* encontrado em Xerente e em Xakriabá. Mas, a análise mais acurada é a de Rodrigues, segundo a qual *purûha* é uma nominalização do verbo *puru* 'andar'.

Por outro lado, Guérios traz uma interpretação bastante condizente para palavra olho, quando declara que 'se pode ligar **ti mahá**, **ti mhá**, "meu olho" - K. **i-mahã**, "ôlho dele"

com o guarani (Montoya) **maé**, "vista, ver", tupi **mahã**, " v e r " (GUÉRIOS, 1959, p. 99, grifo no original). Conforme propõe Rodrigues (comunicação pessoal), a forma *mahã*, significa 'o vedor', ou seja, mais uma forma nominalizada de verbo.

Guérios conclui que os exemplos apresentados e cotejados provam que o Xetá é uma língua basicamente Tupí-Guaraní, confirmando a hipótese da filiação lingüística apresentada por Loukotka (1929). Guérios, entretanto, faz as seguintes observações:

1.a) Maior número de concordância - a) com os nomes das partes do corpo humano, seguindo-se, em escala decrescente - b) os nomes referentes à natureza, inclusive animais e plantas; - c) a utensílios e armas.

(...)

3.a) O xetá é, no geral, mais próximo do falar guarani que do tupi, confirmado pela fonética (v. "bôca", "sangue", etc.) e pelo número "um".

4.a) Há elementos "guaranis" mais recentes que outros. P. ex. **d(i)oro**, "bôca", é mais antigo que Pr. **yurú**. É provável que êste seja recentíssimo; trata-se, é claro, de empréstimo. Assim também outros exs. de Pr. são perfeitos "guaranismos": **tanimbii**, "cinza", em comparação com **tataupa**, **idem** (v. o n.º 2 - natureza); Fr. **iivuih**, " t e r r a " (guar, **ivuîgh**, **ivuhy**, idem) em comparação com **hêua**, **ewúa**, idem; Pr. **patii**, " f l o r " (guar, **ypoty**, idem) em cotejo com **-pôtêra-**, **-bôtêra-**, idem.

6.a) O xetá é uma língua mista no sentido de que há um considerável contingente aloglótico sobre a base tupi-guarani.

7.a) Será preciso estender a comparação a outros idiomas não tupi-guaranis, para identificar esse contingente, mediante o maior número possível. Nada obstante, pelos poucos exs. cotejados, sobressai o aruaque.

8.a) Estatisticamente, os exemplares deste estudo denunciam que os elementos tupi-guaranis são em maior número que os não tupi-guaranis.

9.a) São fundamentalmente de caráter tupi-guarani os pronomes pessoais possessivos, os pronomes prefixados aos verbos, prefixos verbais do imperativo e permissivo, partículas, a sintaxe do predicativo com função verbal, e os nomes das partes do corpo humano que aqui se apresentaram.

10.a) A maior coleta de vocábulos em ulteriores investigações, possibilitando aplicar satisfatoriamente a chave semântica de Morris Swadesh (léxico-estatística), virá apenas confirmar a asserção deste estudo. (GUÉRIOS, 1959, p. 112)

2.7. J.L. FERNANDES (1958)

José Loureiro Fernandes reuniu um conjunto de dados e o apresentou por campos semânticos, como fizera Loukotka (1929) e Guérios (1959). Durante a coleta dos dados,

Fernandes foi orientado por Loukotka quanto à grafia a ser utilizada nas transcrições das palavras, e auxiliado durante a coleta por Kozák. Apresentamos abaixo a equivalência letrada dos dados de Fernandes e, no anexo V os dados por ele reunidos.

â – quantidade; à – acentuação; tx – como em espanhol ch; di – como em tcheco d’; h – aspirado como para indicar vogal nasal em alemão; ñ – como em espanhol; x – como em português (=ch); ti – como em português; j – como em português; n – após vogal

Fernandes conclui, em consonância com Loukotka, que não se poderia relacionar os dados de Frič (1906) com aqueles da língua da Serra dos Dourados. Assim, denota que os indivíduos com os quais Frič teve contato tratavam-se de pessoas com falares Guaraní que viviam nas florestas e eram capturadas pelos Kaingang, sem que fossem necessariamente Xetá.

2.8. GUDSCHINSKY & BRIDGEMAN, 1959 (SIL)

Durante a V Reunião Brasileira de Antropologia, em 1961, Sarah C. Gudschinsky (1919–1975), membro do *Summer Institute of Linguistics* no Brasil, em resposta ao relatório apresentado por Aryon D. Rodrigues, declarou: "Presentemente estão arquivados dados de levantamento de nove variedades locais de Guarani, bem como de **Xetá**, Parintintim, Diahoi, Munduruku, Sataré, Apiaká, a Língua Geral falada no rio Andirá, Urubú e Guajajara." (GUDSCHINSKY, 1972, p. 66, grifo nosso).

Considerando a associação do SIL com o Museu Nacional (RJ), temos também uma indicação no “Guia de Fontes e Bibliografia sobre Línguas Indígenas e Produção Associada – Documentos do Celin”, organizado por SOARES (2010, p.147), de um trabalho de Gudschinsky & Bridgeman (1959), intitulado “O sistema fonêmico da língua Xetá: as consoantes”, feito sob responsabilidade do *Summer Institute of Linguistics*.

Na mesma compilação de Soares (2010, p. 111), há um relatório de pesquisa sob o título “Xetá”, sem maiores informações acerca do ano de produção do material ou mesmo do autor.

Miriam Elizabeth Stout, também membro do SIL, em 1973 propôs uma ortografia para a língua “Botocudo” (hoje denominados Aimoré), com dados coletados em 1973 em Minas Gerais. Em sua nota bibliográfica, apontou:

Classificação de Botocudo seguindo pp. 93-115, "Social Organization and Beliefs of the Botocudo of Eastern Brazil." *Southeastern Journal of Anthropology* 1946, no. 1.

Botocudo:

1. Borũn (Nimuendaju) "Botocudo do Rio Doce" (Aimoré)
2. Botocudos de Sta. Catarina ("Kaingang" por J. Henry, mas Nimuendaju não concorda.)
3. Kaingang
4. **Botocudos dos Rios Ivai & Piquiri no Paraná ("Aré" - Telemaco Borba, "Noto Botocudos" - H. von Ihering, "Xetá" - V. Frič)**

(Nimuendaju trata estes de "Guarani")

Nota que "mão"/"pé" no Botocudo do Rio Doce ou Borũn é /po/, idêntico a "mão" em Guarani e Botocudo do Ivai. (STOUT, 2009 [1973], p.12, grifo nosso)

Não nos foi possível ter acesso a tal material. Torna-se necessário, portanto, averiguar qual o teor desse estudo e, se realmente disponível e fiável, incorporarem-se às sistematizações posteriores, para contribuir com mais elementos da cultura e da língua Xetá aos pesquisadores e aos descendentes dos Xetá da Serra de Dourados.

2.9. Č. LOUKOTKA (1960)

Decorridos 31 anos do trabalho elaborado com os dados de Frič e de Borba, Loukotka (1960, p. 353-367) apresenta uma lista contrastiva, ao apresentar suas próprias impressões e registros coletados junto aos índios da Serra de Dourados, em publicação da *Acta Ethnographica* da Academia de Ciência da Hungria. Seus dados foram obtidos junto a falantes L1 de Xetá, que também forneceram informações lingüísticas a Fernandes (1958) e posteriormente a Aryon Dall’Igna Rodrigues (1960, 1962, 1967, 2003 e 2005).

Apresentamos essa lista comparativa no anexo VI. Loukotka, após sistematizar o material, apresenta 317 palavras na língua dos índios da Serra de Dourados. Destes, o autor considera que apenas 65 se encontram arrolados na língua dos Šetá de Frič, sendo apenas 57 idênticos nas duas línguas. Uma correspondência, portanto, de 30,19%.

Loukotka considera esta porcentagem insuficiente para considerá-las línguas idênticas e afirma que em sua classificação, definitivamente, são apenas duas línguas geneticamente relacionadas, sendo o Šetá correspondente quase integralmente à língua Guarani. Em contrapartida, a língua falada pelo grupo da Serra dos Dourados seria intensamente degradada pelas “influências estrangeiras desconhecidas e indetermináveis”.

O autor afirma, veementemente, que a declaração de Fernandes (1958) deve ser refutada, pois os índios da Serra dos Dourados não podem ser idênticos ao povo Šetá conhecido por Frič no início do século XX, pois não há coincidência nas características materiais e nem em suas línguas (LOUKOTKA, 1963, p. 368).

Assim, Loukotka apresenta dois quadros fonéticos, um contendo as consoantes e outro as vogais da língua dos índios da Serra dos Dourados.

Vogais				
	Fechadas		Abertas	
	Anteriores	Posteriores	Anteriores	Posteriores
Altas	i		ü	u
Médias	e		ö	o
Baixas	a			

Tabela 06 – As Vogais da língua da Serra dos Dourados cf. LOUKOTKA, 1960.

Tabela das consoantes										
		Oclusivas		Aspiradas		Africadas		Vibrantes	Late-rais	Nasais
		Surdas	Sonora	Surdas	Sonora	Surdas	Sonora			
Aspiração	Aspiração			h						
Guturais	Pos-palatodorsais	k	g	x	y				ɫ	ng
Dentais	Alveo-apicais	t	d	s	z			r	l	n
Palatais	Alveo-dorsais	t'	d'	š	ž	č	dž		l'	ñ
Labiales	Labiales	p	b	f	v					m
	Labio-velares				w					

Tabela 07 - As Consoantes da língua da Serra dos Dourados cf. LOUKOTKA, 1960

As conclusões de Loukotka não se sustentam, pois há sérias discrepâncias na comparação realizada. Os significados culturais divergiam entre as glossas apresentadas como idênticas, e muitas vezes a palavra coletada em Xetá não corresponde ao pedido do entrevistador. Em diversas ocasiões, Loukotka não soube traduzir as glossas com precisão para o informante, trazendo assim imprecisão aos dados.

Utilizaremos os exemplos abaixo, contidos em Loukotka (1960) para ilustrarmos nossas considerações. As siglas “LF” significam dados de Loureiro Fernandes; “Š”, Šetá de Frič; “T K”, informações de Tuca e Kuein (falantes nativos de Xetá, que ainda crianças já tinham sido levados para o convívio com não indígenas).

1.	‘mamilo (homem)’	LF ikāta	Š č'-kanbū
2.	‘vamos’	žá	A ežo
3.	‘vá’	žá	A ežo
4.	‘venha aqui’	T K ed'io	

Tabela 08 - Alguns exemplos da língua da Serra dos Dourados citados por Loukotka (1960)

A primeira linha demonstra a imprecisão da tradução da glosa, pois o fornecido nas duas diferentes situações não pode ser relacionado ao significado apresentado na primeira coluna.

Os outros exemplos são os que envolvem os verbos *ir* e *vir*. Loukotka, ao estabelecer as correspondências entre os dados coletados por ele e os dados coletados por Fric não percebeu que os índios da Serra dos Dourados não corresponderam aos dados por ele coletados. Nos dados de Fric há ‘vir’ quando nos dados do Loukotka há ‘ir’, como em 2 e 3.

Outra questão, de cunho histórico, é que os índios da Serra de Dourados têm *imaha* para olho, como atestou Rodrigues em seus trabalhos de campo e também Guérios (1959). É notório que a palavra para ‘olho’ nos dados Xetá é a forma normalmente encontrada nas demais línguas Tupí-Guaraní, mas há uma forma arcaica para designar ‘olho’ nas línguas dessa família lingüística, o vocábulo *tečá*.

Observando os dados a seguir, uma possibilidade é que os Xetá tivessem também retido até a época de Frič a antiga palavra para olho. Até mesmo pode haver a suposição de que o indivíduo em questão fosse bilíngüe em Xetá e em Guaraní Mbyá e, por um lapso ou por uma estratégia de convívio tenha fornecido a palavra para olho nessa última língua.

O importante a frisar aqui, além das prováveis situações que o Método Histórico-Comparativo pode melhor elucidar, é que foram justamente os índios da Serra dos Dourados que forneceram em diversas ocasiões o termo *imahā* para olho, conforme apresenta-se no quadro a seguir (cf. Loukotka, 1960). Entenda-se “T Ñ” como informação fornecida por Tuca e Ñango (Iango), falantes nativos de Xetá; “Š”, Šetá de Frič e “LF”, coletado por Loureiro Fernandes.

‘olho’	imahā T, Ñ	Š š’ – yetá, Y tečá
	LF imahâ	

Tabela 09 - A glosa ‘olho’ em três diferentes listas da língua Xetá.

2.10. SANTANCHÉ (1964)

Santanché afirma, partindo de dois itens lexicais observados na Serra dos Dourados na década de 1960, que constam as mesmas formas lingüísticas, idênticas, na língua Guaraní. Assim, pressupõe que, possivelmente, os Xetá tinham conhecido um tempo

“melhor” no passado – ou seja, com agricultura e moradias fixas – e por razões ainda desconhecidas tinham se infiltrado na mata dos Dourados praticando apenas a caça e a coleta (SANTANCHÉ, 1964, p.26). As palavras trazidas por Santanché são:

Xetá (1956)	Guarani (?) de acordo com Santanché 1964
ñapeβa – ‘recipiente’	ñapeβa – ‘pote onde é possível ferver a água (cerâmica)’
k̄ta – ‘esteira’	k̄ta – ‘rede para dormir’

Tabela 10 – palavras Xetá elencadas por Santanché (1964, p.26).

Podemos perceber, todavia, que apenas dois homônimos não servem a um acurado exame lexical e histórico para o estabelecimento de parentesco genético entre línguas. É também notório que Santanché baseia seu estudo, de forma marcante, nos trabalhos já anteriormente desenvolvidos por Loureiro Fernandes e por Kozák.

2.11. RODRIGUES (1978)

O primeiro lingüista brasileiro a estudar a língua dos índios da Serra dos Dourados *in loco* foi Aryon D. Rodrigues, que esteve nesses acampamentos indígenas de 1960 a 1962 e em 1967 na condição de doutor em Lingüística, título ainda inexistente no país.

Após extensa sistematização dos dados colhidos em suas idas a campo, bem como o cotejamento com as fontes de outros autores, Rodrigues publicou em 1978 o artigo “A Língua dos Índios Xetá como Dialeto Guarani” na separata da Revista Cadernos de Estudos Lingüísticos da Universidade de Campinas.¹⁹

Nesse artigo, Rodrigues reúne provas definitivas de que o Xetá não é apenas uma língua Tupí-Guaraní, mas demonstra tratar-se de uma língua do subgrupo I, também conhecido como subgrupo Guaraní. As provas linguísticas reunidas por Rodrigues eliminam as suspeitas de que se tratasse de uma língua fortemente mesclada com elementos estranhos,

¹⁹ Esse artigo foi novamente publicado, sob revisão do autor, na Revista Brasileira de Lingüística Antropológica (RBLA), 2011, vol.3, n.2. O acesso *online* e gratuito a essa edição está disponível em <<http://seer.bce.unb.br/index.php/ling/issue/view/815/showToc>>, versão utilizada para o presente texto.

como foi o caso da observação de Guérios (1959, p.112) de que ‘o xetá é uma língua mista no sentido de que há um considerável contingente aloglótico sobre a base tupi-guarani’,

Na mesma esteira de pensamento, assim foi a observação de Loukotka (1960, p. 368) ao concluir que a língua “da tribo da Serra dos Dourados foi intensamente desagregada por influências estranhas, desconhecidas e indetermináveis”. Para Rodrigues (2011 [1978], p.211), a hipótese da desagregação lingüística do Xetá parecia condizer, na visão dos autores que a defendiam, com as práticas caçadoras-coletoras em um grupo Tupí-Guaraní, para o qual esperavam-se práticas agrícolas.

Nesse estudo, Rodrigues não pretende esclarecer as discussões acerca da filiação genética entre os “botocudos do rio Ivaí” do século XIX e os índios da Serra de Dourados da década de 1960. O objetivo e a fundamental contribuição do artigo ora discutido é a sistematização dos elementos divergentes do Xetá frente às outras línguas Tupí-Guaraní, para que tal hipótese de desagregação lingüística pudesse ser revista.

Segundo Rodrigues (2011 [1978], p.212), há cinco elementos que atuaram na língua Xetá, causando fortes divergências entre essa e o Guaraní Antigo (estágio anterior da língua Guaraní, documentada por Antonio Ruíz de Montoya na segunda metade do século XVII. Essa língua está afastada, assim, menos de 100 anos da língua Xetá da década de 1960). As análises de Rodrigues (*op.cit.*) estão elencadas a seguir, com os exemplos fornecidos em seguida.

1 – Mudanças fonológicas, ou seja, mudanças na estrutura de sons da língua, que transformaram profundamente muitas palavras do Xetá, tornando-as dificilmente inteligíveis quando comparadas ao Guaraní Antigo.

2 – Tabus lingüísticos, que orientam a proibição cultural de determinados vocábulos. A restrição em dizer certas palavras está ligada aos períodos de disponibilidade de determinados alimentos, especialmente aqueles obtidos pela caça. A referência para esses alimentos, similares nas línguas aqui comparadas, era substituída por locuções descritivas apenas entre os falantes de Xetá durante a temporária proibição discursiva.

3 – Utilização de locuções metafóricas no lugar dos nomes simples que outras línguas aparentadas apresentam. Essas locuções referenciam aspectos míticos da cultura Xetá

em palavras do cotidiano, e somente podem ser compreendidas dentro da organização dessa sociedade.

4 – Derivação de palavras e composição de descritivos para nomes simples ou complexos que não constam sob a mesma forma (seja simples ou complexa) nas línguas comparadas.

5 – Substituição de nomes (simples ou complexos) por conta de extensões de sentido motivadas culturalmente ou não.

Glossa	Guaraní Antigo	Xetá	Elemento de modificação da língua Xetá cf. Rodrigues (2011 [1978]) atuante no exemplo
‘neblina’	<i>a'wãči</i>	<i>ibi'tĩ</i>	1
‘espécie de palmeira’	<i>yu'yi</i>	<i>'ñoča</i>	1
‘bebida (de coquinho)’	<i>i'ba ri'kwe</i> (‘suco de fruta’)	<i>wa'rēke</i>	1
‘grande’	<i>hubi'cya</i>	<i>há'wiča</i>	1
‘frio’	<i>ro'ʔi'cã</i>	<i>'rãiča</i>	1
‘onça’	<i>ya'wa (re'te)</i>	<i>'ňagwa</i>	-
		<i>'haikã 'pĩrĩtai</i> (‘caça/carne malhada’)	2
‘tatu’	<i>ta'tu</i>	<i>'tato</i>	-
		<i>'haikã čape'ai</i> (‘caça/carne que tem casca’)	2
‘capivara’	<i>kapi'ʔi'ba</i>	<i>ka'piwai</i>	-
		<i>'haikã 'huuai</i> (‘caça/carne que faz huu’)	2
‘sol’	<i>kwarahi</i>	<i>'ňane 'čape ta'kië</i> , (‘nossa luz, irmão mais velho’)	3
‘lua’	<i>ya'ci</i>	<i>'ňane 'čape 'tēweá</i> (‘nossa luz, irmão mais moço’)	3
‘céu’	<i>i'bag</i>	<i>ta'tōka</i> (‘aldeia das estrelas’)	3
‘fogo’	<i>a'ta</i>	<i>'ata</i>	-

		<i>haika'ča</i> (<i>haikã + eči + a</i>) (‘assador de caça/carne’)	4
‘machado’	<i>yi</i>	-	-
	<i>yepora'ka'ha</i> (‘o colhedor’)	<i>ņepra'ka</i> (‘o colhedor’)	4
‘minha esposa’	<i>cye remieroa'ta</i> (‘que eu faço andar comigo’)	<i>či mi'rata</i> (‘que eu faço andar comigo’)	4
	<i>cye remire'ko</i> (‘a que eu faço estar/viver comigo)		
‘pé’	<i>pi</i>	-	-
	<i>pi'rũ'ha</i> (‘o pisador’)	<i>porõ'ha</i> (‘o pisador’)	4
‘olho’	<i>e'ca</i>	-	-
	<i>ma'ʔe'ha</i> (‘o vedor’)	<i>mã'ha</i> (‘o vedor’)	4
‘ânus’	<i>e'bi'kwa</i> (‘orifício das nádegas’)	-	-
	<i>po'ti'ha</i> (‘o defecador’)	<i>poči'a</i> (‘o defecador’)	4
‘lagarto’	<i>te'yu</i>	<i>'moiči'waki</i> (‘cobra de braços’)	4
‘esteira para dormir’	<i>pi'ri (pē'mi)</i>	<i>ta'pegwa</i> ²⁰	5
	<i>tatape'kwa</i> (‘abano para o fogo’)		
‘flauta’	<i>mi'mi</i>	<i>'tagwa</i> ²¹	5
	<i>ta'kwa</i> (‘taquara’)		

Tabela 11 - Exemplos do Xetá citados em Rodrigues (2011 [1978], p. 212)

²⁰ De acordo com Rodrigues (2011 [1978], p. 212), a esteira para dormir dos Xetá também tem a função de abanar o fogo, o que justificaria o uso de um mesmo vocábulo para ambas referências.

²¹ As flautas Xetá eram feitas de taquara, portanto o vocábulo para ‘flauta’, em Xetá, assumiu uma forma semelhante à do Guaraní Antigo para o referido vegetal. (*op.cit.*)

O autor observa, ainda, que nem todos os itens lexicais registrados puderam ser identificados, até aquele momento, mas observa que não há nos dados indício de “nenhuma evidência de intrusão de empréstimos lexicais de língua não tupi-guarani no idioma dos índios da Serra dos Dourados.” (RODRIGUES, 2011 [1978], p. 212). De igual maneira, salienta que as comparações com línguas não Tupí-Guaraní sugeridas por Guérios em 1959 não tem força comparativa ou contrastiva. Assim, há a constatação de que a comparação da língua da Serra dos Dourados com as demais línguas da família Tupí-Guaraní mostra que tanto a fonologia quanto o léxico da primeira são deriváveis mais imediatamente do grupo dialetal Guarani que de qualquer dos outros ramos da família.

Há o registro, também, de algumas peculiaridades lexicais e fonológicas do grupo Guarani, encontradas também no Xetá, como :

'mopi morcego *corresponde* ao g. *mo'pi*, que se distingue do tupinambá e outras línguas Tupi-Guarani *ani'ra*; *'keče* ter medo, *corresponde* ao g. *kihí'ye*, uma metátese de **ciki'ye*, em tupinambá *siki'ye*, guarayo *ci'kiye*, sirionó *sikiče*; *ka'pěØ'kã* irmã mais moça da mulher *corresponde* ao g. *kipi'ʔi*, que difere por metátese do tupinambá *piki'ʔir*. Correspondendo ao tupinambá *s*, sirionó *s*, guarayo *c*. o guarani antigo tem ora *c*, ora *h*, e o guarani moderno do Paraná (*mbia*), paralelamente, ora *č*, ora *Ø*; o xetá da Serra dos Dourados acompanha essa distribuição, com *č* e *Ø*: *pi'o* vocês vão, em g. ant. *pe'ho*, g. Pná. *pe'o*, Tupinambá *pe'so*; *'poi* pesado, g. ant. *po'híy*, g. Pná. *po'iy*, t. *po'siy*; *mas, ča* corda, g. ant. *cã*, g. Pná. *ča*, t. sam; *čo* morder, g. ant. *cu'ʔu*, g. Pná. *ču'ʔu*, t. *su'ʔu*; *'raiča* frio, g. ant. *ro'ʔica*, g. Pná. *ro'ʔi'ca*; t. *ro'ʔisan* (RODRIGUES, 2011 [1978], p. 213)

De acordo com o autor, a principal inovação fonológica do Xetá da Serra dos Dourados parece ter sido a mudança da regra de acento: enquanto o acento de intensidade em Guarani Antigo recaía sistematicamente na última sílaba dos temas nominais e verbais, houve em Xetá um deslocamento para a penúltima sílaba: “*o'gwiče* desce, g. *owe'yí*; *'heče* nele, g. *he'ce*; *'i'ka* osso dele, g. *i'kã*; *'ita* pedra, g. *i'ta*; *i'ača* atravessar rio, g. *ia'ca*; *ia'ča* ponte (de **ia'čaa*, atravessadouro). g. *iaca'ha*; *'koto* furar, g. *ku'tu*; *a'wira* árvore, g. *ibi'ra*.” (*op.cit.*, p.213)

O trecho a seguir, retirado do mesmo autor, também é exponencial acerca das mudanças ocorridas na língua Xetá, pois sintetiza as transformações ocorridas na fonologia, partindo da comparação com o Guarani Antigo.

Entre outras inovações fonológicas, destacam-se as seguintes:

- eliminação da oclusiva glotal intervocálica: 'aaeu caio, g. a'ʔa;
- eliminação da fricativa glotal intervocálica: pi-'a [pʔa] noite, g. pi'ha;
- assilabação das vogais altas contiguas a outra vogal: 'tau [taw] vou comer, g. ta'ʔu; ta'čau [taʔaw] vou tomar banho g. taya'hu; 'hai [hay] mamãe, g. ha'ʔi; mu'ako [mwako] aquecer, g. moa'ku;
- abaixamento da vogal central alta em sílaba átona: a'wira árvore, g. ibi'ra; 'əwa chão, g. i'bi;
- abaixamento das vogais posteriores u, o: 'točo barro, g. tu'yu; 'momo [mama] atirar, g. mo'mo;
- deslabialização de kw e ηwem sílaba átona: 'rēke suco, g. ri'kwe; 'aje alma, g. a'ηwe;
- substituição de b [β] por w: 'əwo flechar, g. i-'bō; a'woto vento, g. ibi'tu;
- nasalização aparentemente imotivada de y e w iniciais: 'ño espinho g. 'yu; 'noča palmeira (esp.), g. yu'yi; 'ñako jacu, g. ya'ku; 'nčo arco-íris. g. yi'ʔi; 'nčoi sapo, g. yu'ʔi rã; ηwa'rapa arco, g. wira'pa; 'ηwira pássaro, g. wi'ra; 'ηwaka arara vermelha, g. wa'ka. (RODRIGUES, 2011 [1978], p. 214)

2.12. CABRAL, RODRIGUES & VASCONCELOS, (2005)

Nesse estudo, Cabral, Rodrigues & Vasconcelos põem em evidência a distinção das duas variedades do Indicativo Tupí-Guaraní, em Xetá, o Indicativo I e o Indicativo II. O Indicativo I, é a variedade não marcada, em que o sujeito é marcado no verbo por prefixos agentivos, quando o objeto é de terceira pessoa, em consonância com os estudos anteriores de Rodrigues publicados em 1952, 1953.

Exemplos do Indicativo II do Xetá fornecidos por Cabral, Rodrigues & Vasconcelos (2005, p.58) são os seguintes:

1	a-
2	ere-
1 pl. incl	ja-
1 pl. excl.	oro-
2pl	pe-
3	o-

Tabela 12 – Indicativo I no Xetá por Cabral, Rodrigues e Vasconcelos (2005)

Os exemplos abaixo exemplificam a manifestação dos prefixos pessoais em verbos intransitivos e transitivos em Xetá. Alguns exemplos citados que constam em CABRAL, RODRIGUES & VASCONCELOS, 2005, p.58-60, com numeração re-organizada.

01) *o-ñengwāj ko*

3-fugir AT.I.

‘fugiu’

02) *jane ŋa ja-jo ko*

12(±3) Foc 12(±3)-vir ATESTADO

‘nós viemos’

03) *o-maj wy-ŋwa*

3-fazer flecha-ATUALIZ.PROSP.

‘ele faz flecha’

04) *o-nōpa*

3-bater

‘ele bate com pau (em outro) ’

05) *ño txi Ø-mamã*

espinho 1 R1-machucar

‘o espinho me machucou’

06) *maj pa txi r-etxa raj*

quem INT 1 R1-ver MEDIADO

‘quem me viu?’

A análise dos autores afirma que, sendo o objeto de primeira ou de segunda pessoa, o sujeito não é marcado no verbo e este se combina com prefixos relacionais, com o argumento expresso por pronomes dependentes. Os exemplos a seguir também foram retirados de Cabral, Rodrigues & Vasconcelos (2005, p.58-60).

07) *ne Ø-mamã txi*

2 R¹-machucar 1

‘eu te machuquei’

08) *txi Ø-mamã ko eré*

1-machucar At.I 2

‘você me machucou’

09) *txi-Ø-mánej raj ére*

1-R¹-assustar MED.I 2

‘você me assustou’

10) *ni Ø-mánej raj txi*

2 R¹-assustar MED.I 1

‘eu te assustei’

Quanto à outra variedade do Indicativo, Cabral, Rodrigues & Vasconcelos (2005) mostram que esta ocorre quando uma expressão adverbial precede o predicado. O verbo não recebe flexão pessoal, mas flexão relacional. Nesse caso, o modo exprime a realização de um processo verbal subordinado a uma circunstância, que pode ser expressa por um advérbio, uma locução adverbial, ou ainda por uma oração adverbial, assim como descrito por Rodrigues, 1953, para o Tupinambá. Um dos exemplos fornecidos é:

11) *a-makañy txi txi Ø-kya ko rama ywy r-e txi r-o ko*

1-perder 1 1 R1-esteira ATESTADO quando chão R2-por 1 R1-estar.deitado ATESTADO

‘quando perdi minha esteira, deitei no chão’

(CABRAL, RODRIGUES & VASCONCELOS, 2005, p. 62)

Quanto ao modo imperativo, Cabral, Rodrigues e Vasconcelos observam que esse modo expressa uma ordem, uma apelação ou um pedido, recebe flexão pessoal e se comporta como o indicativo I, no caso dos verbos transitivos:

12) *i-pój txé Ø-kwi*

2-soltar 1 R¹-afast.de

‘me largue!’

13) *i-pój i-txój*

2-soltar R²-afast.de

‘largue-o!’

Tal estudo, de natureza gramatical, mostrou aspectos importantes da gramática Xetá, a qual se mantinha bastante viva na fala de seus últimos três falantes.

2.13. VASCONCELOS (2008)

A dissertação de mestrado de Eduardo Alves Vasconcelos discorre acerca da fonologia segmental da língua Xetá. Vasconcelos toma como base os dados de Rodrigues, coletados em vários trabalhos de campo da década de 1960 (1960 a 1962 e 1967) na Serra dos Dourados, bem como as novas pesquisas para ampliação desses dados e cotejamento das fontes, elaboradas em fevereiro de 2003 na Terra Indígena Rio das Cobras (município de Laranjeiras do Sul, PR) com os três últimos falantes da língua (Tuca, Tikuein e Kuein). O *corpus* também teve uma nova ampliação, composto pelos trabalhos de Rodrigues, Cabral & Vasconcelos em dezembro de 2005, com Tikuein, em Brasília.

Vasconcelos apresenta um estudo detalhado dos diversos sons registrados da língua Xetá, chegando a um conjunto de 13 fonemas distribuídos em três séries: uma série de obstruintes /p, t, tʃ, dʒ, k, ʔ/; uma série de nasais /m, n, ŋ/ e uma série de soantes /w, r, j e h/.

O autor propõe também seis fonemas vocálicos orais, os quais, segundo a altura, constituem duas séries, uma alta /i, ī, u/ e outra baixa /e, a, o/. Segundo a posição da língua são três séries: anterior /i, e/; central /ī, a/ e posterior /u, o/.

Vasconcelos apresenta também os padrões silábicos do Xetá, que sob sua análise são (V, C₁V, C₁VC₂, C₁C₃V₁) e aborda em termos gerais o acento de intensidade da língua, seguindo a análise de Rodrigues (1978), na qual o acento em Xetá recai sistematicamente na penúltima sílaba (Rodrigues, 1978, p.9).

De acordo com Vasconcelos, os monossílabos tônicos tendem a manter seu acento quando ocorrem com prefixos átonos. Nessa análise, as possíveis ocorrências nas outras posições são resultado da forma como os dados foram coletados, principalmente aqueles da década de 1960, quando os informantes em sua maioria eram monolíngües, exceto o jovem Tuca, que à época já apresentava um bom domínio da língua Portuguesa.

2.14. VOCABULÁRIO ILUSTRADO XETÁ - *ÑANÉ PARANUHÁ* (2013)

O vocabulário em questão foi fruto das oficinas realizadas junto aos Xetá em 2010 no âmbito do projeto *Jané Rekó Paranhá*, tendo como base as fichas lexicais coletadas por Rodrigues em suas viagens a campo na década de 1960 e cotejadas posteriormente.

Trata-se do primeiro material em língua Xetá a ser disponibilizado para as escolas freqüentadas pelos próprios Xetá. Observa-se, assim, o caráter didático que permeou a publicação, bem como a utilização dos dados que serviram também aos trabalhos anteriores desenvolvidos por Rodrigues, Cabral e Vasconcelos, individualmente ou em conjunto, já aqui analisados.

2.15. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS

Reunimos nesse capítulo as principais informações disponíveis dos dados lingüísticos do Xetá, perfazendo assim um panorama dos itens já publicados.

O relato de Elliot, afirmando que o grupo falava algumas palavras em Espanhol, é um item difícil de ser investigado, pois não houve uma efetiva comunicação entre os indígenas e os “desbravadores”. Há a proximidade territorial com as populações de fala espanhola, a possibilidade de ser um indivíduo de outra etnia co-habitando com os Xetá, bem como o convívio por algum período (muitas vezes forçado) de alguns indivíduos entre os não-indígenas, pois tratava-se de um senhor já com idade avançada.

É preciso notar que a asserção de que os índios em questão falavam algumas palavras em Espanhol não nos permite dizer que eles tinham proficiência nessa língua a ponto de se comunicarem com as populações não-indígenas, tampouco que, por conta dessas palavras isoladas, seriam descendentes diretos das Missões Jesuíticas.

Em especial, destacamos nesse capítulo as controvérsias criadas por Loukotka e outros estudiosos, quando questionaram a fidedignidade dos dados apresentados nas primeiras listas de palavras Xetá. Assim, foram elencadas as dificuldades que os estudiosos tinham em interpretar com acuracidade os significados das palavras Xetá, já que em sua maioria não dispunham do conhecimento antropológico e mitológico da etnia, nos quais se fundamentam muitas das características divergentes do Xetá frente às línguas de sua família lingüística.

Guérios (1959), por exemplo, chegou a questionar as características Tupí-Guaraní do Xetá, relacionando-o assim à uma suposta massiva influência externa, mas não tece comentários acerca da desvinculação da etnia de Dourados frente às outras listas coletadas.

Como em diversas declarações, Loukotka (1960, p. 230) desafiou a possibilidade da lista de palavras apresentada por Borba (1904) pertencer à língua Xetá, mas os vocábulos ora apresentados em nossa análise – especialmente mãe, lontra e matar/bater –, são indicativos de que se trata da mesma língua dos índios da Serra dos Dourados.

Na imprensa local e em seu artigo de 1960, Loukotka afirma, categoricamente, que não falariam a mesma língua os indígenas que faziam contato com a fazenda Santa Rosa desde 1954 e aqueles que foram entrevistados anteriormente por Borba, Nimuendaju e Frič entre fins do século XIX e começo do século XX. Assume a postura, inclusive, de que a localização precisa desses últimos seria desconhecida (LOUKOTKA, 1960, p. 332).

No entanto, depois de analisar as circunstâncias da vida e da linguagem das duas tribos, não posso concordar com este ponto de vista e eu vou fornecer a prova da minha opinião no futuro. Na entrevista que dei à imprensa em Curitiba já expressei minhas dúvidas sobre a identidade das duas tribos.²² (LOUKOTKA, 1960, p. 330)

Mais adiante, no mesmo documento, Loukotka chega a afirmar que um menino indígena criado por um fazendeiro da região tem melhor domínio da língua indígena do que Tuca, o intérprete da expedição em questão. O pesquisador atribui tal fato ao suposto esquecimento que Tuca teria de sua língua por conta da permanência em Curitiba, deslegitimando assim sua condição de fiável representante da etnia Xetá.

Não tivemos acesso à entrevista citada por Loukotka, mas Fernandes (1961, p. 195), indica-nos:

De retorno dessa viagem, declarou [Loukotka] pela imprensa curitibana: “Meu interesse em fazer parte desta expedição à região habitada pelos Xetá não se prendeu unicamente aos meus estudos rotineiros, tinha um significado especial, o de comprovar a exatidão dos apontamentos realizados na Serra de Dourados pelo meu predecessor, o etnólogo, também checo, Prof. Fritsch e nos quais me baseei para a publicação de um trabalho lingüístico. Fritsch, porém, equivocou-se; os índios que conheceu não eram da tribo dos Xetá,

²² “Or, après avoir analysé les circonstances de vie et la langue des deux tribus, je ne peux être d'accord avec cette thèse et je fournirai des preuves de mon opinion dans la suite. Dans l'interview que j'ai donné à la presse de Curitiba j'ai déjà exprimé mes doutes concernant l'identité des deux tribus.”

pois segundo seus próprios apontamentos, plantavam a mandioca, o milho e o fumo.” (Fernandes, 1961, p. 195)

Tal atitude – negar a ancestralidade do povo que ali se encontrava – pode ser relacionada à estratégia interpretada por Silva (1998, p. 203) e tomada por alguns setores da sociedade frente a presença dos Xetá na região: refutar a característica autóctone dessa etnia, com vistas à não-regulamentação de terras conforme previsto na Constituição Federal vigente (1946), desvinculando do Estado do Paraná a obrigatoriedade de cessão de porções de terra já negociadas a investidores estrangeiros.

Gostaríamos de ressaltar, também, os relevantes trabalhos elaborados por Silva (1998; 2003), nos quais constam inúmeros vocábulos Xetá. Em uma organização inicial das palavras referidas em seus trabalhos acadêmicos, pudemos elencar cerca de 200 palavras de diversos campos semânticos.

De igual maneira, a própria autora salienta que muitas das falas dos sobreviventes foram gravadas em Xetá, pois esta se constituía como a língua autêntica para a memória e para a socialização de conhecimentos entre os Xetá. Dentre as várias questões que emergem dos trabalhos de Silva e que relacionam-se à lingüística, destaca-se a iconicidade da língua Xetá, que apresenta-se nesses trabalhos por meio da observação de gestos e de entonações que os falantes declaravam somente existir nos contextos de interação da fala em Xetá.

De acordo com Sew (2011, p. 487), a derivação de palavras exponencialmente icônicas, ou seja, aquelas que desafiam a questão da arbitrariedade lingüística ao trazerem em seu bojo uma relação baseada nas imagens sonoras (ou não) da realidade externa à língua, podem ter diferentes classificações, quais sejam a iconicidade imagética, diagramática, quantitativa, sequencial e sintática (SEW, *op.cit.*).

É importante lembrar que Crystal (2008, p. 234) explica a iconicidade como uma relação direta entre as noções semânticas e as expressões que contêm as formas da língua (ou seja, sons, morfemas etc.). Assim sendo, por meio da iconicidade das línguas podemos compreender a maneira como um grupo específico interpreta sua realidade.

Uma análise mais específica a esse campo de estudos pode incrementar, ainda mais, o entendimento da língua Xetá. Em princípio, há as onomatopéias – o segmento por excelência icônico das línguas naturais (cf. LOPES, 1995, p. 46) e que parece se afigurar no Xetá especialmente para algumas locuções descritivas, como a exemplo do termo para

capivara quando caçada e servida à alimentação: *'haikã 'huuai* ‘caça/carne que faz huu’ (RODRIGUES, 2011 [1978], p. 212).

Há também, nos trabalhos de Silva, importantes dados culturais que permitem o esclarecimento das palavras da língua Xetá. O termo “Mbĩa”, de acordo com Silva (1998, p. 122) refere-se aos “(...) inimigos dos Xetá (...) os Kaingang”, que tornavam cativos os Xetá. Apesar de designar atualmente um grupo Guarani (Guarani Mbyá), o vocábulo não se referia a eles. Encontramos também uma referência à denotação pejorativa que tal palavra pode ter entre alguns grupos Tupi-Guarani da região sul do Brasil:

Embora essa palavra não tenha, no Guarani antigo, nenhuma conotação pejorativa, os Kayguá²³ do Brasil, ao menos, dispensariam de bom grado tal denominação. Entre os Apapocúva ela é usada no sentido de “povo”, com a implicação de gente atrasada, quase de “ralé”; aliás, é aplicada preferencialmente às hordas de Kayguá, aos quais o Apapocúva se sente muito superior. (NIMUENDAJU, 1987 [1914], p. 7)

Por fim, ensejamos que a reunião da maior parte dos dados disponíveis da língua Xetá afigure-se como mais uma fonte de informação e de poder para os remanescentes do povo Xetá, nas suas escolas e nas suas famílias, locais privilegiados para as ações da reivindicada revitalização lingüística.

A seguir discutimos o tema da retomada da língua tradicional, principal discussão teórica da presente dissertação.

²³ “Nos séculos XVIII e XIX, os grupos Guarani que não se submeteram aos encomenderos espanhóis nem às missões jesuíticas, refugiando-se nos montes e nas matas subtropicais da região do Guaira paraguaio e dos Sete Povos, aparecem na literatura com o nome genérico de Caingua, Caaigua, Ka'aygua ou Kaigua. Kaygua provém de ka'aguygua, que significa “habitantes das matas”. (Instituto Socioambiental, *online*)

CAPÍTULO III

A SUBSTITUIÇÃO DA LÍNGUA NATIVA DE UM GRUPO ÉTNICO E POSSIBILIDADES DE RETOMADA DA LÍNGUA TRADICIONAL

Todas as línguas estão constantemente em lenta – muito lenta – mudança em seus sons (sua pronúncia), sua gramática e seu vocabulário. (Rodrigues, 2005)

As línguas são dinâmicas: substituições e transformações lingüísticas ocorrem em todo momento, por séculos e muitos séculos. A própria presença da humanidade e sua dispersão pela face da terra refletem a diferenciação lingüística, que observamos por meio das grandes famílias lingüísticas ora estabelecidas geograficamente. Ao procurar entender a distribuição lingüística observada no globo, Renfrew (1994) sistematiza quatro estágios de disseminação das línguas no mundo, sendo três delas ligadas à ocupação humana das paisagens terrestres. Podemos assim resumi-las:

- Migração Inicial: ocorrida a partir de 100.000 anos AP²⁴, com a dispersão de grupos humanos pela face da Terra.

- Dispersão Agrícola: O desenvolvimento da agricultura causou a necessidade de expansão de territórios e rearranjo na organização social dos caçadores-coletores. As populações migrantes levaram suas línguas e costumes a novos locais agriculturáveis, tornando-se sedentárias e afastando-se umas das outras. De igual maneira, a disponibilidade de alimentos aumentou o número de indivíduos em cada comunidade, resultando assim em maior diferenciação lingüística entre os grupos já afastados.

- Dispersão Climática Tardia: Com as mudanças ocorridas no clima (8000 a.C.), a passagem pelo Estreito de Bering tornou-se possível e outras famílias lingüísticas desenvolveram-se por conta de mais um grande movimento migratório, tomando regiões até então inexploradas pelos humanos.

²⁴ Antes do Presente.

- Predomínio das Elites: O aumento populacional já observado desde estágios anteriores favoreceu a expansão de determinados grupos, que passaram a se impor às minorias, subjugando assim suas línguas e costumes por meio das conquistas de territórios. O incremento de tecnologias trouxe também o poderio militar a certas comunidades, que assim passaram a estabelecer suas línguas em outros locais. Ainda assim, observamos uma adaptação do idioma imposto aos conquistados, criando-se novas formas de falar.

Ao considerar tais estágios de distribuição das famílias lingüísticas (que estão, como se pôde notar, fortemente aliados às migrações humanas), o mesmo autor (Renfrew 1994, pp. 118-119) explica que há quatro tipos de forças atuantes no processo de fixação de uma determinada língua em um local: colonização inicial de uma região até então desocupada²⁵; divergência; convergência e substituição lingüística.

Apesar de observarmos, na atualidade, o predomínio das elites e sua imposição lingüística, autores como Ash, Fermino & Hale (2001) entendem que o período correspondente aos últimos 500 anos apresentou características muito peculiares. O declínio de muitas línguas na atualidade diante da imposição de línguas nacionais²⁶ deve-se à total substituição da língua da minoria, sem que haja uma adaptação ou mesmo uma nova criação, resultando em um movimento inverso ao até então observado, já que agora se reduz a diversidade lingüística.

Hinton (1999 *apud* HINTON 2001, p.3) ao explicitar o mesmo fenômeno – a drástica redução lingüística contemporânea – afirma que essa dinâmica está alicerçada em questões econômicas e políticas peculiares do período, pois os territórios dos povos indígenas foram e estão sendo invadidos e expropriados, com a população sendo arrastada às piores condições de trabalho na sociedade majoritária.

De acordo com os dados do *Ethnologue* (LEWIS, 2013), há 7105 línguas em todo o mundo atualmente. Moseley (2010) também indica que entre as mais de 7000 línguas, existem 2471 ameaçadas de desaparecimento. Cruzando tais dados, temos o gráfico a seguir, que traz uma visualização dos números apresentados.

²⁵ Ao mencionarmos “colonização”, estamos aqui apontando um real pioneirismo, diferente do que acontece quando uma força estrangeira invade a terra de outra população sob o pretexto de “levar o desenvolvimento”.

²⁶ Notadamente daquelas que os governos e as empresas multinacionais se valem.

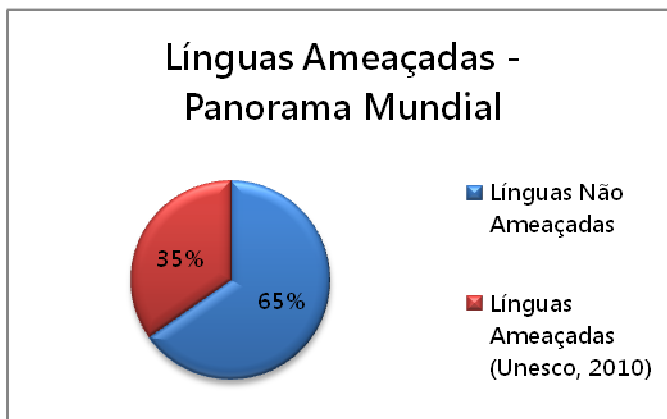


Gráfico 01 – Línguas Ameaçadas – Panorama Mundial

A expansão desordenada do sistema produtivo, ao destituir os povos originários de suas terras, causa com freqüência o extermínio de uma população minoritária e, conseqüentemente, a morte de sua língua. Mesmo quando há a sobrevivência enquanto povo, o apelo ao abandono da língua autóctone parece inevitável, considerando as condições a que estão submetidas as minorias (tais como a escolarização inadequada, as condições de subsistência e o servilismo econômico). Muitas vezes, não ensinar aos filhos a língua materna é uma estratégia utilizada com vistas à sobrevivência e à conquista dos “bens” que a língua nacional pode trazer. Tais benefícios podem ser a melhor proficiência lingüística no idioma oficial e uma provável melhor escolarização, fatores que podem se afigurar, talvez, em melhores oportunidades de renda e de trânsito na sociedade envolvente. Ladefoged (1992, p.811) traz um exemplo do Quênia:

No último verão eu estava trabalhando com Dahalo, uma língua Cushitic de morte acelerada, falada por algumas centenas de pessoas num distrito rural do Quênia. Eu perguntei a um de nossos informantes se seus filhos, na faixa dos 10 anos, falavam Dahalo. “Não”, ele disse. “Eles ainda podem ouvir, mas não conseguem falar a língua. Eles falam apenas em Swahili”. Ele estava sorrindo quando disse isso, e não parecia lamentar o fato. Ele estava orgulhoso que seus filhos estivessem indo para a escola, conhecendo coisas que ele não tinha conhecimento.

Assim como apontou Ladefoged (*online*) em outra ocasião, “escolas e empregadores recompensam os povos que falam as línguas majoritárias”.²⁷ Nesse mesmo sentido, Hinton (2001, p.3) salienta que temos mais de 6000 línguas num mundo com

²⁷ No original: “Schools and employers reward people who speak one of the major languages.” (LADEFAGED, *online*)

aproximadamente 250 nações, e que “um grupo que não fala a língua do governo e do comércio é privado de direitos, marginalizado quanto à economia e à política dominante”.²⁸

Além do contexto macroeconômico ao qual estão envolvidos, deve-se considerar também a diáspora (muitas vezes forçada) ocorrida com muitas comunidades tradicionais, o que impede a transmissão de línguas e de conhecimentos ancestrais como a literatura oral, os cantos e os sistemas filosóficos e lógicos, já que mesmo na transmissão geracional de uma língua autóctone, é necessário que haja uma sociedade falante dessa língua.

Acerca da importância das línguas tradicionais e de suas transmissões às demais gerações, Kenneth Hale – lingüista, um dos maiores especialistas e estudiosos em línguas ameaçadas – declarou: “Quando você perde uma língua, você perde uma cultura, um tesouro intelectual, um trabalho de arte. É como se fosse jogada uma bomba em um museu como o Louvre” (Hale, s/d *apud* HARRISON 2007, p.7). Dizimada a diversidade lingüística – faculdade humana por excelência – estamos também reduzindo nossas possibilidades de entendimento das diversas maneiras pelas quais a linguagem pode se organizar e como a realidade é interpretada e traduzida por diferentes coletividades. Vale citar aqui as esclarecedoras palavras de Rodrigues (1999, p.13): “Muito conhecimento sobre as línguas e sobre as implicações de sua originalidade para o melhor entendimento da capacidade humana de produzir línguas e de comunicar-se ficará perdido para sempre com cada língua indígena que deixa de ser falada.”

Nesse sentido, visando à sistematização da vitalidade observada nas línguas, Hinton (2001) classifica as línguas em grupos, partindo da frequência de uso e da transmissão observada na comunidade falante.

Línguas Ameaçadas – Graus de Severidade
(a) Línguas faladas por todas as faixas etárias, mas com um visível declínio na proporção de crianças que a aprendem em casa; observa-se ainda a diminuição dos domínios nos quais a língua é usada para comunicação.
(b) Línguas que as crianças não aprendem mais em casa. Pode significar que: a geração de pais sabe a língua, mas parou de usá-la, ou, a geração de avós é a única que sabe a língua. Pode haver, em alguns casos, uma geração de semi-falantes.

²⁸ “A group that does not speak the language of government and commerce is disenfranchised, marginalized with respect to the economic and political mainstream.” (HINTON, 2001, p. 3)

(c) Línguas que não há uma geração falante, a exceção de alguns indivíduos já em idade avançada.
(d) Línguas que perderam todos os seus falantes, e sua existência se resume aos materiais coletados pelos lingüistas. Estas estariam além de “ameaçadas” e seriam em geral chamadas de “mortas”, embora muitos prefiram chamá-las de “dormentes”.

Tabela 13 – Línguas Ameaçadas – Graus de Severidade cf. HINTON 2001

A autora ainda complementa, ao explicitar que mesmo quando todas as famílias de uma comunidade usam uma mesma língua, pode haver sinais de perigo. Para isso, é necessário analisar o léxico da língua e verificar se não houve a perda de muitos vocábulos em determinados domínios que até então serviam aos falantes de forma natural, mas que aos poucos cedem espaço a outro idioma.

Diferente do observado nos empréstimos, que se apresentam como um fenômeno corriqueiro às línguas em contato, a substituição lingüística não se dá em campo pacífico e em geral afeta comunidades com poucos falantes. De acordo com Rodrigues (1999),

Em qualquer parte do mundo línguas com menos de 1000 falantes, que é a situação de 87% das línguas indígenas brasileiras, são consideradas línguas fortemente ameaçadas de extinção e necessitadas, portanto, de pesquisa científica urgentíssima, assim como de fortes ações sociais de apoio a seus falantes, que como, comunidades humanas, estão igualmente ameaçados de extinção cultural e, em não poucos casos, de extinção física.

Já a UNESCO, por meio da publicação “Atlas das Línguas Ameaçadas”²⁹ (MOSELEY, 2010) classifica as línguas ameaçadas de acordo com a transmissão intergeracional, ou seja, a transmissão da língua a partir dos pais para as crianças.

Vitalidade das Línguas quanto à transmissão intergeracional	
Salva	Língua falada por todas as gerações; a transmissão intergeracional é ininterrupta.

²⁹ Uma iniciativa anterior da Organização das Nações Unidas foi publicada em 1993 sob o título “Livro Vermelho das Línguas Ameaçadas” (*Red Book on Endangered Languages*). Cabe lembrar que desde 1948 a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) publica a *Red List of Threatened Species* relativo às espécies (vegetais e animais) ameaçadas.

Vulnerável	A maioria das crianças fala a língua, mas o uso está restrito a certos domínios (por exemplo, somente em casa).
Definitivamente Ameaçada	As crianças não aprendem mais a língua em questão como língua materna, em casa.
Severamente Ameaçada	A língua é falada pelos avós e pelas gerações mais velhas, enquanto a geração dos pais entende, mas não consegue conversar nessa língua entre eles e com as crianças.
Criticamente Ameaçada	Os falantes mais jovens são avós ou a geração mais velha, e eles falam a língua apenas em partes e de forma interrompida.
Extinta	Não há mais falantes.

Tabela 14 – Vitalidade das Línguas quanto à transmissão intergeracional cf. MOSELEY 2010 (UNESCO)

Ainda na mesma classificação internacional, temos que os países com maior número de línguas ameaçadas são Índia (197), Estados Unidos da América (191), Brasil (190), China (144), Indonésia (146), México (143), Rússia (131) e Austrália (108).

Algumas restrições podem ser encontradas na classificação da Unesco. Uma delas é que, ao considerarmos uma língua simplesmente como extinta, não se consideram os esforços da comunidade em retomá-la, bem como os fragmentos lingüísticos que ainda persistem em seus grupos étnicos, como marcadores identitários e que fundamentam muitas práticas e cosmovisões. De igual maneira, ao classificarmos uma língua como livre de riscos apenas pela transmissão intergeracional e por estar presente em todas as faixas etárias, perderemos de vista o aspecto social da linguagem e seus locais de interação. Aqui é importante lembrar Hinton (2001, p. 413): uma língua cai no silêncio quando ninguém mais a lembra, ou mesmo quando há alguém que dela se recorde, mas não sobraram mais locais para usá-la.³⁰

³⁰ “A language is silent either because there is no one left who knows it, or because those who know it no longer have any domain left in which to use it. In some of the literature, such languages have been called ‘moribund’ if there are people who retain knowledge but have no way to use it, or ‘dead’ or ‘extinct’ when there are no living speakers. I prefer the less final metaphor of ‘silence’ (...)” (HINTON 2001, p. 413)

Assim, foram desenvolvidas ações e técnicas para a retomada da língua tradicional, ou seja, uma reversão da mudança de língua (denominada também pelo acrônimo “RLS”, *reverse language shift*). Todos os passos do planejamento da revitalização lingüística – ou da retomada de uma língua na qual se entrelaçam identidade e pertencimento étnicos – devem necessariamente fundamentar-se na iniciativa da comunidade e passar por seu crivo, aliando o conhecimento técnico-científico sobre a língua a ser revitalizada e os anseios da comunidade. Muitos programas que não têm essa característica acabam infrutíferos por não refletirem os desejos e as estratégias de organização das populações envolvidas. Assim, a decisão deve partir da base, com discussões prévias entre o grupo interessado na revitalização de sua língua e os especialistas.

Perguntas direcionadas para os debates e as reuniões técnicas entre os especialistas e a comunidade são de grande relevância, pois problematizam situações e condições importantes, em geral pouco discutidas pelos envolvidos com a revitalização lingüística. Tais indagações não contemplam apenas aspectos acerca da comunicação em uma determinada língua, mas auxiliam na composição de um panorama sobre as condições externas e internas do grupo que reivindica o direito à língua tradicional.

Questões norteadoras para a discussão de programas de revitalização de línguas (cf. HINTON, 2001: 5)
<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual o tamanho da comunidade falante? 2. Os falantes (ou potenciais aprendizes da língua) estão reunidos em um só local ou estão dispersos? 3. Qual o nível de poder político eles têm? 4. Há uma nação que pode admitir a língua em questão como oficial ou trata-se de uma pequena minoria em uma nação multilíngüe? 5. Quais tipos de recursos existem para a comunidade? 6. Ainda há falantes nativos? 7. Qual é a idade dos falantes mais jovens? 8. A língua está bem documentada? 9. Há uma longa tradição de escrita para a língua? 10. Há faculdades ou universidades onde a língua pode ser aprendida? 11. Há professores treinados que podem ensinar a língua? 12. Quais tipos de recursos financeiros existem? 13. Qual o grau de anseio da comunidade pela revitalização da língua?

Tabela 15 – Questões norteadoras para a discussão de programas de revitalização de línguas
cf. Hinton 2001

Um programa de passos para a revitalização lingüística foi também organizado por Hinton (2001, p. 5-7), partindo do modelo proposto por Fishman (1991). A própria autora afirma, no entanto, que apesar de enumerados, muitos passos podem e devem ser tomados concomitantemente, e cada programa desenvolvido deve avaliar a viabilidade da ordem proposta. Cabe salientar, também, que se trata de um modelo teórico, que muitas vezes não se afigura como possível a muitas minorias (especialmente os passos mais avançados), já que pressupõe o uso da língua em instâncias superiores às localidades envolvidas.

As ações para a retomada da língua tradicional, por estar vinculada às estratégias dos grupos lingüísticos frente às sociedades envolventes, não são unificadas e inequívocas. O que se apresenta, portanto, é um conjunto de ações comuns em prol da retomada da língua tradicional, nas quais as necessidades e a situação de uso de cada língua são analisadas e, a partir de então, tornam-se norteadoras para as práticas. Não há, assim, uma fôrma que se encaixe em todas as comunidades que passam por ações dessa natureza. De acordo com Hinton (2001, p. 4): “Mesmo alguns dos mais bem-sucedidos programas baseiam muito de seu sucesso não tanto na metodologia ou nas políticas, mas nas circunstâncias (...)”.

Roteiro de passos para a revitalização lingüística Hinton (2001, p. 5-7)
<p>Passo 1. Assessoria de língua e planejamento: descobrir em qual situação lingüística encontra-se a comunidade. Roteiro básico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quantos falantes existem? • Qual a idade dos falantes? • Quais outras fontes de dados estão disponíveis para a língua em questão? • Quais as atitudes dos falantes e dos não-falantes sobre a revitalização da língua? • Quais objetivos mostram-se realistas para a revitalização lingüística nessa comunidade?
<p>Passo 2. Se não existirem falantes: Reconstruir a língua a partir dos materiais disponíveis e desenvolver uma didática para o ensino da língua.</p>
<p>Passo 3. Se houver apenas falantes idosos: Documentar a língua falada por eles. (Passo que essencialmente pode ser realizado concomitante a outras etapas).</p>
<p>Passo 4. Desenvolvimento do programa de ensino de segunda língua para jovens e adultos. Essa faixa etária, de profissionais e pais aprendizes, é importante para a formação de líderes das etapas mais avançadas.</p>

<p>Passo 5. Reconstrução ou incentivo às práticas culturais que mantêm e encorajam o uso da língua ameaçada em casa ou em público, seja como primeira ou como segunda língua.</p>
<p>Passo 6. Desenvolvimento de programas intensivos de aprendizagem de segunda língua para crianças, preferencialmente com uma ação nas escolas. Quando possível, usar a língua ameaçada como a língua de ensino.</p>
<p>Passo 7. Usar a língua em casa como a principal língua de comunicação, proporcionando assim o ensino da língua ameaçada na primeira infância como língua materna. Desenvolvimento de grupos de apoio aos pais, para auxiliá-los na transição.</p>
<p>Passo 8. Expandir o uso da língua autóctone para além da fronteira dos domínios locais, incluindo o governo local, mídia, comércio regional, rádio etc.</p>
<p>Passo 9. Quando possível, expandir o domínio da língua para fora da região, com promoção da língua às maiores instâncias de comunicação regional, local e governamental.</p>

Tabela 16 – Roteiro de passos para a revitalização lingüística (Hinton 2001)

Mesmo que muitas dessas questões tornem obscura ou pessimista a retomada da língua tradicional para as minorias étnicas, historicamente subjugadas pelas ações da sociedade envolvente, qualquer programa de revitalização lingüística é sempre possível em alguma escala. Ainda que haja apenas uma pessoa envolvida com esse propósito, há grandes ações preliminares que podem ser tomadas, como

descobrir qual documentação existe; conhecer os falantes vivos; aprender a língua com um desses, ou, se não existir, aprender aquilo que estiver disponível nos materiais; elaborar materiais de aprendizagem da língua que outros podem usar (durante a vida desse pesquisador interessado ou mesmo após); tentar desenvolver o interesse da comunidade por meio de reuniões ou por coleta de dados lingüísticos; buscar a assessoria de lingüistas para documentar a língua ou interpretar os documentos existentes. (HINTON, 2001, p. 6)

Tal agenda pessoal ou mesmo de uma pequena parcela da população pode incrementar o rol de materiais disponíveis para uma determinada língua, desvendando mais

elementos para somar às práticas de revitalização ou de retomada lingüística da comunidade, se esta assim desejar.

Parece ser este o caso de Eliezer Ben-Yehuda no final do século XIX, que depois de estudar o antigo Hebraico (restrito até então às práticas cerimoniais entre os judeus distribuídos em diferentes localidades, mas que mantinham a língua hebraica idêntica em seus rituais religiosos) criou 4.000 novos vocábulos baseados nas partículas dessa língua, adequando assim a língua sagrada ao cotidiano, organizando inclusive um dicionário (publicado postumamente). Depois disso, Ben-Yehuda chegou até mesmo a ensinar o Hebraico secular ao seu filho como língua materna.

Na questão de iniciativas individuais relativas às línguas indígenas, Hinton (2001, p. 416) cita o Miami (língua da região dos atuais estados de Indiana e Oklahoma) que teve o último falante nativo falecido em 1962, mas com farta documentação durante mais de 200 anos. Daryl Baldwin, indígena da referida etnia, desde 1999 é mestre em sua língua tradicional e trabalha para revitalizar a língua Miami em sua comunidade, incluindo uma aprendizagem autodidata desta a partir da documentação pré-existente e o ensino dela para seus filhos como língua materna.

3.1. METODOLOGIAS UTILIZADAS NA RETOMADA DAS LÍNGUAS TRADICIONAIS

Assim como a questão da revitalização das línguas indígenas (...) Temos que mudar nossas visões de ensino em geral, das didáticas para as línguas em particular.³¹ (PIVOT, 2011, p.15-16)

Como exposto anteriormente, não há um método unívoco e perfeitamente ajustável a todas as comunidades que desejam implantar programas de revitalização. As categorias indicadas por Hinton (2001, p.7) e elencadas a seguir são, portanto, as estratégias mais usuais e que, de certa maneira, englobam grande parte das práticas utilizadas nos projetos de

³¹ “*Así que la cuestión de la revitalización de las lenguas indígenas (...) Hay que cambiar nuestras visiones de la enseñanza en general, de la didáctica de las lenguas en particular*”. (PIVOT, 2011, p. 15-16)

revitalização lingüística. De acordo com a autora citada, podem-se citar as seguintes propostas:

- (1) Programas baseados na escola
 - a. Ensino da língua ameaçada como uma disciplina (semelhante ao ensino de língua estrangeira)
 - b. Educação bilíngüe
 - c. Imersão total
- (2) Programas não-escolares para crianças (contraturno e/ou colônias de férias)
- (3) Programas de línguas para adultos
- (4) Desenvolvimento e documentação de materiais
- (5) Programas baseados na interação doméstica

É importante salientar que a exposição de cada prática aqui apresentada está direcionada exclusivamente ao ensino de línguas ameaçadas, não obstante figurem também em demais campos do ensino-aprendizagem de línguas.

Considerando o escopo do presente trabalho, apresentamos a seguir somente os programas baseados na escola e a documentação de materiais das línguas ameaçadas.

3.1.1. Programas baseados na escola

A inserção da língua indígena nos currículos das escolas para as minorias étnicas começa a tomar cena a partir de 1990, fundamentadas nas orientações sinalizadas por organismos internacionais (tais como a Unesco) nas décadas de 1960 e 1970. Nesse sentido, o ensino de línguas na Educação Escolar Indígena tende a basear-se, mundialmente, nos conceitos de multiculturalismo e de interculturalidade. Em suma, tais orientações incentivam a valorização das especificidades de cada grupo étnico, bem como a inclusão dos elementos culturais nos currículos escolares, com especial atenção à língua indígena, pois “A educação que utiliza como veículo os idiomas indígenas além do idioma nacional e que tem um conteúdo pluricultural servirá para afiançar o desenvolvimento indígena.” (Aiyer, 1993 *apud*

FAUSTINO³², 2006, p. 143). De acordo com Hinton (2001, p.7) há três processos de revitalização lingüística que estão centrados na escola, diferentes entre si por diversos fatores, dentre os quais o tempo dedicado à língua ameaçada é o mais preponderante.

(a) Ensino da língua como uma disciplina (semelhante ao ensino de língua estrangeira)

É a mais comum, observada em diversos programas que buscam algum tipo de contato com a língua indígena. Introduce uma pequena carga horária nas grades curriculares (em geral, no Brasil, de uma a duas horas por semana³³), mas pode ser uma boa alternativa quando não há grandes somas de recursos disponíveis ou mesmo infra-estrutura, já que aproveita os ambientes escolares pré-organizados e os alunos já se encontram em ambiente escolar.

De acordo com Hinton (2001, p.7), “não é uma boa maneira de criar novos falantes fluentes”, mas se executada com bom planejamento e com recursos didáticos adequados, pode ao menos estimular nos alunos uma nova visão, em geral positiva, acerca da língua que está em substituição.

Ao planejar as ações de uma atividade dessa natureza é importante ter em mente que, no caso de uma língua ameaçada, alguns contextos de uso da língua já foram perdidos pela comunidade, e um processo de ensino-aprendizagem mal organizado pode engessar ainda mais esses *locus* discursivos, confinando a língua em questão aos gêneros específicos do ambiente escolar e diminuindo ainda mais a vitalidade da língua que se almejava revitalizar.

Assim, a grande limitação de uma iniciativa dessa natureza é a difícil criação de uma real situação de comunicação em tão exígua carga horária, pois a língua apresenta-se deslocada dos contextos de interação até então reconhecidos pelos falantes para o uso da língua e para os quais a língua já conta com um vocabulário desenvolvido (como um momento de reunião do grupo com os mais velhos, uma caçada ou mesmo os conhecimentos tradicionais das espécies e dos locais da região ocupada historicamente pelo grupo).

Essa desvinculação da língua ao momento de interação em sala de aula pode acarretar em um maior declínio do prestígio da língua na visão dos falantes.

³² Uma visão crítica das orientações da educação intercultural bilingüe pode ser encontrada na tese da referida autora, “Política educacional nos anos de 1990: o multiculturalismo e a interculturalidade na educação escolar indígena” (UFSC, 2006).

³³ A considerar o exemplo das aulas de língua Kaingang nas terras indígenas dessa etnia do Paraná, que acontecem de forma institucional de uma a duas vezes por semana, com um professor indígena (em geral sob contrato temporário de trabalho). Destacamos, no entanto, que a língua Kaingang tem usos e vitalidade desiguais nas diferentes terras indígenas do Estado.

(b) Educação bilíngüe

“A grande diferença entre a educação bilíngüe e o ensino de língua como uma disciplina é que, na educação bilíngüe, parte do conteúdo ministrado é realmente dado na língua minoritária”³⁴ (HINTON 2001, p.8). Assim, para uma língua em um avançado estágio de degradação (estágios (c) e (d) da classificação de Hinton) torna-se bastante difícil pôr em prática um ensino bilíngüe real, pois mesmo na hipótese de haver um professor que se expressa com facilidade na língua autóctone durante aulas inteiras, para os alunos sequer haverá um bom entendimento geral do conteúdo a ser explanado. Assim, ao contrário de uma boa relação com a língua minoritária, nas novas gerações serão suscitadas ainda mais o distanciamento e a desvinculação da identidade étnica à língua.

Nesse sentido, comunidades em estágios iniciais de vulnerabilidade (estágios (a) e (b) da referida escala) têm grandes possibilidades de sucesso em um ensino bilíngüe eficaz com vistas ao fortalecimento da língua ameaçada.

Considerando também a própria natureza da instituição escolar, um método de escrita da língua deverá ser criado ou mesmo consolidado (se ainda não existir ou não for bem estruturado), contando também com o surgimento de gêneros discursivos profundamente diferenciados dos até então conhecidos.

Deve ser reconhecida também se há a necessidade de uma nova didática para a alfabetização das crianças, pois a língua em questão poderá ser escolhida como a primeira língua na qual elas serão apresentadas ao mundo da escrita. De qualquer forma, mesmo uma didática para o ensino da língua escrita aos jovens e adultos (ou às crianças já alfabetizadas) deverá atender os preceitos da educação bilíngüe, na qual duas línguas diferentes devem ser escritas sob duas ortografias também diferentes.

Recursos didáticos como livros instrucionais e dicionários também deverão ser desenvolvidos para diferentes domínios até então desconhecidos pela língua. Novos itens do vocabulário deverão ser criados para atender às atuais demandas do conhecimento técnico-científico. Para tal criação, devem ser estudadas a estrutura e a organização interna da língua, com vistas à melhor compreensão de seus processos de formação e derivação de palavras, bem como de suas partículas de composição.

³⁴ “A major difference between bilingual education and teaching language as a subject is that in bilingual education and teaching language as a subject is that in bilingual education, a portion of instruction is actually done in the minority language.” (HINTON, 2001, p. 8)

(c) Imersão total

Os programas de imersão total são, sem sombra de dúvidas, as melhores ações em prol da formação de falantes fluentes, pois as situações discursivas reais compõem todas as etapas do processo de ensino-aprendizagem. Conforme entende Hinton (2001, p. 9), ter crianças que falam a língua não é o suficiente, pois elas devem saber usá-la nos diferentes contextos discursivos.

3.1.2. Desenvolvimento e documentação de materiais

É importante destacar, desde o início, que a documentação pode fazer parte da retomada da língua tradicional em alguns momentos, mas em si, não se constitui como uma ação efetiva em prol da revitalização lingüística ou do fortalecimento das transmissões intergeracionais da língua. As coletas de dados lingüísticos ou mesmo a formação de um banco de dados audiovisuais são passos tomados com vistas à revitalização quando já estão em curso técnicas e atitudes que garantam, efetivamente, a permanência da transmissão da língua em uma sociedade.

É preciso tomar cuidado para que não haja um desprendimento de esforços apenas na documentação das línguas sob a prerrogativa de que o material estará disponível “quando necessário”. Materiais e listas de palavras tomadas no passado por lingüistas, etnólogos ou mesmo viajantes hoje engrossam os recursos acadêmicos disponíveis para a reconstrução lingüística ou mesmo para a retomada de línguas pelas comunidades, mas por si não constituem uma fonte de poder aos grupos que desejam restituir suas línguas originais, a não ser que retornem aos povos dos quais foram coletados, de maneira que a informação torne-se amplamente disponível, relevante e confiável.

Dados elencados em bancos de informações, deslocados do cerne da população que lhe é depositária original e fiável, contribuem apenas para aumentar a fissura entre o saber acadêmico e estão muito aquém do fortalecimento da luta das comunidades tradicionais pelo direito à organização e cultura próprias.

Há uma preocupação premente, no entanto, quando se trabalha com os últimos faltantes, pois tudo o que se pode registrar é de extremo interesse: seus conhecimentos, suas visões de mundo e os diferentes gêneros que podem relatar devem ser documentados e registrados ao máximo, de preferência com o auxílio de material audiovisual, pois alguns

detalhes entoacionais só podem ser verificados no contexto completo da fala (a exemplo dos gestos e das expressões faciais, que complementam decisivamente o sentido da fala).

Conforme indica Hinton (2001, p.11), os estágios iniciais de um programa de revitalização lingüística, de forma profissional, devem incluir uma compilação do material relativo à língua ameaçada, pois podem auxiliar a memória dos antigos falantes ou até mesmo configurar a única fonte de conhecimento daquela língua (no caso de não existirem mais falantes).

A produção de materiais didáticos e instrucionais dá-se após a documentação, seja ela escrita ou audiovisual, e futuramente pode se afigurar como um registro da língua no período estudado.

Tal documentação com os falantes pode ser exercitada pelos próprios falantes, pois o auxílio do profissional lingüístico muitas vezes não é desejado ou mesmo não é viável. Não devem ser desconsideradas, portanto, sob o pré-julgamento de que não se utilizam dos aparatos formais e técnicos, já que traduzem, em suas opções de registro, os interesses almejados pela comunidade.

3.2.ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS

Considerada a única língua já revitalizada em sua plenitude, devemos entender que o Hebraico, em realidade, nunca deixou de ser usada. A literatura litúrgica sempre esteve muito bem praticada nos rituais, e a iniciativa de Ben-Yehuda de sistematizar conhecimentos lingüísticos teve caráter documental, didático e prático – o estudo sistemático dos processos de formação de palavras, com vistas à criação de novos vocábulos adequados às necessidades cotidianas, e a formação de um dicionário nos moldes científicos.

De igual maneira, podemos pensar que a classificação do Latim como língua morta não cabe totalmente, pois em pelo menos três domínios de nossa sociedade ele se faz presente – a formação dos nomes científicos na Biologia, os cristalizados ditos jurídicos e os registros cerimoniais da Igreja Católica. Para além, os cursos de Letras no Brasil sempre fornecem uma introdução ao Latim, com materiais específicos que podem ser lidos e enunciados.

O mesmo não ocorre com a língua Xetá, que apesar de documentada em diversas fontes, não teve uma tradição escrita e tampouco sobreviveu ao massacre físico de sua

população. Muitas outras línguas indígenas, sejam das Américas ou não, passaram pelo mesmo processo de desgaste, e hoje há tentativas de revitalizá-las.

É importante observar que, mesmo diante da impossibilidade de “acordar” uma língua indígena em sua plenitude, as palavras de Crevels (2012, p. 223) são salutares:

Em muitos casos é muito tarde para reviver genuinamente uma língua, seja porque ela tem poucos falantes ou porque seus falantes são muito velhos; ou até mesmo porque as gerações mais jovens não estão preocupadas em recuperar sua língua ancestral, já que elas estão muito mais ocupadas sobrevivendo. De qualquer forma, as novas gerações têm o direito de falar a língua ancestral, ainda que de forma simbólica. (CREVELS, 2012, p. 223)

CAPÍTULO IV

A IDENTIDADE ÉTNICA XETÁ PERMANECE: AS INICIATIVAS PARA REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA XETÁ

A Conquista Espiritual de Montoya está cheia de exemplos comoventes da fé inabalável dos pagãos convertidos, e, a quem hoje ouve os Guarani civilizados, parece que estes mantêm as mais íntimas relações com Deus e todos o santos; admirar-se-ia, então, como eu próprio me admirei, ao ver que estes restos dispersos dos Guarani, para escárnio de seus missionários, e a despeito da civilização que os envolve, conseguiram, até hoje, conservar com bastante pureza a velha religião. (NIMUENDAJU, 1987 [1914], p. 3)

Conforme já pudemos expor na introdução deste trabalho, após quase quatro décadas de apagamento no debate científico, os trabalhos de Silva (1998; 2003) retomaram a discussão acerca da sociedade Xetá. Além da sensata revisão das estatísticas oficiais, que arrolavam apenas oito indivíduos Xetá (como se estivessem congelados no tempo em que foram retirados da Serra dos Dourados), as pesquisas de Silva reuniram os Xetá falantes nativos da língua tradicional com os descendentes, que não puderam aprender a língua do grupo em sua plenitude.

Assim, com a reunião dos falantes nativos de Xetá, demonstrou-se que o processo discursivo dessa etnia exige que pelo menos três pessoas participem do momento educacional e de troca de experiência e saberes. Segundo a autora (SILVA, 2003) apesar do extermínio causado a grande parte da população, tais momentos trouxeram à tona uma sociedade virtual, posto que ela existe nos conceitos e nas visões de mundo daqueles que dela participaram.

Na oportunidade desse encontro entre os falantes nativos de Xetá e os seus descendentes (que podem apenas lembrar-se de algumas palavras e conceitos da língua de seus ancestrais) houve a iniciativa, por parte dos indígenas, de atribuir um nome Xetá a cada membro do grupo que não havia passado pelas cerimônias de nomeação.

Como os nomes Xetá baseiam-se nas espécies animais e vegetais abundantes no período de gestação da criança ou mesmo nas semelhanças físicas e/ou psicológicas do indivíduo com um ser da natureza (cf. SILVA 1998), podemos perceber que a população Xetá envolvida na nomeação pôde tomar conhecimento de muitos aspectos relativos à organização da fauna e da flora sob a ótica da sociedade Xetá e de sua língua.

Essa nova maneira de socialização dos valores e dos conceitos que formam a identidade Xetá, apesar de infelizmente ligada à necessidade de uma estrutura financeira subjacente (já que reunir grande parte do grupo depreende investimentos para deslocamento e estadia), foi o estopim para a reorganização e a reavaliação do pertencimento a um grupo maior, que não se afigurava mais como “extinto” ou reduzido a apenas pouquíssimos indivíduos.

É preciso salientar que, se atualmente grande parte dos descendentes Xetá não puderam aprender a se comunicar na língua tradicional, isso se deve à separação forçada a qual foram submetidos. Conforme já pudemos explicar nessa dissertação, o distanciamento das famílias e a incerteza de permanecerem em um local garantido é a principal queixa do grupo. Sem um espaço em que possam socializar seus conhecimentos tradicionais e garantir as práticas de suas especificidades, torna-se cada vez mais árdua a revitalização lingüística efetiva.

Nesse sentido, a partir dessa ressignificação da cerimônia, foram fortalecidos os laços Xetá com a “sociedade virtual” (retratada por SILVA, 2003), proporcionando novas perspectivas para a revitalização dos conceitos e das práticas culturais, dentre elas, a língua autóctone. Cabe lembrar que tal separação, apesar de enfraquecer os laços de união do grupo, não apagou totalmente os vínculos identitários, pois apesar de específicos em cada caso, os sobreviventes Xetá relataram suas histórias de vida e seus conceitos aos descendentes.

Entendemos, portanto, que essa foi a primeira iniciativa de revitalização lingüística do Xetá, pois foram reunidos os depositários da memória do grupo e seus descendentes em um espaço privilegiado para o uso da língua Xetá, assim como para o ensino não formal dessa língua.

Tal dinâmica parece se assemelhar com o que expôs Hinton (2001.p.10) sobre uma boa alternativa para revitalizar uma língua: os acampamentos de férias e as situações reais de fala, pois nesses momentos a língua é colocada em prática e configuram-se novos desafios discursivos com vistas à boa intercomunicação do envolvidos, sem que estejam engessados no contexto escolar.

Em 2009, após quatro reuniões com pesquisadores e com membros da comunidade Xetá, viabilizou-se o projeto *Jané Rekó Paramuhá* (O Contar de Nossa Existência), com vistas à produção bibliográfica e reunião documental do conhecimento científico acumulado acerca dos Xetá, bem como sistematizar e disponibilizar os registros da língua Xetá. De igual maneira, foram planejadas oficinas didáticas para a socialização desses resultados para os Xetá.

Além de três instituições de ensino superior (Universidade Estadual de Maringá, UEM, Universidade de Brasília, UnB e Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT), o grupo de trabalho contou com o decisivo apoio da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, SEED/PR, por meio da coordenação da Educação Escolar Indígena, que atuou de forma decisiva até 2010³⁵.

Assim, foram desenvolvidas seis oficinas no decorrer dos anos de 2010 e 2011, sendo duas específicas para a língua Xetá (ambas em 2010). Em 2011 foi realizada mais uma reunião de trabalho para discussão, dentre outros, do andamento do vocabulário Xetá.

A primeira oficina que teve como enfoque a língua Xetá ocorreu na Terra Indígena São Jerônimo, que conforme já pudemos relatar, abriga grande parte dos Xetá.

Utilizando-se da estrutura física disponível na Escola Estadual Indígena Cacique Kofej, foram desenvolvidas as atividades de leitura do material previamente organizado (vocabulário Xetá), com exposição dos significados e ilustração dos conceitos. Essa atividade foi liderada por Aryon D. Rodrigues, que em diversos momentos relatou aos indígenas mais novas suas experiências com os Xetá da década de 1960 e por Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, que além de estudar a língua Xetá em meados de 2000, desenvolve pesquisas lingüísticas junto a diversos grupos Tupí-Guaraní no Laboratório de Línguas Indígenas LALI/UnB. Dentre outros que atuaram na condição de pesquisadores de graduação, destacou-se a participação de Tiscianne Cavalcante de Alencar, autora desta dissertação, que auxiliou na interação dos demais participantes com os Xetá, nas discussões temáticas das oficinas e na sistematização das ações realizadas.

Assim, durante o trabalho com o vocabulário, os filhos e netos dos Xetá que cresceram aos dados oriundos da pesquisa de Rodrigues informações culturais valiosas

³⁵ Com a mudança de gestão no Governo do Estado, houve um período de reestruturação interna que inviabilizou a participação financeira da SEED após 2010.

forneceram³⁶, relataram que seus patriarcas explicavam muitas das informações que ali continham, adicionando inclusive mais impressões acerca dos hábitos e dos conceitos Xetá.

Pudemos perceber, assim, que muitos conceitos e histórias estavam na memória, nas crenças, enfim, na cosmovisão dos presentes, e que eles tentavam explicar como tendo sido retidos em suas respectivas memórias por meio de fatos contextualizados e lembranças de infância, mas em realidade esse conhecimento se manifestava em seu comportamento social, no modo como reagem aos fatos quotidianos, como veem os não índios e como se relacionam com eles, por meio de seus gestos e atitudes, que refletem a sua própria identidade, a de ser Xetá. Uma moça Xetá da terceira geração após o contato na Serra dos Dourados salientou a importância que tinha o seu *piercing*, colocado abaixo do lábio. Para ela, o adorno não se configurava como uma tendência urbana, mas sim uma oportunidade de reviver e de ressignificar os hábitos de seus antepassados, já que o desejo de ter a perfuração que seu avô tinha no mesmo local (pelo uso do tembetá, que tradicionalmente era apenas dos homens) a fez conseguir a autorização de seus pais para a colocação da jóia.

Durante as oficinas, foram reiteradas declarações como as seguintes, quando deparados com as palavras trazidas pelos lingüistas: “meu pai me explicou assim também”, “eu fiquei sabendo que, nessa época, determinado fato aconteceu mesmo” ou “quando eu ia para o mato com o meu pai, ele me explicava como eles faziam antigamente”.

Assim, quando um dos vocábulos correspondia a um dos seus nomes próprios, muitos comentavam que aquele era o seu nome, ou o nome de seu filho, ou de sua filha, por exemplo. De pronto reconheciam o significado e a pronúncia, ou se mostravam naturalmente familiares a esta. Quanto aos nomes, sendo um nome descritivo de uma característica específica, de um animal ou outro, relacionavam esse nome às características físicas ou psicológicas suas, fundamentando assim a sua nomeação pelos últimos remanescentes Xetá conhecedores plenos da língua e da cultura do povo Xetá.

Em contrapartida, apesar de possuírem grande parte dos conceitos ali trabalhados, a maioria das estruturas linguísticas era desconhecida (especialmente a flexão verbal e nominal), configurando-se, assim, um grande desafio à aprendizagem de elementos da língua nativa por parte de um falante nativo de língua Portuguesa, em tão curto espaço de tempo (duas manhãs e duas tardes). Era notório, porém, o esforço empreendido pelos Xetá, que utilizavam todo o tempo disponível para a fixação das palavras e de estruturas linguísticas trabalhadas.

³⁶ Tucanambá José Paraná (“Tuca”), José Luciano da Silva (“Tikuein”), Kuein Manhaa'ei Nhaguakã Xetá, dentre outros, já falecidos.

O Canto do Urubu, uma das canções tradicionais, foi entoado pelos descendentes sem hesitação, e outros cantos só não foram executados em observância às suas restrições de horário.³⁷

Nesse sentido, assim como pontua Everett em seu estudo acerca da língua como uma ferramenta cultural (EVERETT, 2012), a proximidade cultural entre os Xetá, ainda que dispersos geograficamente, é marcante, pois eles compartilham valores, idéias e noções abstratas que referenciam suas visões de mundo. Tais fundamentos são buscados, atualmente, nos dizeres dos patriarcas falantes da língua Xetá. De acordo com outro Xetá da terceira geração, após a saída dos seus ancestrais da Serra dos Dourados, seu sonho de vida é a reunião do povo Xetá em um espaço próprio, no qual possam reaprender e “reacender” a língua de seus ancestrais.

Após a conclusão das oficinas foram publicadas duas obras de apoio, específicas à língua Xetá e ao trabalho de campo de Rodrigues: “Vocabulário Ilustrado Xetá – *Nané Paranhá: hajkã, pahá, hatájnitej*” pela EdUEM (2013), referido na sessão 4.13 dessa dissertação, e “Caderno de campo Xetá”, também pela EdUEM (2013).

4.1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GERAIS

Devemos considerar que a situação socioeconômica do grupo Xetá não permite certas alternativas tomadas por outros grupos indígenas, notadamente os da América do Norte, que colocam em prática os exercícios de fixação e de interação de suas línguas em processo de revitalização por meio de mensagens eletrônicas, fórum virtuais, dentre outros meios de comunicação propiciados pelas novas tecnologias, após os acampamentos ou encontros sazonais.

Outro desafio que atinge sobremaneira a população Xetá no tocante a manutenção dos programas de revitalização lingüística é o índice de alfabetização dos indígenas. Muitos deles têm de se submeter a atividades de subsistência sem condições adequadas de trabalho, tais como trabalhadores autônomos em propriedades agrícolas do entorno das terras indígenas ou, como no caso da aldeia urbana *Kakané Porã*, trabalhos temporários.

³⁷ Existem muitos cantos Xetá, grande parte deles registrado em AYTAI, D. Um microcosmo musical: canto dos índios Xetá. **Boletim do IHGB**, Curitiba, v.38, p.122-159, 1988.

Mais um empecilho à autogestão dos programas de revitalização lingüística para o Xetá é a educação escolar, que ainda não é específica a esse grupo indígena. As duas Terras Indígenas de maior presença Xetá abrigam outras duas etnias (Kaingang e Guarani), e não há professores Xetá atuando efetivamente nas escolas indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tiro por conclusão muito certa: que sempre a língua foi companheira do império (...) E será necessária uma das duas coisas: ou que a memória de vossas façanhas pereça com a língua, ou que ande em peregrinação pelas nações estrangeiras por não ter casa própria onde possa morar.³⁸ (Nebrija, 1492)

Decidimos também solicitar à Secretaria de Estado da Educação a criação de um programa específico para o fortalecimento da nossa língua Xetá. Independentemente de sermos sobreviventes ou descendentes, todos nos reconhecemos como Xetá. Com esse encontro demonstramos que existimos e queremos continuar existindo enquanto povo culturalmente diferenciado. Para isso pedimos o apoio de toda a sociedade paranaense e brasileira. (Povo Xetá, 2007, grifo nosso)

O abandono ou a substituição de uma língua minoritária suscita em suas origens os interesses e as ações desenvolvidas pela sociedade majoritária, pois no caso Xetá, a desterritorialização e a destruição da sociedade foi um dos grandes alicerces para o declínio da língua Xetá.

Em contrapartida, a educação diferenciada e bilíngüe garantida aos indígenas brasileiros a partir da Constituição Federal de 1988 nem sempre traz o fortalecimento aos idiomas nativos. As práticas de ensino de língua minoritária desvinculadas das situações reais de interação – já que muitas vezes são semelhantes às desenvolvidas para uma língua estrangeira –, são aqui traduzidas na fala de uma indígena, cerca de 20 anos, universitária e falante da língua Kaingang como L1, que durante a monitoria de Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Maringá (PR) em 2009 declarou o porquê gostar de músicas românticas: “A minha língua não serve para falar de amor desse jeito”.

Considerando esse viés institucional e governamental no qual acontecem as aulas de língua autóctone nas terras indígenas, é necessário estar atento a esse fato – a

³⁸ “*Sáco por conclusión mui cierta: que siempre la lengua fue compañera del imperio (...) I será necessaria una de dos cosas: o que la memoria de vuestras hazañas perezca con la lengua; o que ande peregrinando por las naciones estrangeras, pues que no tiene propria casa en que pueda morar.*” (NEBRIJA, 1492)

desvalorização da língua indígena no contexto escolar – quando da elaboração de uma pedagogia específica à língua Xetá.

Se a revitalização dessa língua foi reivindicada pelos Xetá, é preciso aliar a retomada dos registros sem perder de vista os movimentos históricos que levaram à perda de seus territórios e ao massacre ocorrido nas décadas de 1950 e 1960. Conforme resume Araújo (2012, p.123)

Culpabilizar a escola pela perda da língua indígena, bem como das tradições, é uma estratégia eficiente orquestrada pelos organismos internacionais, representantes dos interesses do capital, por, pelo menos, duas razões. Primeiramente, isso é usado para escamotear as histórias de massacres, expropriação, dizimação, exploração da força de trabalho, vivenciada pela quase totalidade dos grupos indígenas (ações que os impediram, de fato, de continuar vivendo conforme as próprias escolhas). Em segundo lugar, cria a falsa ilusão de que, se a escola foi capaz de retirar línguas e costumes, poderá, sendo específica, devolvê-los.

Não se pode, entretanto, apagar a importância que a escolarização nas comunidades tem nos dias atuais, especialmente no tocante ao ensino de línguas, pois o espaço escolar configura-se como espaço privilegiado para a conquista dos saberes e dos códigos universalmente produzidos e utilizados, indispensáveis no cenário de degradação ambiental e de constantes investidas contra as terras e os direitos dos indígenas.

As tentativas empreendidas pelos próprios Xetá com vistas à revitalização da língua ancestral demonstram mais uma estratégia de perpetuação da identidade étnica, e estão inseridas em um ideal muito mais amplo, o resgate ao “território imemorial tradicional” (SILVA, 2006, p. 50), no qual poderão consolidar as transmissões intergeracionais da língua e da cultura.

Várias são as possibilidades de retomada de uma língua. Mesmo que nenhuma das metodologias usadas para revitalizar línguas, como as mencionadas por Hinton (2001) e por Ash, Fermino & Hale (2001), seja possível ou viável no caso dos Xetá, há que se considerar que o conhecimento que eles têm de aspectos fundamentais de sua cultura e os materiais existentes em sua língua ancestral (listas de palavras, vocabulários e análises gramaticais, músicas, cantos, relatos míticos gravados, assim como entrevistas e conversas), em seu conjunto, eles são de grande valia para o fortalecimento do povo Xetá enquanto grupo social diferenciado e dono de um conhecimento unicamente seu, herdado dos seus ancestrais.

Talvez não seja possível revitalizar a língua Xetá enquanto língua de comunicação plena, mas é plenamente possível tornar todo esse material disponível aos Xetá e com eles desenvolver estratégias próprias, visando à preservação do conhecimento neles contidos, tornando-se assim poderoso instrumento para o fortalecimento crescente do povo Xetá. De igual maneira, um programa educacional especial para os Xetá contribuiria fundamentalmente para esse fim, desde que seus direitos a uma terra própria sejam garantidos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, R.C. **Educação Escolar e os Indígenas Xetá no Paraná: Uma abordagem da Teoria Histórico-Cultural**. 2012. 206f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá (PR). 2012.
- ASH, A.; FERMINO, J.L.D.; HALE, K. Diversity in Local Language Maintenance and Restoration: a reason for optimism. In: HINTON, L.; HALE, K. **The Green Book of Language Revitalization in Practice**. San Diego: Academic Press, 2001. pp.19-35
- BALDUS, H. Métodos e Resultados da Ação Indigenista no Brasil. IN: SCHADEN, E. (org.) **Homem, Cultura e Sociedade no Brasil: seleções da Revista de Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1972. pp.209-228
- BIGG WITHER, T.P. **Pioneering in South Brazil**. Nova Iorque: Greenwood, 1968. Vol. II.
- BORBA, T.M. Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná. **Revista do Museu Paulista**, vol. IV. São Paulo, 1904.
- CABRAL, A.S.A.C.; RODRIGUES, A.D.; VASCONCELOS, E.A. O Sistema Pessoal da Língua Xetá. IN: **Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN**, Brasília, v.I, p.58-64. Disponível em <http://www.abralin.org/publicacao/abralin2005.php> Acesso em 24/06/2012
- CREVELS, M. Language endangerment in South America: The clock is ticking. IN: CAMPBELL, L.; GRONDONA, V. **The Indigenous Languages of South America**. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2012. p.167-234.
- ELLIOT, J.H. Resumo do Itenerario de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itareré, Paranapanêma e seus afluentes, pelo Paraná, Ivahy, e sertões adjacentes, empreendida por ordem do Exm.Sr. barão de Antonina. In: **Revista Trimensal De Historia E Geographia, Ou Jornal Do Ihgb**. Tomo IX, 2ª Edição, Rio de Janeiro, 1º Trimestre de 1847, pp.17-42.
- EVERETT, D. **Language, the cultural tool**. Londres: Profile Books, 2012.
- FAUSTINO, R.C. **Política educacional nos anos de 1990: o multiculturalismo e a interculturalidade na educação escolar indígena**. Tese (Doutorado). PPGE/CED/UFSC, Florianópolis, 2006.
- FERNANDES, J.L. Os índios da Serra dos Dourados – Os Cheta’. IN: **Deutsch Brasilianischer Volks-Kalender (Almanaque Popular Teuto-Brasileiro)**, Florianópolis, Hoffmann’s, 1961. p.193-202.
- FRIČ, A.V. Race of pygmies discovered in South America, **The New York Times**, Magazine Section, Nova Iorque, 05 de fevereiro de 1911, p.SM8.
- GUDSCHINSKY, S.C. Contribuição de Sarah C. Gudschinsky, co-relatora da Sessão de Lingüística da V Reunião Brasileira de Antropologia ao relatório apresentado por Aryon D. Rodrigues. IN: SCHADEN, E.(org.) **Homem, Cultura e Sociedade no Brasil: seleções da Revista de Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1972. pp.66-67
- HARRISON, K.D. **When languages die – The Extinction of the World’s languages and the erosion of Human Knowledge**. Nova Iorque: OUP, 2007.

HINTON, L. Language Revitalization: An Overview. In: HINTON, L.; HALE, K. **The Green Book of Language Revitalization in Practice**. San Diego: Academic Press, 2001. pp.3-18

_____. Sleeping Languages: Can they be Awakened? In: HINTON, L.; HALE, K. **The Green Book of Language Revitalization in Practice**. San Diego: Academic Press, 2001. pp.413-418.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Guarani Mbyá**. Disponível em <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-mbya/1288> Acesso em 24/07/2013.

IPARDES. **Leituras regionais: Mesorregião Geográfica Noroeste Paranaense**. Curitiba: IPARDES/BRDE, 2004.

ITCG. **Presença Indígena no Estado do Paraná**. Curitiba: ITGC, 2009. Disponível em http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/File/Produtos_DGEO/Mapas_ITCG/PDF/presenca_indigena_parana_A1.pdf Acesso em 13/07/2013.

LADEFOGED, P. **Preserving the sound of disappearing languages**. Disponível em <http://www.linguistics.ucla.edu/people/ladefoge/Preserving%20sounds.pdf> . Acesso em 19/07/2013.

_____. Another view of Endangered Languages. **Language**, v. 68, n.4, Washington, dez.1992, pp.809-811.

LEWIS, M. *et al.* **Ethnologue: Languages of the World**. Dallas: Sil International, 2013. 17ª ed.

LOPES, E. **Fundamentos da lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1995.

LOPES, S. **O Território Federal do Iguazu no Contexto da Marcha para Oeste**. Cascavel (PR): Edunioeste, 2002. (Coleção Thésis).

LOUKOTKA, C. Une tribu indienne peu connue dans l'état brésilien Paraná. **Acta ethnographica Academia Scientiarum Hungaricae**. Budapest, v.9, n.3-4, p.329-368, 1960.

KOZÁK, V; BAXTER, D.; WILLIAMSON, L.; CARNEIRO, R. The Héta Indians: Fish in a Dry Pond. **Anthropological Papers of The American Museum of Natural History**, vol. 55, parte 6, Nova York, 1979.

KOPPE, S. **Biblioteca brasileira da Robert Bosch GmbH: catálogo**. Rio de Janeiro: Cosmos, 1992. (excerto) Disponível em http://www.senado.gov.br/senado/biblioteca/acervo/LVF100/colecao_08_07.shtm Acesso em 25/07/2013.

MILLARCH, A. O Paraná segundo Bigg-Wither (I). **Estado do Paraná**, Almanaque, Tablóide, p.8, 24/11/1974. Disponível em <<http://www.millarch.org/artigo/o-parana-segundo-bigg-wither-i>> Acesso em 12/07/2013.

MOSELEY, C. **Atlas of the World's Languages in Danger**. Paris: Unesco Publishing, 2010. 3ª ed. Disponível em <http://www.unesco.org/culture/languages-atlas/> Acesso em 20/09/2012.

MOTA, Lucio Tadeu. Os Xetá e os Kaingang no Vale do médio Ivaí no século XIX. IN: MOTA, Lucio Tadeu (org.) **Diagnóstico etno-ambiental da Terra Indígena Ivaí-PR**. Maringá: Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações - Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História/UEM, 2003.

_____. **Os Xetá no vale do rio Ivaí 1840-1920**. Maringá, PR: Eduem, 2013.

NEBRIJA, A. Prólogo a la gramática de la lengua castellana (1492). IN: GÓMEZ-MARTÍNEZ, J.L. **Antología Del Ensayo: Antonio De Nebrija**. Disponível em <http://www.ensayistas.org/antologia/XV/nebrija/> Acesso em 23/07/2013.

NIMUENDAJU, C. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani**. São Paulo: Hucitec, 1987.

_____. Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocúva-Guaraní. **Zeitschrift für Ethnologie** 46, 1914, p. 284-403. Disponível em http://biblio.etnolinguistica.org/nimuendaju_1914_apapocuva Acesso em 24/06/2013.

OLIVEIRA, J.A. **Redução jesuítica: cidades espanholas e Reduções Jesuíticas da província do Guairá (1554-1632)**. Disponível em http://www.santoinacio.pr.gov.br/novo_site/index.php?exibir=secoes&ID=54 Acesso em 17/04/2013, 16h40min

PIVOT, B. ¿ Qué didáctica para una língua tesoro? El caso de la revitalización de la lengua rama de Nicaragua. **Anais do “Symposium on Teaching and Learning Indigenous Languages of Latin America”**. University of Notre Dame (Indiana), 2011. Disponível em http://kellogg.nd.edu/STLILLA/proceedings/pivot_benedicte.pdf Acesso em 22/06/2013.

POVO XETÁ. **Documento final de encontro do povo Xetá**. Disponível em <http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=news&action=read&id=2796> Acesso em 16/08/2010.

RENFREW, C. World linguistic diversity. **Scientific American**. January 1994, pp.116-123.

RODRIGUES, A.D.. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. **Revista de Antropologia**, 1985, vols. 27/28, pp. 33-53.

_____. **A originalidade das línguas indígenas brasileiras** [conferência realizada na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília em 08 de julho de 1999]. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas, 1999. 17p. Disponível em: <http://www.laliunb.com.br>. Acesso em: 30/06/2013.

_____. Evidências linguísticas da antiguidade do piolho e de outros parasitas do Homem na Amazônia. **Revista de Estudos e Pesquisas da FUNAI**, v.2, n.2, Brasília, dez.2005, pp. 89-97.

_____. **Caderno de Campo Xetá**. Maringá (PR): EdUEM, 2013. Coleção Documentos e História, vol.3.

RODRIGUES, A. D. ; CABRAL, A. S. A. C. . As muitas razões para o acesso dos Xetá à educação superior indígena. In: NOVAK, M. S. J. *et al.* (orgs.). **Educação superior Indígena no Paraná**. Maringá (PR): Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2010, p. 67-76.

SANTANCHÉ, G. **Gli indios della Sierra dos Dourados: gli Xetà**. Roma: Università di Roma, Facoltà di Scienze Statistiche Demografiche ed Attuariali, 1964.

SEMA. **Bacias Hidrográficas do Paraná: Série Histórica**. Curitiba: SEMA, 2010.

SILVA, C.L. **Sobreviventes do extermínio: Uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade xetá**. 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

_____. **Em busca da sociedade perdida: o trabalho da memória xetá**. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

_____. Os Xetá. In: PARANÁ. **Educação Escolar Indígena – Cadernos Temáticos**. Curitiba: SEED, Coordenação da Educação Escolar Indígena, 2006. p.50-55.

SOARES, M.F. (org.) **Guia de Fontes e Bibliografia sobre Línguas Indígenas e Produção Associada: Documentos do CELIN**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2010. Disponível em <http://www.museunacional.ufrj.br/guiafontes/pdf/Parte1.pdf> Acesso em 24/07/2013.

STOUT, M.E. **Relatório Lingüístico Botocudo**. Anápolis (GO): Associação Internacional de Lingüística, SIL Brasil, 2009. Disponível em <http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/ling/BTRelLng.pdf> Acesso em 24/07/2013.

STRUCK, J-P. Terra de índio? A política indigenista virou tera de ninguém. **Blog Reinaldo Azevedo**, 08/06/2013. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/terra-de-indio-a-politica-indigenista-brasileira-virou-terra-de-ninguem/> Acesso em 12/07/2013.

TOMMASINO, K. **A História dos Kaingáng da Bacia do Tibagi: Uma Sociedade Jê Meridional em Movimento**. 1995. 350f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. Os Sentidos da Territorialização dos Kaingang nas Cidades. **Comunicação da IV Reunião de Antropologia do Mercosul**, Curitiba, 11 a 14 de novembro de 2001. Disponível em <http://www.comin.org.br/news/publicacoes/1330546241.pdf> Acesso em 01/09/2013.

VASCONCELOS, E.A.; RODRIGUES, A.D. O modo indicativo em Xetá. IN: CABRAL, A.S.A.C.; RODRIGUES, A.D. **Línguas e Culturas Tupí**. Campinas (SP): Curt Nimuendaju, 2008. pp.411-416

VON IHERING, H. A Anthropologia do Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista**, v.VII, São Paulo, 1907, pp.202-259. Disponível em http://biblio.etnolinguistica.org/ihering_1907_anthropologia Acesso em 25/07/2013.

ANEXOS

Anexo I – Carta pública Xetá

Anexo II – Terras Indígenas do Paraná

Anexo III – Lista de Palavras Xetá apresentada por Loukotka, 1929.

Anexo IV – Lista de Palavras Xetá apresentada por Guérios, 1959.

Anexo V – Lista de Palavras apresentada por Fernandes, 1959.

Anexo VI – Lista de Palavras apresentada por Loutotka, 1960.

ANEXO I — CARTA PÚBLICA XETÁ

“Guarapuava, Paraná, 8 de outubro de 2007

Reunidos em Guarapuava, estado do Paraná, entre os dias 6 e 8 de outubro de 2007, nós, povo Xetá, discutimos e dialogamos sobre a nossa história, sobre a atual situação em que vivemos e sobre o que queremos para o nosso futuro.

Vivemos distantes uns dos outros e queremos nos reunir sobre a nossa terra tradicional. Por isso, decidimos retomar, com todas as nossas forças, a luta pela demarcação da nossa terra.

Sabemos que o processo de demarcação da nossa terra está paralisado na Funai, em Brasília, à espera da publicação do relatório de Identificação e Delimitação. Queremos a imediata retomada do processo de demarcação da nossa terra. Neste sentido, elegemos uma comissão que nos representará em audiência com a presidência da Funai para tratar desse assunto.

Decidimos também solicitar à Secretaria de Estado da Educação a criação de um programa específico para o fortalecimento da nossa língua Xetá.

Todos nós queremos ser reconhecidos como membros do povo Xetá. Independentemente de sermos sobreviventes ou descendentes, todos nos reconhecemos como Xetá.

Com este encontro, demonstramos que existimos e queremos continuar existindo enquanto povo culturalmente diferenciado. Para isso pedimos o apoio de toda a sociedade paranaense e brasileira.

Povo Xetá.”

ANEXO II – TERRAS INDÍGENAS DO ESTADO DO PARANÁ, COM DESTAQUE À PRESENÇA XETÁ

O mapa a seguir, elaborado pelo Instituto de Terras, Cartografia e Geociências do Paraná traz a localização das Terras Indígenas do Estado. Indica os locais onde habitam partes da população Xetá e traz, também, a localização da provável homologação da Terra Indígena Xetá.

ANEXO III – LISTA DE PALAVRAS XETÁ APRESENTADA EM LOUKOTKA,
1929

1. Parties du corps	
langue	čin-kon
bouche	š'-yurú
dent	tienai
nez	saputá
oeil	š'-yetá
oreille	če-nambü
front	sáua
tête	š-aka, Arès akau
cheveux	če-hai
barbe	duara
partie supérieure de la main	džyu-wa
partie inférieure de la main	džao-pagwi
main	če-po
coude	činamaña, Arès : anané
dos de La main	če-pā
pouce	čen-kauguačú
doigt ou index	čen-kaū ou čen-kwau
petit doigt	čen-kau-kün
ongle	če-pape
pied en général	č'-kupú
cuisse	č-awa
mollet	č'-toma
genou	č'-napa
pied, jambe	č'-pü
ongle du pied	č'-pečá
sabot	bu-čam-pü
côte	č'-nòká
poitrine	čakapé
téton d'homme	č'-kanbü
sein	č'-kantakan
téton de la femme	č'-kamkukan
peau	i-piré, Arès : ipiré
os	i-kangui
sang	šungú
artère, veine	šaudi
viande	šo
cœur	šiniya

2. La Nature.	
eau	uh, Ares : II
rivière	üvati
ruisseau	ükem
feu	tatá
fumée	tataisü
cendre	tanimbü
charbon de bois	tatapü
ciel	katava
brouillard	hotančí
pluie	amma
rosée	aŤapu
vent	avutu
éclair	iñakamkanú
arc-en-ciel	ūyaū
soleil	paʻi
lever du soleil	aiku-pai-udue
coucher »	aidiku-pai
soleil à midi	antapü
jour	kayru
nuit	putendai
matin	puñewe
midi	antapürü
soir	putandas-c'oku
lune	paituvü
nouvelle luné	kauanin-guašu
pleine lune	paituvü
lune décroissante	adipüsü
lune croissante	paiwaščcū
étoile	páikem
Vénus : aurore	saimbüm
Vénus : étoile du soir	atkú
Orion	hüiŤue
Pleiades	pai
terre, sol	üwuih, Ares : eny
Chemin	pé ^h
mont	ítauá
forêt	d()yaitü
cote	tunyá
sable	i kakaraní
Pierre	ita, Arès : ita
3. Les utensiles et lês armes.	
Maioson	tapui

Hamac	nositeu
Corbeille	pañaká
bois à brûler	talař
vrillon	pergon
copeau de bois	himherekoř
éventail	tū-pe
réceptient (pour boire)	guihpikau
pot	yapepá
cuiller	cep-nawakwé
canot d'écorce	ü-a
bateau taillé dans un tronc d'arbre	ü-pekwe
hache de pierre	žiitá, Arès ; žëitá
Arc	guarapá
corde d'arc	inřřá
flèche	wuüh
empenne d'une fleche	řthupepa
flèche avec point en bois	wukwapří
flèche avec point barbelée	řurére
flèche à oiseaux	guarapia
massue	taninopá
arc à balle	řuapadžá
lance	řpu
hameçon	porteñ
cordón	'cumbukfa
poiçon	řénai
pagne pour homme	řambia
chapeau	řimbapi
flûte	řkak'cü
flûte de Pan	takelmruá
cabelasse	kauwü
danse	řakfé
chant	uaří
poupée	xuñá
pipe	čukie
image	hakfueñ
4. La famille	
Nom	řiguantó

Homme, gens	handá
Peuple	tingre
Coroado	gaivi
Botocudo	šetá
Famille	tihašit
Homme	hakoi
Mari	imná
Père	mai
Papa	činken
Beau-père	kanunú
Mère, maman	hai, Arès : ahi
Belle-mère	haičiči
Enfant	´cimen-kani
Nourrisson	ai-kambue
Fils	´cimen-bükxon
beau-fils	šañauwé
frère	koti
rère cadet	čiči
sœur	či-kuñá-ken
femme	kuñá
épouse	čimideká
filles	imembé
filles (jeune femme)	kuñ ^h a-tai
frère du père	mai-kxevuti
» de la mère	hai-kxevuti
vieillard	´ciné
vieille	guaiwi
cousin	kütü
grand mère	haičiči
chef	manbü-puiyá
ami	kitü, Ares : kié
ennemi	´cama'ci
Indien	muñpunta
Blanc	tapuvühe
médecine	´cašü
fantôme	amhü-wü
âme	amhü-kün
rêve	táphui
5. Les animaux	
singe	kai, Ares : kaiki
singe hurleur	kambiyei
onza pintada	maniñim-pinive
onza negra	unutüe
Puma	muyeputá
Eurf	guačü , Arès : guašü

Lontre	wiraká, Arès : miraka
Tapir	tapi, Arès : tapi
Eapybara	ügua
Paca	samí
Pecari	iǰkwe
Bisam	tiašú, Arès : taiasú pecari
Eoati	nualapiri
tamanduá bandeira	d̃uambia
tamanduá mirim	d̃uambía-kau
ehien	noñteñ
souris	angayá
rat	hũyũ
lièvre	tipičí
talou	tatu, Arès: šêtétú
oiseau (probablement l'hirondelle)	guará-čingue
œuf	nembũ
pénélope jacu	yakú , Arès : yakutin
pénélope superciliaris	yakúká, Arès : yakukd
urubú	arawú
aigle	grogwačú
autruche	adwũ
canard	üπέ
pigeon	palkačá
poisson	phũkxũ
piranha, dorado	hadyuwá
alligator jacaré	tadyuwapé
serpent	mboy, Arès : boy
poison d'un serpent	mboy tatu
cobra cascavel	bage-rará
grenouille	pepfo
crapaud	dyug
lézard	mboye-wagikzau
iguane	mboyi-wagwe
fourmi	rará
termite	paitkrũ
moustique	membükau
mouche	butu
abeille	ey
miel	taruvüpũ
sauterelle	tuku ^h
guêpe	panuá
pou	kekũ
puce	čaiwa
araignée	ñyandu

6. Les Plantes	
Arbre	urara
Feuille	ura-partü
Écorce	ura-pegué
Racine	ura-rapá
Épine	džyú
Resine	uraitü
Fleur	patü
Buisson	mimkükam
Herbe	kapiurú
maïs	avači, Ares : abaši
tige de maïs	yinapá
grains »	haū
manioc	maniok
racines de manioc	hapô
farine de manioc	ikui
beijú	awai'ci-kuru
banane	ié
patate	iyá
fève	hačó
bambou	takvá
Roseau	takorai
Canne à suvre	Kanā
Tabac	howed'u
Timbó (paullinia pintanata L.)	nikašigua
7. Autres mots	
grand	ipiré
petit	kan
haut	niyakoča
vieux	šiwé
froid	haikanguité
chaud	čptuitpá
mouillé	amma
malade	čimapréce
mort	adžiküi
Blanc	marakü
(le) noir	huhun-tingué
Rouge	puton
Bleu	howitiwi
Vert	hawitinge
Jaune	putangučue
Oui	eyí
Non	üraitü

1.	matinkan
2.	Mokoi
3.	ñiirü
4.	šyétá
5.	hendá košime (?)

ANEXO IV – LISTA DE PALAVRAS XETÁ APRESENTADA POR GUÉRIOS (1959)

	Glossa	Língua Xetá cf. Guérios (1959)	Língua Xetá cf. Kozák in Guérios (1959)	Língua Xetá cf. Frič in Guérios (1959)
OS POSSESSIVOS E NOMES DE PARTES DO CORPO HUMANO				
1.	Minha língua	th' inko	eko	txin kon
	Tua língua	n'i-ko, n'inko.		
2.	Minha boca	ti d(i)ôro	solo	x'yurú
	Tua boca	ni d (i) ôro, nê d'oro		
3.	Meu dente	ti nai	-	ti enai
	Teu dente	ni náí, nê rãí	ne nai	-
4.	Minha orelha	ti nambi	-	txe nambü
	Tua orelha	ni nãmi	-	-
	orelha dele	i nãmi	e lame	-
5.	Meu crânio	ti akangáwe, thi aka	e kenáve, ñaka	x'aka
	Teu crânio	n'akangáwe	-	-
6.	Minha mão	ti po, thie po, thi puá	-	txe po
	Tua mão	nê po, ndê puá	-	-
	Mão dele	i po	e po	-
7.	Meu cotovelo	ti namanka	-	txi namanka
8.	Meu dedo mínimo	tin kwa-kã	-	txen kau-kün
9.	Meu dedo polegar	ti ka-áwd(i) o	-	txen kau(n)-guaxú
10.	Minha unha	thi puape	puape	txe pape
	Tua unha	ne kwape		
	Nossa unha	ñane puape		
11.	Meu pé	ti p(r)ohá	-	tx' kupú
	teu pé	nê p(r)ohá	polohá	-
12.	Minha barba	t'indöwa, t'indêuwa		
13.	Minha perna	ti tâma		
	tua perna	nê tâma		
	perna dele	i tâma		tx'pü
	Pernas de	pê tâma		

	vocês			
14.	Minha barriga da perna	ti tãma-lá		tx' toma
15.	Meu joelho	ti napuá		tx' napa
	Teu joelho	nê napuá		
	joelho dele	i napuá		
16.	Minha unha do pé	ti potyape	posiape	tx'pentxá
17.	Minha costela	ti nōka		tx' noká
	Tua costela	ni aroka, ñ anoka		
18.	Meu peito	ti patiá		
	Teu peito	nê pathá, nê patá		
	peito dele	i patxiá	pasiá	
19.	Meu mamilo (homem)	ti kãta	kötá	tx' kanbü
20.	Meu seio	tí kamoá		tx' kanta-kan, tx' kamku-kan
21.	Meu queixo	ti nêuwa		
	Nosso queixo	ñâne nōwa		
	Barba	se-niwa, re-niwa		
22.	Meu sangue	thi rôga	x'ogo	x'ungú
	Teu sangue	nê rôgo		
	Sangue dele	hōga		
23.	Tua pele	ne bi; ni pe		
	pele dele	i pi		i-piré
	Nossa pele	ñâne ipe		
	Vossa pele	pê ipe		
24.	Meu osso	thi nka		
	osso dele	in ka	e ka	i-kangui
PRONOMES				
	'meu' ou 'eu'	ti ou thi		
	'teu, tu'	ne, nde, ni		
	'seu, ele, seu, dele'	i		
	'nós, nosso'	ñâne		
	'nossa	niane kônia		

	mulher'			
	'nossa criança'	n(i)ane káwe		
	'nosso homem'	niã kanôme		
	'nosso sol'	nane xábe		
	'nossa lua'	ñane t(i)avetôa		
	'nossa estrela'	ñane táda		
	'eu vou correr'	a-ñenuai, a-ñenôi		
	'eu sopro'	a-pêd(j)o		
	'eu mato (gente)'	a-diágua, a-dióga		
	'eu pego'	a-pôr		
	'eu esfrego'	a-pôka		
	'eu subo'	a-diáupi		
	'eu pesco'	a-nói		
	'eu sonho'	a-kânia		
	'eu tomo banho'	a-diáu		
	'nós vamos caçar'	ña-jár		
	'caçar'	kad'oga ("matar (d' ioga) no mato (ká)")		
PARTÍCULAS				
	'onde?'	mápe?		
	'por quê?'	máre? (mále?)		
	'aquele, aquela'	aikôái		
	'em, por, a'	pé		
	'a anta anda mato no'	'trakói wata ñáitâ pé'		
PARTÍCULAS VERBAIS				
	imperativo (prefixo)	e-		
	'vai embora!'	e-ga! ê-gwa!		
	'venha!'	ê-djo! ê-d'io!		
	'dá!'	e-mó!		
	'cuspa'	e-la!		
	'dá-me de comer!'	e-máu táu!		
	'dá-me água!'	e-máu haundje!		
	'vá beber água!'	e-gwa te haundje!		
	'dá-me carne para comer!'	e-máu haikã táu!		

	‘levanta-te!’	i-puá!		
	‘pula!’	i-purá!		
	‘levantai-vos!’	pe puá!		
	‘vamos embora!’	th-iá!, tx-iá		
	‘vamos caçar!’	th-adjuga!, th- iad’uka!		
	‘vamos tomar banho!’	th-adiáu, th-iadiau!		
	‘vamo-nos levantar!’	tx’ iapuá!		
	‘que eu vá embora’	t-adjywa!		
	‘que tu corras’	th-ere-nai! te-ne-nai		
	‘vás tu, vai tu, ou irás tu’	t-ere-çô!		
	‘não surres’	e-nopã-me!		
	‘não mates’	jucâ-umê!		
	‘não ensines’	emboé-emé, emboé- imé		
	‘matei o jaguar’	ad(i)óga háiko-pintai kina		
	‘de manhã vocês irão embora?’	poñewe pe-djiaw-ne?		
OS NUMERAIS				
	‘um’	ma(n)téi, uái/wai		
	‘dois’	mogai, muokái, m(u)ôgái		mokoi
	‘três’	makatchái, mangâtêi, m(u)ogâtei		ñiirü
	‘quatro’	matêihín		xyétá
	‘cinco’			hendá koxime (?)
NATUREZA				
1	‘fumaça’	tatád(i)e	tatade	tataísü
2	‘cinza’	tatáupa	tatábui	tanimbü
3	‘carvão de madeira’	tataupuí		tatapü
4	‘orvalho’	at(i)ábue		at’apu
5	‘vento’	hauôto, hawôto	avoto	avutu
6	‘trovão’	amáwa		amma
7	‘raio’	tumpa, tunpa		
8	‘luz do sol’	ku(o)rahá		
	‘dia’			kayru
	‘meio dia’	k(e)ra-kado		
9	‘terra, solo’	hêua	ewúa	üwuih
10	‘caminho’	pê ka	pe ka	pé(h)

11	‘pedra’	íta	íta	itá
12	‘rio’			üvati
	‘riacho’			ükem
13	‘noite’			puten-dai
14	‘dia’	ará-d(i)a	ala-d’a	
15	‘relâmpago’	awêra	auera	
PLANTAS				
1	‘árvore’	auêra	auora	urara
2	‘raiz’	hápo	hápo	ura-rapá
3	‘flor’	dia-pôtêra-me	de-botera	patü
4	‘taquara’	tákwa	tágua, tákva	takvá
5	‘espinho’	hád(i)e, hát(i)e	hat’e	djyú
A FAMÍLIA				
1	‘avó’	haitxí-txi		haic’ic’i
2	‘filho’	mêmo		c’imem-bükchon
	‘meu filho’	thi mêmo	mêmo	
	‘filha’	i-mem-bé		
3	‘mulher’	at(i)-kônia, niane kônia	eme-koi	kuñá
	‘irmã’			txi-kuñá-ken ³⁹
4	‘velha’, ‘minha velha’	t(i)awái		guaiwi
5	‘alma’	iänge, ñ(i)änge	âng, angá	amhü-kün
ANIMAIS				
1	‘macaco’			kai
2	‘ratazana’	hararáu		
3	‘cobra’	mói	moi	mboy
	‘lagarto’	môi-hiruai	moj-ruai	mboye-wagikxau
4	‘formiga’	arará	arará	rará
5	‘mosquito’	marige, marigwe, marégwe	malégue	
6	‘passarinho’	(g)ura-kinkánge		
7	‘mosca’	mêro	mero	
8	‘abelha’	êi	ei	ey
9	‘piolho’	kö	kö	ke-kü
10	‘aranha’	ñando		ñyandu
11	‘vespa’	kãuá	kelá	panuá
12	‘gafanhoto’	tôko	toko	tuku
13	‘pássaro’	n(g)ôra, ngwôra		
UTENSÍLIOS E ARMAS				
1	‘casa’	tápwi	tábui	tapui
2	‘cesta’	pinako		pañaká
3	‘objeto ignífero’	tatá(r), tatá(h)		tatax
4	‘lenha’	ñapiá	niafiá	
5	‘arco’	(g)rápa, g(a)rápa	mláva	guarápa

³⁹ De acordo com os apontamentos de Guérios (1959), essa palavra foi mal analisada por Friç, pois seu significado seria “minha mulherzinha”.

6	‘flecha’	uá	vuá	wuüh
7	‘emplumação de flecha’	upêba	oféva	xthupepa
8	‘corda do arco’	(u)napád(i)a		
9	‘recipiente para beber’			guih-pikau
10	‘canoá’			ü-pekwe
ADJETIVOS				
1	‘quente’	háko	hako	
2	‘preto’	hun-tai	hún-te	hu-hun-tingué
3	‘vermelho’	p(u)ta-tai	futá-te	puton
4	‘azul’	ahu-tái, auö-tö	ahó-I-te	howi-ti-wi
5	‘velho’	iuáma		
6	‘sedento’	iöi		
VERBOS DE LIGAÇÃO				
	‘eu (estou com) frio’	thi rádie, rátia		
	‘tu (estás com) frio’	nê rádie		
	‘ele (está) cansado’	i kañó		
	‘estou com sede, tenho sede’	th’iöi		
ELEMENTOS NÃO TUPÍ-GUARANÍ				
NATUREZA				
1	‘carne’	haikã	haikã	averba xo
2	‘fogo’	haikelá	haikelá	
3	‘céu’	tatōga	tataka	katava
4	‘nevoeiro’	hauánd(i)e		hotantxi
5	‘chuva’	atög(ö)	atég	amma
6	‘água’	hãnd(i)e, hõnd(i)e	hoñe	
7	‘relâmpago’			iñakamkanú
8	‘arco-íris’	nt(i)ô’, nd(i)ô’		u(n)yãu
9	‘sol’	(n)anêxabe, nianet’ape	enexave, nelet’av	payi
10	‘trovão’	ninamâga, nienamadja		
11	‘aurora’	kado		
12	‘noite’	poá, puá	fua	
13	‘manhã’	poñêue	puñeve	puñewe
14	‘de manhã, cedo’	temóe		
15	‘meio dia’	k(e)rakado		antapürü
16	‘lua’	ñanet(i)avetôa	elétáveteo	paituvü
17	‘estrela’	ñânetáda, niatâda	iateda	paikem
18	‘plêiades’	hêtái	sétai	
19	‘selva’	ñãita, i(n)áita	ñãite	d’yaitü

20	‘areia’	takarôï	takarói	ikakaram
UTENSÍLIOS, ARMAS, ETC.				
1	‘peneira’	penôpe		
2	‘esteira p/dormir’	tapêgua		
3	‘cavaco’	hagwe		himherekox
4	‘Cesto de carregar às costas’	iwaitá		iváitá
5	‘machado’	ñapraká, i(n)apraká	devalaká	
6	‘osso afiado’	haikiinka		
7	‘tanga’	hamiakã’	miák	xambia
8	‘laço’	ñaka		
9	‘cordão’	gêgatáui	kegatáv’	c’umbukfa
10	‘flauta de pã’	tágwa	taque	takelmruá
11	‘cabaça, cuia’	ámáwa	amáua	
A FAMÍLIA				
1	‘homem’	niãkanôme, i(n)kanôme	inekanõ, sidlata	handá, hakoi
2	‘pai’	mai	mai	mai
3	‘mãe’	hai	hai	hai
4	‘criança’	n(i)anekáwe	emekala	c’imem-kanin
5	‘menino’	(t)xikói, xágói, thegói, ségói		
6	‘menina’	tikuá, thigwa, sígwa		
7	‘irmão, irmã’	n(e)diágwe, nad(i)ágwe	medjágoi	koti
	‘velho’	i(n)are, ñar(e), diarêi	djálei	c’iné
8	‘amigo’	d(i)akáta	djakáda	kitü
9	‘inimigo’	nd(i)akáta	maljakáda	c’amac’i
10	‘nome’	guante’		xi-guantó
11	‘fantasma’	möl	möu	amhü-wü
ANIMAL				
1	‘bugio’	hu(n)-mai, hummái		kambiyei
2	‘onça pintada’	haikáo-pintai	haiköfeai	maniñim-pinive
3	‘puma’	p(u)nahái	fudáhai	muyeputá
4	‘veado’	hêhêháí, hahái	haiké	guatxu
5	‘lontra’	haméhai	hame-hai	wiraká
6	‘anta’	t(a)lagüêháí, tragüehái, traku, trakói	telagói	tapi
7	‘capivara’	haikáhúe, haiku(n)háí	haikehia	ügua
8	‘paca’	humm-hái, hum-hái	haikomufua	sami
9	‘coati’	héhéé, kram-ái, krãmbai	haikö	nualapiri
10	‘tamanduá- bandeira’	môkohö-hái	moko	d’uambia
11	‘tamanduá-	môkohatái	mobata	d’uambia-kau

	‘mirim’			
12	‘tatu de rabo- mole’	hôái, hué, huái		
13	‘tatu’	haikã-d’iape	hekeldiave	tatu
14	‘lebre’	têká	teká	tipitxí
15	‘jacu’	kókái	kukai	yakú
16	‘jacutinga’	pinp(a)i	pimpiai	yakuká
17	‘urubu preto’	p(h)óp(h)ái		
18	‘urubu branco’	pêk(e)raráu		
19	‘urubu de cabeça vermelha’	n’iampini		
20	‘gavião’	piake		
21	‘coruja’	puaba		
22	‘abelha irapuá’	inkéli		
23	‘peixe’	rád(i)a, rát(i)a	elat’a	hükxü
24	‘cascavel’	diagói		bage-rará
25	‘mel’	ikãngwe, ekãnge	ekange	
26	‘ovo’	pirôro		nembü
27	‘beija-flor’	pinõ		
PLANTAS				
1	‘folha, erva’	há	há	ura-partü
2	‘casca de árvore’	ipégwe		ura-pegué
3	‘resina’	huahuaái		uraitü
4	‘criciuma’	haikomhuá	haikómua	takorai
5	‘banana do mato’	huái		ié
6	‘erva-mate’	kokuái		
7	‘bebida’	uárége, uráge, wrage		
ADJETIVOS, ETC.				
1	‘grande’	hahuidia	halédea	ipiré
2	‘pequeno’	têháí, té(n)ho	téño	kan
3	‘alto’	ñôê(i), iôé(i), n’iawái		niyakotxá
4	‘frio’	rãí’dia, nrãíntia	hráit’a	haikanguité
5	‘molhado’	aiápa		
6	‘doente’	hádia	hád’	tximaprec’e
7	‘branco’	hataháí, hataái	kafaé	marakü
8	‘amarelo’	hakwaái, hak(o)ahái	kakóai	putangutxue
9	‘não’	niá, ñá	ñiá	üraitü
10	‘feio’	ñakôro		
11	‘bonito’	iwánnei, iwândeí		

ANEXO V – LISTA DE PALAVRAS XETÁ APRESENTADA EM FERNANDES (1959)

PARTES DO CORPO	NATUREZA
<p>língua – inko boca – dióri dente – nénai nariz – sapôta olho – imahâ orelha – ñambi cabeça (parte superior) – xapotê cabeça (total) – ñakankaue cabelo – ñâka barba – tirá mão – êpo cotovelo – ama polegar – tikaáudio dedo mínimo – inkanawakan unha – puâpe pé em geral – prohá coxa – ñôr pantorrilha – etâma-la joelho – enápua perna – etâma unha do pé – posiâpe casco de animal – posiâbe costela – ñalóka peito – pasia mamelão do homem – ikâta seio – kamoá mamelão feminino – ikâta pele – êti osso – inkã sangue – hôga veia (vaso sanguíneo) – hâdia carne – haikâ coração – henia</p>	<p>Água – hôñe Rio - ? Regato - ? Fogo – haikela Fumaça – tatâde Cinza – tatâupa Carvão de madeira – tátâbui Céu – tataka Cerração, nevoeiro – hawãndie Chuva – atêg Orvalho – achabue (n) Vento – awôto Relâmpago – auêra Arco Iris – nitiô Sol – enexâve Aurora – kádo Dia – alâdia Noite – Poá Manhã – memóe Aurora – kádo Tarde – kerakadso Lua – nhanetavetoa Estrela – iatêda Plêiades – hetai Terra, solo – ewûa Caminho (trilha de índio) – péka Selva, floresta – ñyata Areia – takarói Pedra – ita</p>
UTENSÍLIOS E ARMAS	FAMÍLIA
<p>Casa – tâpui Cesta – pinako, eváitá Lenha – niapiá Aparelho ignígeno – tatail Lasca de madeira (cavaco) – hágue</p>	<p>Nome (grupo de índios de Dourados) – Xetá Botocudo (homem com ornato labial) – heméta Varão (homem) – kanome Marido – teiradwa</p>

<p>Abanador, esteira – tapéguá Machado – nepraka Arco – guarâba Corda de arco – napádia Flecha – vûá Emplumação da flecha – upéba Flechas com ponta de madeira barbelada – alauête Flecha para pássaro – narâpia Clava – Auêrapingebo Punção (pequeno osso aguçado) – haikiinka Tanga – hamiakâ Flauta de pan – tâgua Cabaça (fruto) – kôgua Cabaça recipiente – amawá Canto – apraí</p>	<p>Pai – mai Mãe – hai Criança – nieue Kauaí Filho – timêmo Menino – txigoi, xigoi Irmão – mendjâgoi Irmã – nadsaguê Mulher - ñanekoinha, kôña Esposa – simirâda Filha (menina) – tiguá Filha (jovem moça) – timêmo Velho – diâlei, diarei Velha – dihárei Amigo – diakâda Inimigo – nhadiakáte Fantasma – möuel Alma – nhang Sonho – ákâña</p>
<p>ANIMAIS</p> <p>Macaco – krâkoi Bugio – huimá Onça pintada – haiköpintai Puma – punahai Veado – hehehai Lontra – hame-ai Anta – telâgoihai Capivara – haikéhüra Paca – hum-hai Porco do Mato – huhai Queixada – haikenhuai Coati – haikancai Tamanduá bandeira – moko hevai Tamanduá mirim – moko-atai Camondongo – hararau Ratazana – hararau Lebre – Teka Tatu – hekeldiâve Pássaro pequeno – gurokihänge Ovo – piroro Jacu – kukai Jacutinga – pinpiiai Urubu corvo-preto – fofoai Urubu (corvo) branco – pekehararau Urubu (corvo) de cabeça vermelha – niampine Pombo grande – hãhãhai Pombo pequeno – hehai Peixe – radja</p>	<p>PLANTAS</p> <p>Árvore – áuéra Folha – há Casca de árvore – ipegwa Raiz – hâpó Espinho – hâaté Resina – huawaai Flor – debótéráme Taquara (bambu) – tákua Cana, caniço (criciuma) – kaile-komhuá</p>

<p>Cobra – moi Cobra cascavel – diagoi Sapo – ndoi Lagarto – moihiruai Formiga – arará Mosquito – malêgue Mosca – mero Abelha – êi Mel – ikânge Gafanhoto – toko Vespa – kawá Piolho – kô Aranha – ñâdu</p>	
<p>OUTROS VOCÁBULOS</p> <p>Grande – halêdja, hauidja Pequeno – teai Alto – niauai Velho – inama Frio – ñrandja Quente – hâko Molhado – awaba Doente – hâde Branco – katahai Preto – hûntai Vermelho – putâdai Azul – awete Verde – awete Não – ñiá</p>	

ANEXO VI – LISTA DE PALAVRAS XETÁ APRESENTADA EM LOUKOTKA (1960)

Parties du corps			
	Français	Langue des Indiens de Serra dos Dourados	Aré, Šetá et Yvaparé
1.	Tête	ñ-áka LF ñ-akankaue	A akan, Š š-aka, Y akā
2.	Crane	T K nekañgápe	
3.	Cerveau	páto	
4.	Front	ekenáve	Š sáua
5.	Cheveux	ñ-áka T, tiáka G LF ñáka	Š če-hai
6.	Cils	tirapebe	
7.	Sourcils	sapóka	
8.	Barbe	hañéka	
9.	Moustache	tirá LF tirá	Š duara
10.	Joue	tidiorá	
11.	Cou	žákad T, TK id'uád'ie	
12.	Gorge	TK diašo	
13.	Langue	ěko LF inko	Š čin-kon, Y kũ
14.	Bouche	zzlo	Š š'-yurú, Y yurú
15.		LF dióri	
16.	Lèvre	hhme	
17.	Dent	nénai T, nenahe G	Š tienai, Y tā'i
18.		LF nénai	
19.	Nez	sappta	Š saputá, Y čapitá
20.		LF sapôta	
21.	Narines	epuela	
22.	Oiel	imahā T, Ñ	Š š' – yetá, Y tečá
23.		LF imahā	
24.	Oreille	eláme	Š če-nembü, Y nambí
		LF nāmbi	
25.	Ouverture de l'oreille	ti-butiákó G	
26.	Partie supérieure de la main		Š džyu-wa
27.	Partie inférieure de la main		Š džoa-pagwi
28.	Bras	šamán K	A žiné
29.	Coude	sikeno	A anané, Š či-namanga
		LF ama	
30.	Main	épo T, G, K, H, Ñ	Š če-po, Y po
		LF épo	
31.	Dos de la main	éipa	Š če-pā

32.	Poignet	TK ipuápa	
33.	Doigt	nnba T, t'epa G, ípa H	
34.	Pouce	T K čʔtinkvaradžo	Š čen-kaũguačú
		LF tikaáudio	
35.	Indicateur	igaláto	Š čen-kaũ, čen-kwaw
36.	Petit doigt	ũkoaka	Š čen-kau-kün
		TK wingukã	
		LF inkanawakan	
37.	Ongle	puápe	Š če-pape
		LF puápe	
38.	Jambe	itema	Š č'pü
39.	Cuisse, partie supérieure	ññr	Š č-awa
		LF ññr	
40.	Cuisse, partie inférieure	ettma	
		LF etâma	
41.	Mollet	temalá	Š č'loma
		T K itamala	
		LF etâma-la	
42.	Hanche	T K inóã	
43.	Genou	enápua	Š č'-napa
		LF enápua	
44.	Pied	ti-polohá, T, ti-puruhá G	Š č'-kupú, Y püčá
		LF prohá	
45.	Pouce du pied	ipant'a G	
46.	Doigt du pied	pplča	
47.	Ongle du pied	posiápe T, put'íábe G	Š č'-penčá
		LF piápe	
48.	Cheville	páñua	
49.	Cheville du pied	at'ikiandó	
50.	Plante du pied	T K iprohá	
51.	Talon	T K patanča	
52.	Griffe	ipabé	
53.	Sabot	posiábe	Š bu-čam-pü
		LF posiábe	
54.	Corps	ñallka	
		LF ñalóka	
55.	Muscle	ñóʔoték G, ñuappka H	
56.	Omoplate	T K ñoappka	
57.	Dos	T K eskope	
58.	Épaule	T K d' t'	
59.	Poitrine	epásiá	Š čakapé
		LF pasiá	
60.	Ventre	fid'ué G	
61.	Ombilic	ipanoá T, párnua G	

62.	Côte		Š č'-nóká
63.	Sein	LF kamoá	Š č'kantikan
64.	Mamelle	sikámo	Š č'-kamkukan
		T K inkadžo	
		L F ikāta	
65.	Téton d'homme	LF ikāta	Š č'-kanbü
66.	Membre viril	d'yápia	
67.	Vagina	vaniká	
68.	Derrière	T K hívi	
69.	Anus	ipáša H	A abikuá
70.	Peau	éti	A i-piré, Š i-piré
		LF éti	
71.	Os	únka	Š i-kangui
		LF inkā	
72.	Sangue	hhgo	Š šungú
		LF hôga	
73.	Veine	hád?	Š šaudi
		LF hádia	
74.	Pouls	palahai	
75.	Viande	háika T, haike G	Š šo
		LF haikâ	
76.	Couer	fénia	Š šiniya
		LF henia	
77.	Foie	T K ipuā	
78.	Estomac	mirélo	
		T K hemirelo	
79.	Intestin	čiré	
		T K xyé	
80.	Salive	héndá	
		T K t'erenda	
81.	Urine	akuáro	
82.	Sueur	lépa	
83.	Larme	ád'a	
84.	Excrément	apāte	
85.	Bec	ént'e	
86.	Queue	amakléga	
87.	Aile	pppo H	
88.	Plume	há	
89.	Dents d'un serpent	héi	
		1. La nature	
90.	Eau	hōñe T, hhyei G, háe Ñ	Š üh, A îf, Y i
		T K hai'ëñ	
		LF hóñe	
91.	Fleuve	hond'e	Š üvati

92.	Ruisseau	T K nágakã	Š ũkem
93.	Feu	haikel'a T, agel'á G, akand'a H LF haikel'a	Š tatá, Y tatá
94.	Fumée	tatante T, tatáde G, T K tatadši LF tatáde	A abízú, Š tataísü
95.	Cendre	tatáxepa LF tatáupa	Š tanimbü
96.	Charbon de bois	tatábui LF tátábui	Š tatapü
97.	Bois à brûler	dépia T, Ñ T K ñápiá	
98.	Brûlot	hantápuí G	
99.	Ciel	tatáka LF tataka	Š katava
100.	Nuage	kramadža	
101.	Pluie	att' T, ttg G LF atêg	Š amma
102.	Rosée	ašápa T, at'ápa G, at'íápo H LF ašabue	Š atapu
103.	Brouillard	auánte LF hawañdie	Š hotanči
104.	Vent	avvto LF awôto	Š avutu
105.	Éclair	aueira T, auura G	

		LF auêra	
106.	Rayon	tupan T, tumpa G	Š iñakamkanú
107.	Tonnere	ãma	
108.	Arc-en-ciel	ñu T, ñe G LF nitiô	
109.	Soleil	nelet'áo T, nelet'apie G, alit'íave H LF enesháve	Š pa ^y i, Y pai
110.	lever du soleil	T K ahant'uei	
111.	coucher du soleil	kvarhá	Š aidiku-pai
112.	soleil à midi		Š antapü
113.	jour	alád'a LF aladia	Š kayru
114.	nuit	fua LF poá	Š putendai
115.	matin	poññve LF memóe	Š puñewe
116.	midi		Š antapürü
117.	aurore	T K putamba LF kádo	
118.	soir	T K puá LF kerakadzo	Š putandas-óoku
119.	lune	elét'aveteo T, ñetutádi Ñ LF ñanetavetoa	Š paituvü, Y páí
120.	nouvelle lune		Š kuanin-guašu

121.	pleine lune		Š paituvü
122.	lune croissante		Š paiwasčü
123.	lune décroissante	nuái G	Š adipüsü
124.	étoile	yattda T, G, K LF iatêda	Š paikem
125.	Vénus		Š saimbüm
126.	étoile du soir		Š aikü
127.	Orion		Š hüt'ue
128.	Pléiades	xétai LF hetai	Š pai
129.	terre	ewüa T, éue G LF ewûa	Š üwuih, A euy
130.	chemin	péka T, H LK péka	Š pé ^h
131.	mont	T K sisivaxeñ	Š itauá
132.	forêt vierge	ñyáita T, ñáite G LF ñyata	Š dyaitü
133.	côté	T K aua	Š tunyá
134.	sable	takarúi LF takarói	Š 'kákaraní
135.	Pierre	ítá T, G LF itá	A itá, Š itá
136.	cataracte	T K öto	
137.	aldée	áka T, ákia G	
138.	campement	káka' T, kéka' G T K ka'k	

139.	trace	hápe H	
Les ustensiles et les armes			
140.	hutte	tábui T, G LF tâpui	Š tapui, Y tapii
141.	hamac		Š nositeu
142.	mortier	agoá T, G	
143.	pilon	agoak'n T, G	
144.	couteau de bambou	hakamué G	
145.	cordon des fibres	keratáve G	
146.	hotte	penákó T, pináko G LF pinako	Š paňaká, panakú (ms)
147.	panier	iváitá T, G LF eváitá	
148.	petit panier	pennpe T, G	
149.	natte	tapéga	
150.	appareil pour produire le feu	tatád' LF tatail	A žapeá, Š tatak
151.	vrillon		Š pengon (ms)
152.	copeau de bois		Š himherekoš, himbereká (ms)
153.	broche	ivad'ihhua G	
154.	auge du bois	tanuánga T T K tanuánga	
155.	écorce qui sert à teindre les arcs	čačiguá	
156.	couteau	krtihá G	
157.	piège	ňáka	

158.	piège dit en pot. mundéo	malek T, meneke ² G	
159.	barque	ihuoi H	Š ũa
160.	monoxylon		Š ũ-pekwe
161.	bâton	aurappingdo G	
162.	arc	m ² láva T, ualápa G, ualápa H LF guarâba	Š guarapá, guarapa (ms)
163.	corde de l'arc	felařáda LF napádia	Š inřřá
164.	mon arc	tirapa	
165.	ton arc	derapa	
166.	notre arc	inerápa	
167.	arc de lui	perápe	
168.	flèche	vúa LF vúa	Š wuüh, uyh (ms)
169.	empenne d'une flèche	ořeva LF upêba	Š řthupepa
170.	flèche avec point barbelée	úa T, G, H	Š řurere
171.	flèche à oiseaux	m ² lâte T, boıra H LF narâpia	Š guarapia
172.	flèche avec point en bois		Š wukwapří
173.	flèche pour les enfants		Š auduči (ms)
174.	lasso	mandéka	
175.	cordon		Š ćumbukfa
176.	boîte	népáro G	
177.	petite boîte	osidiáge	Š ueh (ms)
178.	massue		Š taninopá

179.	arc à balle		Š šuapadzá
180.	lance		Š šupu
181.	hameçon		Š porteň
182.	pagne pour homme	hamiák? LF hamiaká	Š šambia
183.	chemise	kegataue	
184.	sac de peau		Š kandre (ms)
185.	collier	ipá?	Š gru (ms)
186.	collier de semences	uáu	Š umam (ms)
187.	pendant d'oreille	finappiá G T K inapopya	
188.	pendeloque de sabots d'un cabiai		Š ügue (ms)
189.	grand chapeau	d'agoára G	
190.	petit chapeau	diháña G	Š šimbapi
191.	couronne des plumes	pennpe	
192.	tembetá	orádžo	
193.	flute	tágua	Š škakcü
194.	éventail	tapp G LF tapégua	Š tũ-pe, tupé (ms)
195.	calebasse	kágua LF kôgua	Š kauwü
196.	réipient pour boir	kkgo LF amawá	Š guihpikan
197.	hache de pierre	devalaká T, nepraká G T K neprada L F nepraka	A žëitá, Š žiitá

198.	manche de la hache	arapingába G	
199.	poignet de la hache	arápiáu G	
200.	pot		Š yapepá
201.	couiller		Š čep-nawakwé
202.	vase	ámon	
203.	instrument pour percer d'un dent	kedišéuha T K kedišeúha	Š kakambé (ms)
204.	aiguille d'os	háikeñíka G LF haikiinka	
205.	aiguille pour perforer de la lèvre	oráka	
206.	aiguille pour perforer du lobe	pinauánka	
207.	bois de tembetá	sačégua H	
208.	flûte de Pan	LF tâgua	Š takelmruá
209.	bracelet		Š iñimha (ms)
210.	pipe		Š čukíe, čukie (ms)
211.	fil	kégatau H	
	La famille		
212.	homme (Mann)	inekanō LF kanome	Š kanunú = beau-père
213.	peuple	hhta H	Š tingre
214.	tribu	ššta H LF šetá	Š šetá
215.	Coroado – Kaingán		Š gaivi
216.	homme (Mensch)	sidláta	Š handá, hakoi
217.	mari	T K tairádua LF teiradwa	Š imná

218.	père	mai T, mei G LF mai	Š mai, A ru
219.	papa		Š činken
220.	beau-père		Š kanunú, A ayakapú
221.	mère	hai LF hai	Š hai, A ahi
222.	belle-mère		A arazá, Š haičiči
223.	enfant	emmkala T, nenikáue G LF nieue kauai	Š címen-kauí
224.	nourrisson		Š ai-kambue
225.	fils	mmmó LF timêmo	Š címem-bükxon
226.	garçon	tikuen G LF čigoi, šigoi	
227.	beau-fils		Š šañauwé
228.	frère	mědzágoi LF mendžágoi	Š koti
229.	frère cadet		Š cíuti
230.	beau-frère		A avâim
231.	soeur	nad'íague LF nadzaguê	Š či-kuñá-ken
232.	femme	kkña LF kôña	Š kuñá
233.	épouse	similáta LF simirâda	Š čimideká
234.	jeune fille	tígua G LF tiguá	Š kuñ ^h -a-tai
235.	fille	ssga LF timêmo	Š imembé
236.	frère du père		Š mai-kxevuti
237.	frère de la mère	T K nad'ágwe	Š hai-kxevuti

238.	vieillard	dálei LF diálei	Š činé
239.	vieille	T K díhārei LF dihárei	Š guaivi
240.	cousin		Š küt'ü
241.	grande mère		Š haičiči
242.	chef	ínama T, H	Š mambü-puiyá
243.	ami	d'akáda LF dakáda	A kiê, Š kitü
244.	ennemi	mal'akáda LF ñadakáte	Š cámaci
245.	blanc	sekáña	Š tapuvühe
246.	Indien		Š muñpunta
La religion et la magie			
247.	nom		Š šigantó
248.	médecine		Š écašü
249.	boisson maté	xuxvai T, kkkuai G, T K kukvai	
250.	chant	afalai LF aprai	Š uaší
251.	boisson fermentée	uarāži T K uarāge	
252.	fête	aparaí	
253.	danse		Š šakfé
254.	cure par marcher sur quelq.	aporaó čangare	
255.	éventation	amapóto G	
256.	compresse	eimmbe	
257.	douleur	hád'a	
258.	fantôme	möu T, möl H LF möuel	Š amhü-kün
259.	âme d'un moribonde	ñāmbi LF ñang	Š amhü-kün
260.	ombre	ákāña LF ákāña	
261.	rêve	tikeāt'e G	Š táphui
262.	mot magique	kenambai G	
263.	peur	akad'i	
264.	poupée		Š xuñá
265.	image		Š hakfueñ
266.	cadavre	ñoam'máka	
267.	Les animaux		
268.	singe	krāgoi LF krākoi	A kaiiki, Š kai
269.	singe hurleur	föymá LF huimá	Š kambiyei

270.	chauve-souris	mmdika	
271.	jaguar peint	hai-kum-pintai T, haiku-pintai G LF haiköpintai	A žaguá, Š maniñim-pinive
272.	jaguar noire		Š unut'ue
273.	puma (Felis concolor)	T K pu'ahai LF punahai	Š muyeputá
274.	chat sauvage	haika-šāše	
275.	chat sauvage, autre espèce	ñaguakön G	
276.	jaguar tigré (Felis pardalis)	haike T, dipukápe G	
277.	cerf (Cervus campestris)	heheai T, H LF hehehai	A guašú, Š guačú
278.	loutre (Lutra paranensis)	hamehai T, G LF hame-ai	A miraka, Š wiraká
279.	renard	kayai	
280.	irara	ngalahai G	
281.	tapir	telágoi T, G T K tapiodžo LF talágoihai	A, Š tapi
282.	cabiai	haike-hūra T, G LF haikéhūra	Š ügua
283.	paca	haike- h'ré LF hum-hai	A tiasú, Š samí
284.	pécari	nkákai G	Š ixkwe
285.	coati	xéxéai G, xaxai T LF haikankai	Š mualapiri
286.	coati preto	haikö	
287.	coati amarelo	hevádio G	
288.	tamanoir	mōgo G, mmk- horfai T LF moko-hehai	Š d'uambia
289.	tamandua mirim	mobáta LF moko-atai	Š d'uambia-kau
290.	chien		Š noñteñ
291.	porc sauvage	haikú-húmai LF huhai	
292.	autre espèce du porc sauvage	kúxei G	
293.	rat	hrarau LF hararau	Š kūyü
294.	souris		Š angayá
295.	lièvre	ttka LF tēká	Š tipičí
296.	armandile	haikel-dápe LF hekeldáve	Š tatú, A šētétú
297.	tatú de rabo mola	uéy G	
298.	porc-épic	elákuike T, kuikué Ñ	
299.	oiseau	yyra T, ngoora G	Š guara-čingue

		LF guro kihánge	
300.	ouef	pirro T, pirro G, T K piroro LF piroro	Š nembü
301.	ara	nuula	A guaká
302.	perroquet	ulaválai T, uveravá T	
303.	jacu (<i>Penelope superciliaris</i>)	kókai LF kukai	A yakutin, Š yakú
304.	jacutinga	pimpiái LF pinpi ^{ai}	A yakuká, Š yakúká
305.	toucan	kkrrre	
306.	colibri	pinóm	
307.	tiriva (<i>Pymiusa frontalis</i>)	kášoi T, piēye H	
308.	maitaca (<i>Pionus maximilliaris</i>)	šákašakai	
309.	picapau preto (<i>Cropheus lineatus</i>)	takahái T, tika'e H	
310.	urú (<i>Odontophorus capoeira</i>)	kokuái	
311.	macuco (<i>Pinamus soliterius</i>)	kon'hái H	
312.	pavo (<i>Pyroderus soretatis</i>)	h'mái	
313.	tucaninho (<i>Selemidera maculiratus</i>)	kutiái	
314.	saracura (<i>Aramides capanea</i>)	kuarkuái	
315.	tangará (<i>Chiroxiphia caudata</i>)	miaroái	
316.	gralha amarela (<i>Cyanocorax chrysops</i>)	šamšavái T, šonšou H	
317.	japú (<i>Obstinopus sp.</i>)	kuahái	
318.	alma de gato (<i>Piaya cayana macroura</i>)	tekahái	
319.	oiseau inconnu	laxlae H	
320.	autour	piakao T, piake G, ppkeai H	
321.	epervier	pit'ákan	Š gro-gvačú
322.	chouette	prápo G	
323.	mutum (<i>Crax sclateri</i>)	guóro-hum'hai	
324.	vautour	taigme	Š arawú
325.	uruburei	trafôfai T, krágue ² - ingai G LF fofai	
326.	autruche		Š adwü
327.	canard		A iú, Š üpé
328.	pomba (<i>Ictinia plumbea</i>)	piakan LF hāhāhai	Š palkačú
329.	poulet	T K piroro = ouef	
330.	poisson	elāt'a LF radža	A pirá, Š phüxkü
331.	piranha		hadyuwá

332.	tortue	čočoé T K šušuihai	
333.	caïman	T K moi ape ratčo	Š tadywapé
334.	serpent	moi T, mboi H LF moi	A boy, Š mboy
335.	serpent à sonnettes	T K mod'egoitai LF dagoi	Š bage-rará
336.	poison d'un serpent		Š mboy tatu
337.	grenouille		Š pepfo
338.	crapaud	ñoi LF ndoi	Š dyug
339.	iguane	moyéruai	Š mboyi-wagwe
340.	lézard	T K moi hiru ai LF moihiruai	
341.	guêpe	kelá' TK keveu LF kawá	Š panuá
342.	sauterelle	ttko LF toko	Š tuku ^h
343.	papillon	páua	
344.	pou	kö T, k ² G LF kö	Š kekü
345.	puce		Š čaiwa
346.	araignée	ňálo T, ñandó G LF ñádu	Š nyandu
347.	toile d'araignée	héui G	
348.	coquille	yatéta	
349.	tique	yatéo	
350.	grillon	kkd'o G	
351.	larve, grande	t'angótó G	
352.	larve, petite	mmko G, mók' T	
353.	escargot	ramád'	
354.	fourmi	alála LF arará	Š rará
355.	termite	T K aralá = fourmi	Š paitkrü
356.	moustique	mallgue T, niát'iu G LF malêgue	Š membükau
357.	borachudo	T K marige	
358.	mouche	mmro T, G LF mêro	Š butu
359.	abeille	éi LF éi	Š ey
360.	abeille irapuá	nikángue	
361.	miel	ekángue LF ikânge	Š taruvüpu
Les plantes			
362.	arbre	auura LF áuéra	Š urara

363.	feuille	há T, ká G LF há	Š ura-partü
364.	branche	háka	
365.	écorce	d'ápe LF ipegwa	Š ura-pegué
366.	racine	hápo T, áboi G	Š ura-rapá
367.	épine	hát'é T, ñó G	Š džyú
368.	semence	uáu G	
369.	résine	tiraméta LF huawaai	Š uraitü
370.	fleur	T K d'aputirare LF debótéráme	Š patü
371.	buisson		Š mimkükam
372.	herbe		Š kapiurú
373.	pelure	ed'áve	
374.	stipule d'un palmier	T K ot'id'iágue	
375.	liane	kráui	
376.	liane, autre esp.	ašipá T, át''pa G	
377.	peroba (Aspidosperma polyneuron)	arápiava H T K arapiokã	
378.	pão d'arco (Tecoma leucoxyllum)	alauáte	
379.	embaúba (Cecropia adenopus)	amal	
380.	banana do macaco (Phylodendron sp.)	wuauí T, uvai H	
381.	cabreuva do balsamo (Mycrocarpus fastigiatus)	nemakád'e	
382.	ortie	panádžo T, pöna H T K panadžo	
383.	tabac	mimát'a ppt'a	Š howedu
384.	jeriva (Cocos romanzoffiana)	euá T, uála G	
385.	caeté grande	págua	
386.	maté (Ilex paraguayensis latifolia)	kukuai G LF kokuai	
387.	maïs	nut'ia G	A abaši, Š avači
388.	tige de maïs		Š yinapá
389.	grains de maïs		Š haũ
390.	manioc	iyotéi G	Š maniok
391.	racines de manioc		Š hapó
392.	farine de manioc		Š ikui
393.	beijú		Š awaiči-kuru
394.	banane		Š ié
395.	fève		A kamandá, Š hačó
396.	bambou	tágua LF tákua	Š takvá
397.	canne à sucre		Š kana
398.	palmier	T K uranuá	

399.	timbó (Paulinia pinnata L.)		Š nikašigua
400.	caratinga	kógua	
401.	guabiroba (Britoa rugosa)	ua'kuá T, makua H, uakua G	
402.	pitanga (Eugenia ligustrina)	síkua	
403.	jaboticaba (Myrcia jaboticaba)	nopráite T, umápáite G T K neopráite	
404.	macauiba (Acrocomia sclerarpa)	tangráte T, dáel ⁹ G	
405.	resina de jatobá (Hymenaues sp.)	orádžo = tembetá	
406.	jaracatiá (Jaracatia dodecaphylla)	uad'iará G	
407.	aracatiá, fruit	uad'aua G, Ñ	
Quantité			
408.	un	uái T K matei	Š matinkan
409.	deux	mmgai T K mmke	Š mokoi
410.	trois	mágatei T K mangaté	Š ñiirü
411.	quatre		Š šyétá
412.	cinq		Š hendá košime
413.	beaucoup	hhta	Š hendá (ms)
414.	un peu	naite	
415.	tous	T K xetá = beaucoup	
416.	seul	T K tčain	
417.	demi	amad'á G	
418.	partie	T K id'algue	
419.	premier	T K inande	
Les pronoms			
420.	je, moi	t'e T, kie G, K	
421.	tu	T K ne	
422.	elle	né G	
423.	nous tous	T K ñande	
424.	vous	T K pé	
425.	elles	iyy K	
426.	mon, ma	T K t'imid'a	A šeruy
427.	ton	T K ñimid'a	
428.	notre	ñanemid'a	
429.	eur	T K hemid'a	
Les adjectifs			
430.	grand	halld'a T, havít'e G LF halédža, hauidža	A avišá, Š ipiré
431.	petit	ttño T, G LF teai	Š kan
432.	haut	l'avai	Š niyakočá

		LF niauai	
433.	long	kód'a	A gâe
434.	gras	akiádo G, at'iádžo T	
435.	maigre	tehédža	
436.	courbe	yueite	
437.	bon	ivailé T K ñandei	A avišá = grand
438.	beau	ivainei	
439.	mauvais	T K naprañčange	A irahi
440.	laid	ñakkro T K ñanggro	
441.	sale	ñégurú T K ñiegūru	
442.	vieux	lári T, K LF inama	Š šiwé
443.	jeune	nemanguari T, moyé H	
444.	froid	hrait'a LF ñrandža	Š haikanguité
445.	chaud	háko LF háko	Š čiptuitpá
446.	sèche	pirrba	
447.	mouillé	al'ába LF awaba	Š amma
448.	malade	hád' T, had'e G T K hád'e LF hâde	Š čimapreće
449.	mort	T K ñānguiñā	Š adžikūi
450.	crêve	T K ññguia	
451.	prudent	žerákoa G	
452.	vaillant	makád'i	
453.	neuf	emanguar' G	
454.	enceinte	ñamote	
455.	léger	T K pomn'ña	
456.	lourd	T K ipar	
457.	rond	T K tabrxña	
458.	amer	áxü	
459.	doux	ñākva	
460.	joyeur	T K hałe	
461.	sot	T K ned'ekoi	
462.	est-il marié?	T K aire mirada?	
463.	blanc	kafaé T, katá'ai G, sikand'iu H LF katahai	A tin, Š marakū
464.	noir	hūnte LF hūntai	A hom, Š huhun (ms)
465.	oscure	onndžo	
466.	rouge	futáte T, potantai H	A morápiram, Š

		LF putâdai	puton
467.	bleu	ahhlte LF awete	Š howitiwi
468.	vert	aólde = bleu LF awete = rouge	Š hawitinge
469.	jaune		A iżú, putangučue rouge
470.	clair	kakóai	Š =
Autres mots			
471.	hier	kerámáue G	
472.	soir	karakádo	
473.	demain	puññime T, poñeme T K	
474.	aujourd'hui	áide	
475.	maintenant	áiri G T K aire = après	
476.	au travers	T K uáta	
477.	ici	akále T T K akáre	
478.	là	ekuva G T K aiggre	
479.	en arrière	hakakue	
480.	en haut	hinonde	
481.	ci-dessus	iñevai T, G	
482.	en bas	éépe G	
483.	de ce côté-ci	ed'io	
484.	par-dessus	T K ñoáde	
485.	sous	T K igura	
486.	dedans	T K pogota	
487.	quelque	T K át'i	
488.	oui	hm	Š eyí
489.	non	hé G, ñ' T K LF ñiá	Š üaitü
490.	peut-être	ñiá	
491.	avec moi	džá	
Les verbes			
492.	abattre	T K amánguei	
493.	aiguiser	T K akata	
494.	aller	á G	
495.	je vais boire	ahaigua	
496.	de l'eau		
497.	allons	žá	A ežo
498.	va	žá	A ežo
499.	viens ici	T K ed'io	
500.	allumer	mad'a ppta	
501.	appeler	T K edžo	
502.	je n'avais pas	čam G	
503.	avoir faime	ad'irati G	

		T K ad'uirad'i	
504.	j'ai faim	T K hād'irat'i	
505.	se baigner	T K ad'áu	
506.	bâtir	annpa T, G	
507.	battre avec les orties	amānga	
508.	boir	au	
509.	cacher	amādzāpo	
510.	causer	akaúē	A ñomongetá
511.	chanter	apelei T K aparai	
512.	chasser	tadiuka T, adiika G	
513.	non chasser	tadiukamé	
514.	chercher	T K ašaréka	
515.	chier	poyt'inabad'?	
516.	courir	T K ñamanana (impératif), ili ñamanana	
517.	crier	T K od'apokeñ	
518.	cueillir	māpe G	
519.	déchirer	šóge	
520.	dérober	ogolá	
521.	dessécher	T K uauére	
522.	donner	lapai T, añapai G	
523.	donner les coups	T K amai mue	
524.	dormir	tañina T, áñina G, tiñíma H	
525.	non dormir	T K tañinanhé	
526.	échapper	añamolar? G, T K añinguai	A moniá
527.	enterrer	T K amamab'eñ	
528.	éternuer	T K hat'a	
529.	être assis	uápa	
530.	être assis en ronde	iráñé ad'iant? G	
531.	être coucher	T K añina	
532.	je suis malade	T K tirád'epat'e	
533.	éventer	omoppto G	
534.	faire	T K adiža	
535.	faire des fils	T K ašauai	
536.	forer	aku'éte G, kišišeue T K	
537.	frapper	T K ad'óka	
538.	fuir	T K ñamarana	
539.	incendier	atapoemba G	
540.	indiquer	éd'ane	
541.	jeter	T K amamo	A išá
542.	jouer	añembāre G	
543.	manger je mange	tauné T, au G T K et'it'iau šau	

544.	non manger	T K taumehé	
545.	je marcher	T K táta	
546.	je ne marche pas	T K tatamé	
547.	mettre	at'ikua G	
548.	mordre	t'it'ó G	
549.	moudre	at'ó G	
550.	mourir	uáta'ohé T, G	
551.	naître	oimau'e T, aimbáue G	
552.	ouïr	añiándo G, oñándo T	
553.	non ouïr	T K nad'a patčage pače	
554.	parler	džávo G, id'aué T	
555.	non parler	T K nid'iaue	
556.	perforer du lèvre	akóto	
557.	piler	ad'očo	
558.	pleurer	ad'ió T, od'iu G	
559.	non pleurer	T K nod'ió	
560.	prendre	T K aïka	
561.	préparer	T K ategua	
562.	presser	T K aput'éte	
563.	puer	T K púh'ña	
564.	respirer	T K ipai	
565.	rire	ad'áte	
566.	ramper je ne rampe pas	tad'iauve T, ád'aupi G T K tad'iaufemhe	
567.	rôtir	auádio G	
568.	s'abriter	T K añimi	
569.	sentir	aintu	
570.	se plaindre	T K ad'o	
571.	souffler	apéd'o G	
572.	submerger	T K ñápame	
573.	tenir	'ap' T, H	
574.	tirer	áiike	
575.	tomber	T K id'akvi, wá-aina	
576.	tordre des fibres	apámia' Ñ	
577.	tousser	afatče T, ária H	
578.	je ne tousse pas	anébadže	
579.	travailler	amágua	
580.	trembler	T K alépy	
581.	tresser	ad'ápa N	
582.	tuer	ád'agua	A manô
583.	uriner	T K akvaro	
584.	vivre	T K kod'a yaita wainate	
585.	voir	áidža T, aiča G	

		T K oít'a	
586.	non voir	T K ned'iat'e	
587.	voler	px'á	
588.	vouloir	T K héti	
Les phrases			
Portugais		Langue Serra dos Dourados	
amanha vou matar anta		T K poñeme poñita d'uk tapiodžo	
quando trazer vámos comer		T K aguéro aina ñani ikvarekon	
não matei nada		T K nad'ugai ña alikõ	
comer primeiro, depois tomar banho		T K čau randera aire čad'iauna	
eu fiquei com fome		T K ad'ui amyona	
amanha vámos comer		T K poñeme čauna	